

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

PAULO AUGUSTO FERREIRA VITOR

**Folia de Reis São Francisco de Assis:
estudo sobre a construção da memória e da identidade**

Versão Corrigida

São Paulo
2023

PAULO AUGUSTO FERREIRA VITOR

**Folia de Reis São Francisco de Assis:
estudo sobre a construção da memória e da identidade**

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Filosofia pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração:
Memória, Cultura, Política e Identidades

Orientadora:
Prof.^a Dra. Madalena Pedroso Aulicino

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Vitor, Paulo Augusto Ferreira

Folia de Reis São Francisco de Assis: estudo sobre a construção da memória e da identidade / Paulo Augusto Ferreira Vitor; orientadora, Madalena Pedroso Aulicino. -- São Paulo, 2023.

145 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2023.

Versão corrigida

1. Folia de Reis. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Cultura Popular. 5. ABC Paulista. I. Aulicino, Madalena Pedroso, orient. II. Título.

Nome: VITOR, Paulo Augusto Ferreira

Título: Folia de Reis São Francisco de Assis: estudo sobre a construção da memória e da identidade

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração: Memória, Cultura, Política e Identidades.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a). _____
Instituição: _____
Julgamento _____
Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____
Instituição: _____
Julgamento _____
Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____
Instituição: _____
Julgamento _____
Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____
Instituição: _____
Julgamento _____
Assinatura: _____

À minha avó materna,
Natália Maria Ferreira
(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha professora orientadora, Madalena Pedroso Aulicino, pelos ensinamentos, orientações, paciência e confiança.

Sou grato aos professores e professoras da Universidade de São Paulo (da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Faculdade de Educação, do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades) que participaram da minha formação humanística e acadêmica. Em especial, agradeço ao professor Ricardo Santhiago Corrêa e ao professor Martin Jayo pelas contribuições em minha banca de qualificação.

À minha esposa, Daniela Guazzelli, todo o meu amor pelo companheirismo e por estar comigo nos momentos de construção deste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Maria Vitor, e ao meu pai, João Vitor, por todo o amor, confiança e dedicação.

Ao meu avô materno, José Ferreira, agradeço por todo o ensinamento sobre a cultura popular.

À minha sogra, Rubia, às minhas irmãs, Ana Paula e Natália, assim como aos meus sobrinhos amados, Bruna, Felipe, Nicole e Giovanni, agradeço por estarem sempre comigo nesta trajetória.

Agradeço aos meus cunhados, Ricardo Barreto e Fábio Passaia, e à minha cunhada, Cris Guazzelli, pela fraternidade que tiveram comigo nestes anos de pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos Paulo Tácio, William Contini, Matheus Mota e Yuri Vilcek por contribuírem para esta pesquisa desde o momento em que ela era só um projeto.

Deixo um agradecimento especial ao Grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, ressaltando os amigos Rafael Moraes, Adalberto Passos, Wagner Martins, Dona Lurdes, Seu Damião e Seu João Brito por me acolherem com tanto carinho na Folia de Reis São Francisco de Assis. Também não poderia deixar de registrar meu carinho e agradecimento a Dona Domingas Bonfim, a Seu Valdemar Bonfim e ao Padre Vanderlei Ribeiro pela contribuição que enriqueceu este trabalho.

Ressalto que o processo de pesquisa se deu em um momento de isolamento social decorrente da pandemia causada pela Covid-19, e que finalizá-lo foi um desafio não só meu, mas de todos citados aqui. É um privilégio chegar até este momento com todos os entes queridos, e só posso agradecer aos Santos Reis e à Ciência por essa dádiva.

“E como aquilo que Deus planta, ninguém arranca! Porque olha aí a Folia, está aí! Foi plantada assim! E plantada com profundidade! E como é profundo? Na oração, com os dois joelhos que foram feitos para isso. Nós temos que fazer história. Essa que lhe contei é a minha história.”

Domingas Bonfim

RESUMO

VITOR, Paulo Augusto Ferreira. **Folia de Reis São Francisco de Assis: estudo sobre a construção da memória e da identidade**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. 144 p.

Este trabalho se voltou para o estudo da construção da memória e da identidade no grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, do município paulista de Santo André, cidade que faz parte da região conhecida como ABC Paulista ou Grande ABC. Para entendermos o contexto social em que este grupo de cultura popular está inserido, partimos de um estudo histórico do próprio Festejo de Reis para, em seguida, descrever a formação social e histórica da região do ABC Paulista. Antes de adentrarmos a história da Folia de Reis São Francisco de Assis e examinarmos as entrevistas realizadas, colocamos em discussão os aparatos teóricos sobre memória, trazendo os conceitos de construção da memória coletiva, tanto de Candau (2019) quanto de Halbwachs (1990) e de identidade, apontando para a construção da identidade na intersecção entre o subalterno e o hegemônico. Registramos, então, algumas jornadas, e contamos a história da Folia de Reis São Francisco de Assis por meio das memórias de alguns de seus integrantes, interligando os relatos aos conceitos teóricos expostos. Isso possibilitou entendermos quais elementos sociais os tornam diferentes de outros grupos. Pudemos, desta forma, registrar a memória de seus foliões, iluminando aspectos da diversidade sociocultural do ABC Paulista.

Palavras-chave: Folia de Reis. Memória. Identidade. Cultura popular. ABC Paulista.

ABSTRACT

VITOR, Paulo Augusto Ferreira. **Folia de Reis São Francisco de Assis: study on the construction of memory and identity**. 2023. Dissertation (Masters in Cultural Studies) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, University of São Paulo, São Paulo, Brazil, 2023. 144 p.

This research studied the construction of memory and identity in the group "Folia de Reis São Francisco de Assis," from the city of Santo André, state of São Paulo, Brazil, in the metropolitan region known as ABC Paulista or Grande ABC. In order to understand the social context of this popular culture group, we begin with a historical study of the "Festejo de Reis" itself, then describe the social and historical formation of the ABC Paulista region. Before delving into the history of Folia de Reis São Francisco de Assis and examining the interviews we carried out, we discuss the theoretical devices on memory, highlighting the concepts around the construction of collective memory, by Candau (2019) and Halbwachs (1990), and around identity, understanding the rise of identity at the intersection between the subaltern and the hegemonic fields. We then recorded some of the group's "jornadas," and retold the story of the Folia de Reis São Francisco de Assis through the memories of some of its members, interconnecting the reports to the exposed theoretical concepts. This enabled us to understand which social elements make them different from other groups. We were thus able to register the memory of its participants, the "foliões," illuminating aspects of the sociocultural diversity of the ABC Paulista.

Keywords: Folia de Reis. Memory. Identity. Popular culture. ABC Paulista.

RESUMEN

VITOR, Paulo Augusto Ferreira. **Folia de Reis São Francisco de Assis: estudio sobre la construcción de la memoria y la identidad.** 2023. Tesis (Maestría en Estudios Culturales) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidad de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2023. 144 p.

Este trabajo estudió la construcción de la memoria y la identidad en el grupo Folia de Reis São Francisco de Assis, del municipio de Santo André, estado de São Paulo, Brasil, en la región metropolitana conocida como ABC Paulista o Grande ABC. Para comprender el contexto social en el que se inserta este grupo de cultura popular, partimos de un estudio histórico del propio "Festejo de Reis", para luego describir la formación social e histórica de la región del ABC Paulista. Antes de profundizar en la historia de la Folia de Reis São Francisco de Assis y examinar las entrevistas realizadas, discutimos los aparatos teóricos sobre la memoria, destacando los conceptos de construcción de memoria colectiva, de Candau (2019) como de Halbwachs (1990), y de identidad, apuntando a la construcción de identidad en la intersección entre lo subalterno y lo hegemónico. Registramos, entonces, algunas "jornadas", y contamos la historia de la Folia de Reis São Francisco de Assis a través de las memorias de algunos de sus integrantes, interconectando los relatos a los conceptos teóricos expuestos. Esto nos permitió comprender qué elementos sociales los diferencian de otros grupos. Pudimos, de esta manera, registrar la memoria de sus participantes, los "foliões", iluminando aspectos de la diversidad sociocultural del ABC Paulista.

Palabras-clave: Folia de Reis. Memoria. Identidad. Cultura popular. ABC Paulista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Folia de Reis São Francisco de Assis em apresentação na Chácara Pignatari, em Santo André	18
Figura 2 – Folia de Reis São Francisco de Assis, na Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia	20
Figura 3 – Bastião da Folia de Reis São Francisco de Assis em jornada realizada em dezembro de 2022 na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, localizada na cidade de Santo André	24
Figura 4 – Bandeira da Folia de Reis São Francisco de Assis, registro em jornada realizada em dezembro de 2022 na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, localizada na cidade de Santo André	25
Figura 5 – Folia de Reis São Francisco de Assis, participação no 21º Festival de Inverno de Paranapiacaba, julho de 2022	30
Figura 6 – Mapa da cidade de Santo André.....	33
Figura 7 – Ruínas de Santo André da Borda do Campo (obra de Miguel Dutra)	35
Figura 8 – Vista panorâmica de Paranapiacaba: em primeiro plano, a cabina de comando; em seguida, a Estação Ferroviária, 5º Patamar dos Novos Planos Inclinados, 1910	36
Figura 9 – O caminho da estação São Bernardo, atual Rua Coronel Oliveira Lima, c. 1899. A fábrica que se vê na imagem é a Cia. Streiff de cadeiras e pequenos móveis	38
Figura 10 – Prédios da Rhodiaceta	39
Figura 11 – Ao fundo, a Fábrica de Elevadores Otis, Santo André, 1971	42
Figura 12 – Loja do Mappin em Santo André, entre 1980 e 1990	45
Figura 13 – Imigrantes entrados no estado de São Paulo entre 1872-1971	47
Figura 14 – Procissão dos Carroceiros, 1975, São Bernardo do Campo	49
Figura 15 – Grupo de pintores que decorou o salão de festas do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André durante Baile Caipira, 1961 ou 1963	51
Figura 16 – Folia de Reis São Francisco de Assis da Cidade de Santo André.....	64
Figura 17 – Folia de Reis São Francisco de Assis na Paróquia Nossa Senhora do Paraíso	65
Figura 18 – Folia de Reis São Francisco de Assis, apresentação no Festival Multicultural de Santo André, 2019	67
Figura 19 – Folia de Reis São Francisco de Assis iniciando a jornada na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, dezembro 2022	69
Figura 20 – Foliões reverenciando o Presépio na paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, dezembro 2022	71
Figura 21 – Folia de Reis São Francisco de Assis encerrando a jornada na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, dezembro 2022	72
Figura 22 – Pesquisador como bastião na Capela São Francisco de Assis, dezembro de dezembro 2021.....	94

Figura 23 – Folia de Reis iniciando a missa de Natal na Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, dezembro 2021	97
Figura 24 – Folia de Reis São Francisco de Assis na Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, dezembro 2021	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados gerais do município de Santo André (IBGE)	32
Tabela 2 – População recenseada, Região Metropolitana de São Paulo: Santo André, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010	42
Tabela 3 – Número de estabelecimentos e pessoal em Santo André: 1970, 1980, 1988 e 1999	44
Tabela 4 – Dados referentes aos entrevistados	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FOLIA DE REIS	18
2.1	Festejo	21
2.2	Formação	22
2.3	Bandeira	24
2.4	Canções	26
2.5	Jornada	27
2.6	Ressignificação	28
3	A CIDADE DE SANTO ANDRÉ	32
3.1	Santo André da Borda do Campo	33
3.2	Início da industrialização do município	39
3.3	Anos dourados	41
3.4	Mudança industrial ou desindustrialização?	43
3.5	Processo migratório	46
3.6	Atividades culturais	48
4	MEMÓRIA E IDENTIDADE	53
4.1	A construção da identidade	53
4.2	A construção da memória	58
5	FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS	64
5.1	A jornada nas paróquias	68
6	MEMÓRIA E IDENTIDADE NA FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS	73
6.1	A memória coletiva	75
6.2	Identidades e memórias na folia	80
6.3	Identidades e resignificação	86
6.4	Tradição e memória	89
6.5	A memória de uma jornada	94
7	RESULTADOS	100
7.1	Considerações Finais	101
7.2	Limites e sugestões	102
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICE A – Íntegra das entrevistas	109
	APÊNDICE B – Modelo de autorização	144

1 INTRODUÇÃO

Sempre fui fascinado pelas manifestações culturais, principalmente aquelas com traços populares e tradicionais, que contam um pouco da história social do Brasil; e tentar entender como estes segmentos culturais disputam os espaços físicos e simbólicos dentro das áreas urbanizadas com outros segmentos era o ponto de partida para os meus questionamentos. Venho de uma família de migrantes do sertão nordestino que, em procura de condições melhores de vida, se mudaram para o Estado de São Paulo em meados do século XX. Meus avôs largaram tudo para trás, despiram-se dos laços familiares e do círculo de amizades, deixaram suas cidades natais e cruzaram estados e culturas, até chegarem a Santo André – cidade que se transformava economicamente e socialmente. Nesse período, conheceram a repressão, a solidão e o desamparo da vida urbana; trabalharam nas fábricas locais e se instalaram no subúrbio do Município.

Nessa viagem só de ida, perderam muita coisa, mas ganharam outras. Certa vez, quando perguntei para meu avô materno como era a sua terra natal, ele respondeu: *Era bom, mas não tinha nada lá*. Eles se adaptaram à cidade grande: Santo André agora era a terra deles. Boa parte de seus filhos haviam nascido nesta cidade; de certa forma, agora meus avós eram andreenses. Eles haviam absorvido vários elementos socioculturais urbanos; mas, no dia a dia, era possível ainda identificar muitos costumes culturais regionais das suas cidades natais: a culinária, as falas, as vestimentas, tudo isso ainda permanecia lá. Na minha família, a expressão “oxente” não é somente uma marcação linguística regional, mas também a confirmação de pertencimento à cultura nordestina.

A minha relação com meus avós além de fraterna foi cultural: construiu a minha identidade. Através da memória deles, pude conhecer locais em que nunca estive presente, como o vilarejo de Pelo Sinal, que fica na cidade de Solidão, Pernambuco, pois a lembrança que eles tinham de sua terra natal me fazia percorrer cada rua, cada casa, conhecer cada morador do vilarejo. Por meio da memória deles conheci meus antepassados, conheci as serras e os pastos, conheci a tão cruel seca que castigava o povo sertanejo, conheci o cangaço, conheci a prisão de meu bisavô, assim como conheci as marcas das correntes cravadas na perna da minha tia-tataravó, decorrentes ainda do período devastador de povos escravizados. Conhecer a cultura de meus avós através da memória era entender a relação deles com a cidade em que nasci: entender como eles lidavam

com uma cultura urbana que entrava em choque com aquela cultura rural.

Viver no subúrbio de Santo André trouxe experiências multiculturais importantes para a minha formação social, pois convivi com um panteão de práticas culturais, memórias e identidades de diversos grupos sociais. Somente dentro de casa eu convivía com três gerações diferentes: a dos meus avós, que traziam consigo as vivências e crenças de um Brasil rural; a dos meus pais, inseridos nos movimentos urbanos contemporâneos, que iam da nova música popular brasileira ao sindicalismo dos trabalhadores e trabalhadoras industriais; e a minha própria geração, que assistia à luta pela redemocratização do País, convivía com a Guerra Fria e também com os novos espaços de produção sociocultural capitalista.

Crescer e viver no ABC Paulista é estar envolto em um processo social de múltiplas experiências culturais; é ter a identidade construída no dia a dia, na relação com as pessoas e com os grupos, na troca de experiências. Se essa identidade está sempre em transformação, isso não quer dizer que não haja elementos identitários estáveis, mas sim que há vários elementos que vão se aglutinando na formação do indivíduo.

Conviver com essas múltiplas experiências culturais fez surgirem certos questionamentos sobre o porquê de determinadas manifestações culturais desaparecerem no decorrer dos anos, enquanto outras se mantêm ativas na região, o que me levou – em 2017, após uma reunião com grupos culturais do ABC Paulista – a tentar entender qual o mecanismo de preservação cultural dos grupos populares local. Aqui uso o termo “preservação” com cuidado, pois não penso na preservação de uma atividade de forma conservadora, com elementos estruturais desconectados socialmente, mas de forma orgânica e viva, com suas incoerências e falhas, assim como suas sabedorias e experiências enriquecedoras do conhecimento popular.

Antes de falar sobre como surgiram alguns questionamentos ligados ao meu objeto de pesquisa, preciso posicionar a minha relação profissional e acadêmica com a cultura, pois ela é pertinente para este trabalho. Sou servidor público da Secretaria de Cultura de Santo André e, no ano de 2017, estava trabalhando com grupos e coletivos locais, tanto aqueles ligados à cultura urbana quanto os ligados à cultura tradicional popular. O processo de trabalho era simples e colaborativo: por meio de reuniões, os grupos discutiam e apontavam formas de potencializar suas práticas culturais, e a Secretaria de Cultura, institucionalmente, direcionava as políticas de fomento cultural que fossem pertinentes a cada segmento.

Foi em uma reunião com violeiros regionais que tive meu primeiro contato com uma Folia de Reis da região do ABC. Em um bate-papo, conheci o senhor Pedro Balduino, folião da Folia Baeta Neves, que pertence à cidade de São Bernardo do Campo. Nessa conversa, ele me contou um pouco sobre a história da folia, o que instigou minha curiosidade, pois ainda não sabia da existência do festejo na área. A narrativa de Seu Pedro era repleta de uma memória que contava não só a história dele e da folia, mas da própria região.

A partir dessa conversa, o meu interesse pelas culturas populares e pelas histórias orais só aumentou, o que me levou, em 2018, a pesquisar as Folias de Reis do ABC Paulista. Nesse momento iniciava-se minha pesquisa na área cultural.

Ao aprofundar a pesquisa me deparei com o grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, único grupo de folia da cidade de Santo André, e um dos últimos do Grande ABC. Entrei em contato com o embaixador Rafael Moraes, e nossa curta conversa só fez aumentar meu interesse pelo festejo: as memórias que ele trazia sobre o grupo, mesmo aquelas que não eram vivências dele próprio, me motivavam a procurar entender os mecanismos de construção da memória e da identidade dos participantes dessa manifestação cultural que, de certa forma, tem um caráter rural, mas que ainda se mantém viva numa área urbana. Assim se deu o início deste trabalho.

Entretanto, ao dar início à pesquisa deparei-me com um problema que estava para além do campo de análise: a pandemia de Covid-19, que, em início de 2020, parou toda a sociedade, obrigando a população a se isolar socialmente. As atividades sociais e culturais foram suspensas. O cronograma de atividades de pesquisa que havia planejado sofreu um grande impacto, pois não seria mais possível realizar a pesquisa de campo no ano de 2020; a convivência com o grupo de folia não seria possível naquele momento.

Nesse período, procurei me debruçar sobre os conceitos teóricos que permeiam esta pesquisa; os contatos com os foliões foram feitos por telefone e cercados de desânimo, pois nem eu nem eles sabíamos o que aconteceria, e muito menos quando tudo voltaria ao normal com os encontros presenciais. Várias vezes pensei em encerrar a pesquisa, tanto por problemas de saúde que ocorreram nesse intervalo, quanto pela impossibilidade de estar em campo entrevistando os foliões.

Porém, no final de 2021, dois anos após o início da pesquisa, consegui ir a campo. Participei da Folia de Reis São Francisco de Assis como um folião; e consegui

registrar algumas atividades e realizar algumas entrevistas entre dezembro de 2021 e janeiro de 2023. Havia ainda a preocupação com o distanciamento social, e foi necessário seguir alguns protocolos de segurança do Ministério da Saúde, o que impossibilitou tomar aquele café que todo entrevistador espera compartilhar ao visitar o entrevistado. Mesmo assim, foi possível conversar e registrar as narrativas memorialísticas dos integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis.

Ressalto que, ao pesquisar os grupos de Folia de Reis no ABC Paulista, foi verificado que, em 2022, somente duas Folias de Reis ainda saem pelas ruas da região: a Folia de Reis São Francisco de Assis, da cidade de Santo André, e a Folia de Reis do Zé Reis, de Diadema. Até 2019, a tradicional e mais antiga Folia de Reis da região, a Folia de Reis Baeta Neves, da cidade de São Bernardo, ainda saía pelas ruas do bairro que lhe dá nome; porém, com a morte do embaixador, a folia parou os festejos, o que implica numa perda cultural para o ABC.

Dessa forma, foi necessário fazer um recorte e pesquisar como são construídas a memória e a identidade na Folia de Reis São Francisco de Assis, folia da cidade de Santo André, levando em consideração esta ser a única do grupo de Folia de Reis de que se tem registro no Município, e ser também uma manifestação cultural de caráter originalmente rural praticada na área urbana.

Vale ressaltar que a Folia de Reis é uma manifestação cultural de caráter religioso, que pertence ao ciclo de festejo natalino cristão, e que celebra o nascimento de Jesus de Nazaré. Realizada entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, essa festa geralmente é organizada por devotos dos Santos Reis, que saem pelas ruas em peregrinação visitando casas e espaços religiosos. A Folia de Reis, ao fazer a jornada, busca representar simbolicamente a trajetória bíblica dos magos do Oriente que, segundo o relato religioso, viajaram em busca de Jesus Cristo, que acabava de nascer. Os magos são popularmente conhecidos como os Três Reis Magos, de nomes Baltazar, Melquior e Gaspar.

A festa de Santos Reis é realizada em várias regiões do Brasil e está inserida dentro da tradição cultural-religiosa ligada ao catolicismo. Para além do ritual, estruturado na fé dos devotos, o festejo confere aos seus participantes elementos simbólicos e culturais diretamente ligados à construção da memória e ao fortalecimento da identidade destes grupos, assegurando-lhes laços de pertencimento territorial e redes de interação e organização social em torno de estruturas de identidade.

Partindo da premissa de que a Folia de Reis é uma manifestação cultural que estabelece relações socioculturais em um determinado espaço e tempo com outros segmentos sociais, a pesquisa tem como objetivo analisar como a realização do festejo contribui para a construção da memória e de valores culturais dos integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis, corroborando também para a construção da identidade, assim como para a manutenção de elementos identitários relacionados às manifestações culturais destes foliões.

Desta forma, para que a pesquisa pudesse abarcar a construção memorialística e identitária do grupo em questão foi necessário valer-se de agrupamento metodológico. Em princípio, partiu-se de um levantamento histórico da Folia de Reis no Brasil, apresentando a estrutura de seus ritos e verificando a relação direta entre a religiosidade e a prática cultural do festejo dentro da cultura popular. Em seguida, realizou-se um estudo histórico sobre a formação social e espacial da cidade de Santo André, localizada na Região Metropolitana de São Paulo, de forma a compreender o desenvolvimento econômico e o processo migratório que ocorreu na região em diversos períodos, a fim de analisar como as transformações impactaram as relações culturais da região, a metodologia histórica utilizada se deu por meio da abordagem sistemática da coleta de dados históricos publicados por pesquisas correspondentes aos objetos citados acima.

Depois de descritos os processos de formação social do município e da região, colocou-se em debate algumas teorias em relação à memória e à identidade, que serviram como base para a análise neste trabalho. Referente à memória, pautou-se a discussão na questão da construção da memória coletiva, colocando em debate dois autores importantes que partem de percepções diferentes sobre a construção da memória coletiva, Maurice Halbwachs (1990) e Joël Candau (2019). Já para entender como se configuram as identidades no grupo de folia, partiu-se de estudos que analisam a atuação da identidade dentro do campo da resistência cultural, linha fundamental para analisar como a cultura popular interage com outras áreas socioculturais que atuam no espaço urbano, apontando para a disputa entre os setores culturais subalternos e os setores culturais hegemônicos na construção da identidade, aqui dois autores serão seminais para a discussão, Stuart Hall (2014) e Néstor Garcia Canclini (1983)

Em seguida, realizou-se um levantamento histórico do grupo Folia de Reis São Francisco de Assis, apresentando os integrantes atuais da folia e as atividades

festivas que ainda são realizadas pelo grupo no Município de Santo André. Essa parte da pesquisa é importante para entender como se dá o processo de organização e realização do festejo dentro da cidade, apontando as suas ressignificações. Para registrar a história do grupo, foi necessário recorrer ao relato memorialístico de seus integrantes, por meio da história oral, já que não havia registro oficial da folia em material físico.

Após a descrição histórica do grupo, realizou-se as entrevistas com alguns integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis. Este ponto da pesquisa é de suma importância, pois aqui temos os registros memorialísticos dos integrantes da Folia, a fim de analisar como se dá a construção da memória e identidade no grupo, além de verificar os processos de ressignificação do festejo. Foram entrevistados Rafael Moraes, embaixador, Wagner Martins, bastião e coordenador, Adalberto Passos, bandeireiro, João Dias Brito, músico, Maria Lourdes dos Santos, coral, Padre Vanderlei Ribeiro, criador do grupo, e Domingas Bonfim e Valdemar Bonfim, figuras simbólicas importantíssimas para o grupo.

As entrevistas foram realizadas de forma a construir uma informalidade entre o pesquisador e o objeto, no qual, o pesquisador, inserido no cotidiano, abre mão de um roteiro de perguntas-chave para adentrar na conversa espontânea, o que contribui para uma maior aproximação com o objeto de pesquisa. Dentro desta proposta de aproximação entre pesquisa e pesquisador, foi possível também narrar a participação do próprio pesquisador no festejo, registrando assim a própria memória, ao lado das ações realizadas dentro do grupo em uma jornada.

Por fim, depois de fazer estes percursos metodológicos e com os dados já organizados, verificou-se que a realização do Festejo de Folia de Reis na região do ABC Paulista vai para além de uma atividade de comemoração religiosa, e que a sua prática está inserida dentro de um mecanismo social de construção de memória e de identidade coletiva, em um processo de ressignificação que mantém ativo o próprio grupo e sua prática cultural.

2 FOLIA DE REIS

A Folia de Reis (Figura 1) é uma importante manifestação religiosa da cultura popular brasileira, que pertence ao ciclo natalino cristão (ARAÚJO, 2004). Realizado entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, o festejo segue um ritual, no qual um grupo de pessoas percorre as ruas tocando e cantando músicas religiosas, visitando e abençoando casas. O Festejo de Reis encena a passagem bíblica que narra a viagem dos Três Reis Magos à procura do recém-nascido Jesus Cristo.

Figura 1 – Folia de Reis São Francisco de Assis em apresentação na Chácara Pignatari, em Santo André



Fonte: Acervo Rafael Moraes.

A história da viagem dos Reis Magos, popularmente nomeados Melquior, Baltazar e Gaspar, se referencia no Evangelho de Mateus (BÍBLIA SAGRADA, 1990), em uma passagem curta e pouco descritiva do episódio. O pequeno trecho narra a chegada de magos do Oriente a Jerusalém à procura do recém-nascido que se tornaria o rei dos judeus. Guiados pela Estrela do Oriente, os sábios encontraram a

criança em uma manjedoura, na cidade de Belém. No relato, os magos, ao encontrarem a criança e sua família, os presentearam com ouro, mirra e incenso, e então retornaram para o Oriente.

Jesus, perigo ou Salvação?

¹ Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem”.

¹¹ Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. (Mt. 2:1,11)

A passagem bíblica descrita no evangelho de Mateus não informa a quantidade de magos, e nem se eram reis. A narrativa não está registrada em nenhum outro evangelho, o que, para Cavalheiro (1999), significa que a história foi contada para justificar e reforçar a santidade de Jesus Cristo

A Festa de Santos Reis, como também é conhecido o festejo, tem sua origem nas festas populares realizadas na Europa medieval, principalmente em Portugal e na Espanha (CASCUDO, 1988). No Brasil, o Festejo de Reis foi inserido pelos portugueses ainda no período da colonização. Marinho aponta que a Folia de Reis surgiu no Brasil ainda no século XVI, como forma de catequização dos índios:

As pesquisas mostram que a Folia de Reis surgiu no Brasil no século XVI, por volta de 1534, por meio dos jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros. (MARINHO, 2015, p. 64)

Para Marinho (2015), a origem do Festejo de Folia de Reis pode estar ligada diretamente às “Jornadas de Pastorinhas”, nas quais um grupo de meninas-moças, no período natalino, percorria as casas de vilarejos ibéricos pedindo esmolas para fins assistenciais da Igreja Católica. Elas realizavam o trajeto fazendo pedidos e agradecimentos aos populares:

As “Companhias de Reis” eram inicialmente uma revisão camponesa do que as pastorinhas faziam nas cidades, que mudou com o tempo, crescendo ritos que são mantidos até hoje. As letras alteram-se, mas as melodias são as mesmas, fazendo parte do cancionário religioso do catolicismo ibérico. (MARINHO, 2015, p. 61)

Com o passar do tempo, o Festejo de Reis passou a integrar a cultura brasileira, sendo realizado tanto nas áreas rurais quanto urbanas do País, tornando-

se uma das mais antigas manifestações religiosas cristãs. A Folia de Reis é carregada de simbologias culturais e sociais, organizada por grupos de devotos que preestabelecem um circuito de visitas às casas de fiéis e espaços sagrados para levar a benção dos Reis Magos e do Menino Jesus no período natalino. Esses grupos de folia trazem consigo elementos culturais locais e geralmente são identificados pelas vestimentas, pelos músicos, pelos bastiões, ou palhaços, e pela bandeira, conforme a Figura 2. A jornada é sempre realizada com músicas e rezas anunciando a sua chegada.

Figura 2 – Folia de Reis São Francisco de Assis, na Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia



Fonte: Acervo Rafael Moraes.

Os grupos de Folia de Reis são formados por um mestre, também conhecido como embaixador, que é o responsável pela organização da folia e do grupo. Logo abaixo deste vem o contramestre, que dá suporte ou substitui o mestre em determinados rituais. Outra figura importante é o bandeireiro, cuja responsabilidade se dá no trato e cuidados com a bandeira, símbolo do grupo. Tem-se também os músicos, que acompanham o cortejo tocando seus instrumentos e entoando as ladainhas, tão importantes para a folia. E por fim há os palhaços, conhecidos também

como bastiões ou morongos, que vão dançando e pulando durante a jornada (ARAÚJO, 2004).

A organização do festejo pode se dar ou por devoção ou por promessa a ser paga pelo mestre da folia, como informam Castro e Couto, mas outros elementos podem propor o surgimento de um grupo, como a busca pela retomada de uma tradição.

A folia – em sinal de júbilo pelo nascimento de Cristo – organiza-se, em geral, em consequência de promessa, isto é, um compromisso livremente assumido, que obriga a folia a sair um mínimo de sete anos a fim de se conseguir a desejada graça. (CASTRO; COUTO, 1977, p. 7)

Em sua grande maioria, os grupos de folia são formados por parentes e amigos, que colaboram com toda a organização do Festejo (CASTRO; COUTO, 1977). Assim, a Folia de Reis está inserida numa relação de afeto e de reconhecimento, o que a torna uma importante manifestação cultural, carregada de valores simbólicos e identitários, contribuindo para a formação sociocultural de determinadas localidades.

É importante ressaltar, que a Festa de Santos Reis se dá por meio de uma reconfiguração do passado, dentro de um movimento de rememoração que atua diretamente no presente. Com isso, o festejo confere aos seus participantes elementos simbólicos culturais diretamente ligados à memória, à busca de um passado imaginado que age e transforma o tempo presente, contribuindo diretamente para a formação da identidade.

2.1 Festejo

O conceito básico do Festejo de Reis é reproduzir de forma simbólica a viagem bíblica dos três Reis Magos ao encontro do menino Deus, Jesus Cristo. Com isso, os grupos de foliões procuram manter viva uma tradição que é carregada de crença, fé e devoção aos Santos Reis.

O período de realização do festejo é entre os dias de 24 de dezembro e 6 de janeiro, dia de Santos Reis, sendo que em algumas regiões esse festejo pode durar até 2 de fevereiro (ARAÚJO, 2004). Estruturada de forma simples, a festa é realizada por grupos de folias que realizam a importante jornada pelas vias públicas, por onde

seguem cantando e visitando as casas dos fiéis e devotos, sempre abençoando os lugares visitados. Em alguns casos, os grupos recebem donativos. Ao final do festejo, em 6 de janeiro, prepara-se um almoço aos foliões.

O festejo segue uma estrutura padrão: o grupo inicia sua jornada na casa do mestre, onde se faz a reza e se principia o coro musical. Em seguida, o grupo sai em procissão pelas ruas, cantando, e segue até as casas de devotos e fiéis. Nesse trajeto, a bandeira vai hasteada à frente do grupo, com os palhaços logo atrás. Ao entrar nas casas dos fiéis e devotos, o grupo realiza rezas e bênçãos. Caso haja presépio ou oratório, todo o ritual é efetuado à frente destes.

Alguns devotos oferecem refeição ao grupo; outros dão dinheiro para o festejo, como forma de agradecimento, já que a folia tem como função levar benção e proteção aos locais visitados.

Ao realizar a jornada, os grupos de Folia de Reis ocupam tanto o espaço público como o privado, pois circulam entre ruas, casas e igrejas, estabelecendo conexão entre o indivíduo e a sociedade. Reforçam, assim, vínculos de sociabilidade que o inserem em determinado grupo (MARINHO, 2015).

2.2 Formação

Os grupos de Folia de Reis são formados por um determinado número de pessoas, que pode variar de grupo para grupo. Na folia, cada folião exerce uma função específica. O responsável pelo festejo é o mestre, conhecido também como chefe, embaixador, folião-guia, folião-mestre, capitão ou gerente (MARINHO, 2015). Ele é o responsável pelo trajeto da Folia, pelas vestimentas, pelos instrumentos e pela confecção da bandeira (CASTRO; COUTO, 1977). O mestre, além de ser o responsável pela produção do evento, também tem a função de dirigir os músicos, orientar os palhaços e apresentar a folia aos devotos, sendo a figura principal do grupo. Em algumas folias existe o contramestre, que pode exercer a função do embaixador, caso este não possa sair.

Outro membro importante para o grupo de Folia de Reis é o bandeireiro, pois ele é o responsável por carregar, proteger e guardar o símbolo máximo da folia, a bandeira. Ele também é conhecido como alferes da bandeira, bandeirista ou somente alferes (CASTRO; COUTO, 1977). O bandeireiro deve posicionar a bandeira sempre à frente da Folia, pois ela representa o grupo. Sua estampa pode variar conforme o

grupo, mas, em geral, o tema é voltado para os Magos. O bandeireiro também tem a função de apresentar a bandeira para o dono da residência visitada pela Folia (MARINHO, 2015), onde todos se reúnem à sua volta. Para Castro e Couto (1977), a bandeira serve também para afugentar influências “diabólicas”. Por isso, é sempre reverenciada e protegida pelo grupo, sendo atribuída a ela um caráter de sacralidade.

Já os músicos da Folia de Reis são os responsáveis por dar o ritmo ao cortejo. Os instrumentos mais comuns são a viola, o cavaquinho, a sanfona, a caixa, o triângulo e o pandeiro (CASTRO; COUTO, 1977). Os músicos também são cantores e, ao longo da jornada, vão acompanhando o mestre ou algum outro músico incumbido de cantar os versos da folia. Há variações regionais referentes aos instrumentos utilizados e aos ritmos tocados.

Os palhaços são figuras centrais na Folia de Reis. Para Castro e Couto (1977), eles têm a função de representar os soldados de Herodes. Porém Araújo (2004) aponta que a função do palhaço pode variar de grupo para grupo de Folia de Reis, sendo que pode representar também o “satanás”. Os palhaços são igualmente conhecidos como “guardas da companhia, mcorongo ou morongo, ou marongo, sebastião ou bastião, todos porém usam disfarce – a máscara” (ARAÚJO, 2004, p. 150). Simbolicamente eles representam o mal que persegue o menino Jesus; mas, para além disso, os palhaços, sempre dois ou três (CASTRO; COUTO, 1977), acabam sendo um atrativo aos que presenciam a jornada de uma folia. Na Figura 3, temos a imagem de um bastião.

Figura 3 – Bastião da Folia de Reis São Francisco de Assis em jornada realizada em dezembro de 2022 na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, localizada na cidade de Santo André



Fonte: Acervo Paulo Augusto Ferreira Vitor

2.3 Bandeira

Toda Folia de Reis tem uma bandeira, sendo este estandarte um importante símbolo do festejo, já que, além de simbolizar a estrela que guiou os magos, também identifica os grupos. Geralmente ela é feita com uma armação de madeira em quadrado, sendo estampada em um tecido colorido que recebe imagens representando o ciclo natalino cristão, conforme a Figura 4. Em geral, trazem fitas laterais, e em alguns casos rosas artificiais (CASTRO; COUTO, 1977).

Figura 4 – Bandeira da Folia de Reis São Francisco de Assis, registro em jornada realizada em dezembro de 2022 na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, localizada na cidade de Santo André



Fonte: Arquivo Paulo Augusto Ferreira Vitor.

A bandeira, também conhecida em algumas regiões como doutrina (MARINHO, 2015), deve seguir sempre hasteada em frente ao grupo. Os foliões têm um grande respeito pela bandeira, sendo comum solicitarem ao bandeireiro a permissão de segurar o estandarte ou de beijá-lo:

Os moradores das casas visitadas beijam-na respeitosamente e ela é passada sobre as camas num ritual de devoção e fé e nunca é colocada em lugar indigno. (MARINHO, 2015, p. 86)

A bandeira está sempre à frente da folia; é ela quem recebe as primeiras homenagens e reverências. Quando a folia para em algum lugar, é em torno da bandeira que os foliões se organizam. Castro e Couto (1977) apontam que, para alguns foliões, a bandeira pode até exorcizar uma pessoa possuída no decorrer do cortejo, devido a seu caráter sagrado.

2.4 Canções

Ouro incenso e mirra

São três Reis que chegam lá do oriente / Para ver um Rei que acaba de nascer / Dizem que um é branco, o outro, cor de jambo / O outro Rei é negro e que vieram ver.

O novo Rei que nasceu / Igual estrela no céu / O novo Rei que nasceu / Igual estrela no céu.

Dizem que uma estrela muito diferente / Lá do oriente se podia ver / Falam de um cometa, ninguém sabe ao certo / Mas pelo deserto eles vieram ver.

Ao novo Rei que nasceu / Igual estrela no céu / Ao novo Rei que nasceu / Igual estrela no céu.

E trazem ouro, incenso e mirra / Pra festejar o novo Rei / Que tem poder e majestade / Que vem do céu, que é de Deus / Que vai sofrer, que vai morrer / E que nos libertará.

E trazem ouro, incenso e mirra / Pra festejar o novo Rei / Que tem poder e majestade / Que vem do céu, que é de Deus / Que vai sofrer, que vai morrer / E que nos libertará.

São milhões de vidas que no ocidente / Que no oriente sofrem de opressão / Tem todas as cores, todos os temores / Todos os rancores desta humilhação.

Esperam libertação / E olham todos pro céu / Esperam libertação / E olham todos pro céu.

Dizem que um futuro muito diferente / Essa pobre gente ainda conhecerá / Dizem que é seguro, que o futuro é certo / Que anda muito perto, que começa já!

Olham pro Rei que nasceu / Igual estrela no céu / Olham pro Rei que nasceu / Igual estrela no céu.

E trazem ouro, incenso e mirra / Pra festejar o novo Rei / Que tem poder e majestade / Que vem do céu, que é de Deus / Que vai sofrer, que vai morrer / E que nos libertará.

E trazem ouro, incenso e mirra / Pra festejar o novo Rei / Que tem poder e majestade / Que vem do céu, que é de Deus / Que vai sofrer, que vai morrer / E que nos libertará.

(Música tocada pelo Grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis em suas apresentações. Composição: Pe. Zezinho. Gravada no álbum *Os melhores momentos 1990*, pelo selo Paulinas / COMEP.)

Como exposto anteriormente, toda folia tem seus músicos. Os instrumentos tocados variam de região para região, porém a viola, o pandeiro e a caixa estão sempre presentes nas jornadas dos grupos de folia.

A música é um dos elementos constitutivos das Falias de Reis. Faz parte da

tradição do festejo, e é por meio das canções que os foliões vão organizando estruturalmente todo o ritual durante a jornada. Os cânticos, em grande parte, são compostos pelo grupo, o que permite certa originalidade a cada folia.

As temáticas das canções estão relacionadas ao ciclo natalino, descrevendo a viagem dos Magos, o nascimento de Jesus Cristo, a chegada da bandeira e o encerramento da folia. As canções nem sempre são originais, pois, como a temática está relacionada ao nascimento de Cristo e à viagem dos Reis Magos, algumas músicas são tocadas por vários grupos (CASTRO; COUTO, 1977).

Os cânticos servem de guia ritualístico para as folias. Cada canto tem uma função dentro do festejo; eles abrem a jornada, marcam o percurso e encerram o festejo. Com uma métrica simples, as músicas são proferidas por todos do grupo, sendo em geral o embaixador responsável pela cantoria e os músicos pelo coro. Assim como a bandeira, não existe folia sem música.

2.5 Jornada

A jornada é o ponto central do Festejo, pois representa a viagem dos três Reis Magos ao encontro do menino Jesus. Toda folia tem um percurso de visitaçãopreestabelecido, no qual o grupo segue entoando músicas que falam sobre o nascimento de Jesus Cristo e sobre o Magos do Oriente.

Geralmente a jornada tem seu início na casa do mestre, com todos os foliões reunidos. É nessa hora que o mestre passa ao grupo todas as instruções e recomendações sobre o trajeto a ser realizado e o comportamento que deve ser seguido pelos integrantes do grupo. Após as recomendações é iniciada a reza, dando início à jornada (CASTRO; COUTO, 1977).

A Folia vai realizando a jornada conforme o trajeto estabelecido previamente pelo mestre, “movimenta-se sempre com um objetivo determinado, tendo como pontos de referências, e às vezes de pousada, as casas dos conhecidos e dos amigos”. (CASTRO; COUTO, 1977, p. 5).

Na jornada, as folias só visitam as casas de quem eles recebem o convite. O bandeireiro, ao adentrar a uma casa, posta-se de frente ao presépio e ao oratório; caso não se tenha nenhum destes, ele fica de frente para os foliões, onde se inicia a reza. Geralmente os palhaços ficam do lado de fora. Estas visitas fazem parte do rito

tradicional e são a base do festejo, pois, levar a benção dos Reis Magos constitui a simbologia destes grupos. A jornada é o alicerce da Folia de Reis: é por meio dela que as práticas religiosas e culturais do festejo se dão, pois é no visitar das casas, das igrejas e dos presépios que os foliões vão demonstrando sua fé e carinho para com a folia. Sem a jornada não há folia, pois é por meio dela que se constrói toda a estrutura simbólica do ritual do festejo.

Ao fim dos festejos, fica o mestre responsável pelo encerramento. As roupas, os instrumentos e a bandeira também são de responsabilidade dele. Conforme apontam Castro e Couto, há um rito de finalização para a Folia de Reis:

Terminada a ceia, o alferes toma posição, com o estandarte, diante dos foliões, e, ao som de cânticos, processa-se o desfardamento. Em primeiro lugar, os palhaços, ajoelhados, retiram a máscara e abandonam as suas roupas, colocando-as aos pés da bandeira. Em seguida, um a um, os foliões ajoelham-se e despem os blusões. Os últimos a realizar a cerimônia são, nesta ordem, o contramestre, o mestre e o alferes. (CASTRO; COUTO, 1977, p. 6)

Essa estrutura de rito é a base tradicional da Festa de Santos Reis, essas estruturas passam por ressignificação conforme a estrutura social de cada região, algumas mudanças ocorrem, seja na jornada ou na composição do grupo, como veremos no próximo tópico.

2.6 Ressignificação

Os tradicionais Festejos de Santos Reis atravessam vários períodos na formação sociocultural do Brasil. Sua realização está voltada ainda para as relações sociais estabelecidas em um período em que a formação social era mais consistente na área rural. O festejo traz consigo esses elementos de uma comunidade pouco densa, cujos integrantes se relacionavam de forma mais parental (VICTORASSO, 2013).

Como o festejo está ligado à cultura popular tradicional de cunho religioso, quando transportada para o circuito urbano sua realização adapta-se às características sociais e culturais locais. Devido a essa adaptação, os participantes das Falias de Reis rearticulam o rito, transportando-o para a realidade urbana da região citadina na qual são realizadas, conforme aponta Marinho:

A Folia de Reis sofre mudanças, incorporando outros códigos de

comunicação, mas as tradições persistem, apesar de renovadas e reatualizadas. (MARINHO, 2015, p. 126)

Nesse contexto, as Folias de Reis realizadas em áreas urbanas promovem o intercâmbio entre o tradicional e o moderno (PEREIRA, 2017), pois, como se inserem dentro da tradição do catolicismo popular, quando praticadas nos centros urbanos promovem o encontro entre a cultura popular e a cultura hegemônica, reconfigurando a sua própria estrutura nas relações sociais.

Com as mudanças sociais, principalmente relacionadas ao mercado de trabalho, algumas folias têm que adaptar horários de saída, datas de realização e percursos da jornada, conforme a disponibilidade dos integrantes do grupo, como aponta Chaves (2013) ao pesquisar a Folia de Tachico, no município de Rio das Flores, estado do Rio de Janeiro. Esse processo é negociável, sendo fundamental para a manutenção do festejo.

Para Pereira (2017), as folias acompanham a transformação da sociedade, adaptando-se à estrutura social da qual fazem parte, pois a cultura popular está sempre em transformação, num processo dialético entre o passado e o presente. Um exemplo dessa ressignificação é a apresentação em 2022 da Folia de Reis São Francisco de Assis no Festival de Inverno de Paranapiacaba, no município de Santo André (Figura 5), que ressignifica o rito, transportando-o para uma atividade cultural da cidade.

Figura 5 – Folia de Reis São Francisco de Assis, participação

no 21º Festival de Inverno de Paranapiacaba, julho de 2022



Fonte: Arquivo Paulo Augusto Ferreira Vitor.

Carvalho (2010), ao pesquisar a Folia de Reis da Freguesia do Ó da cidade de São Paulo, aponta para paradoxo existente entre a preservação dos elementos ritualísticos tradicionais e a ressignificação do festejo quando o grupo realiza uma apresentação no evento cultural “Revelando SP”. Percebe-se que ao realizar a apresentação fora de seu espaço de atividade, o bairro da Freguesia do Ó, local de pertencimento da estrutura social que explica a própria existência do grupo folia, infere-se a possibilidade de descaracterizar o próprio festejo, desestabilizando a sua própria preservação, como aponta um dos foliões em entrevista; porém, por outro lado, ao realizar a apresentação dentro do evento cultural, o grupo ressignifica sua estrutura, o que pode contribuir para a manutenção dele mesmo, readaptando-o as práticas sociais modernas.

Essa reconfiguração é um importante elemento para a manutenção dos alguns grupos, pois é a partir da ressignificação que eles mantêm o festejo vivo em uma sociedade cada vez mais urbana e tecnológica. Com isso, percebe-se que a ressignificação faz parte da manutenção cultural do festejo, pois o conecta às práticas socioculturais vigentes da sociedade da qual faz parte.

Para entender como a ressignificação do festejo de Folia de Reis se dá em cada grupo, é necessário entender a construção social da qual ele faz parte. Dessa forma, a seguir faremos um breve estudo sobre a formação histórico-social da cidade

de Santo André, o que possibilitará entendermos o contexto em que se dá a Folia de Reis São Francisco de Assis.

3 A CIDADE DE SANTO ANDRÉ

O município de Santo André localiza-se na região metropolitana de São Paulo e faz parte da macrorregião designada como Grande ABC ou ABC Paulista, que também inclui as cidades de São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra (Figura 6).

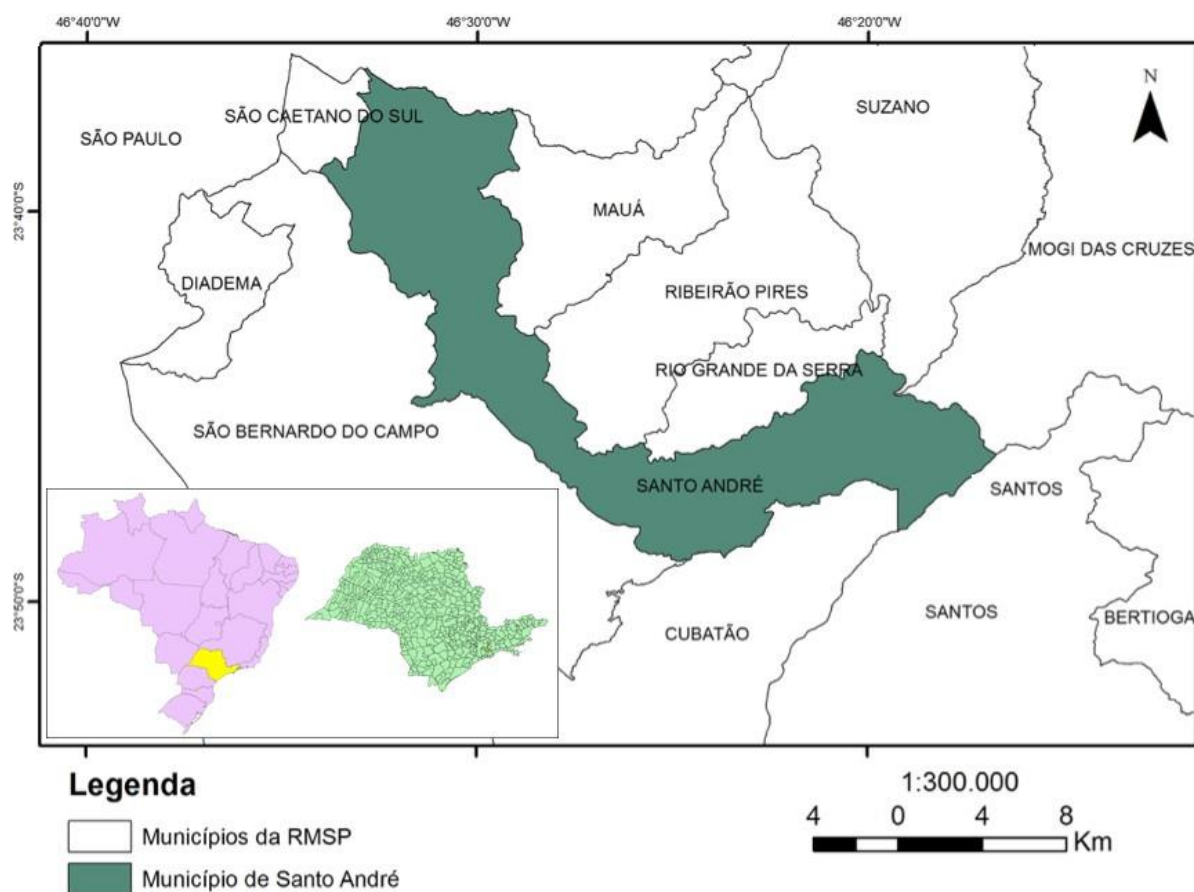
Conforme dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santo André tem uma população de 676.407 habitantes, sendo que estava estimado para 2021 um aumento, chegando-se ao total populacional de 723.889 habitantes. Em 2020, o PIB per capita do município foi de R\$ 40.812,01, e o salário médio mensal dos munícipes foi de 2,7 salários-mínimos, com um índice de 33,1% de pessoas ocupadas. Esses índices colocavam o município na posição 89 de 645 (quanto ao PIB per capita) e 91 de 645 (quanto ao salário médio), comparado com o Estado de São Paulo; e na posição 284 de 5.570 (PIB per capita) e 362 de 5.570 (salário médio) com o território brasileiro. O índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) é de 0,815. Vejam-se os dados da Tabela 1.

Tabela 1 – Dados gerais do município de Santo André (IBGE)

Área territorial	175,782 km ² [2021]
População estimada	723.889 pessoas [2021]
Densidade demográfica	3.848,01 hab./km ² [2010]
Escolarização de 6 a 14 anos	97,4 % [2010]
IDHM	0,815 [2010]
Mortalidade infantil	8,61 óbitos por mil nascidos vivos [2020]
Receitas realizadas	2.493.588,88 R\$ (×1000) [2017]
Despesas empenhadas	2.301.852,31 R\$ (×1000) [2017]
PIB per capita	40.812,01 R\$ [2020]

Fonte: IBGE (2023).

Figura 6 – Mapa da cidade de Santo André



Fonte: Soares, Adilson & Reis, Willian & Barradas, Thaís & Franchi, José. (2017). Figura 1. Mapeamento da Suscetibilidade a movimentos de massa no Município de Santo André - SP utilizando dados geológicos e de Sensoriamento Remoto. Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. 1. 56-64.

Por estar na região metropolitana de São Paulo, a cidade de Santo André recebe uma forte influência econômica e social da capital. O desenvolvimento da cidade se deu por meio da forte industrialização ocorrida no início do século XX. Mas, para entender a dinâmica econômica e social do município, é necessário traçar um panorama histórico da cidade.

3.1 Santo André da Borda do Campo

A história da cidade de Santo André é rodeada de lendas e de apagamentos narrativos que lhe dão um caráter histórico que não condiz com todo o processo oficial de municipalização da cidade. Para construir um legado histórico e heroico para o

município, a narrativa de sua origem foi realocada para o século XVI, período da colonização do Brasil, baseada na antiga vila de Santo André da Borda do Campo, localizada no Planalto Paulista, próximo à escarpa da Serra do Mar.

O povoado de Santo André da Borda do Campo, fundado em meados da década de 1550 por João Ramalho, foi um dos primeiros povoados de que se tem registro, tendo sido elevado à categoria de vila em 1553 e durando pouco mais de sete anos. Os constantes ataques de indígenas inimigos dos colonizadores incentivaram o abandono da vila e sua incorporação ao povoado de São Paulo de Piratininga:

(...) João Ramalho solicitava, desde o início, que o local em que vivia, situado acima da Serra do Mar, fosse transformado em vila. Sua petição foi negada durante vários anos, pois se pretendia povoar o litoral e não o interior. Seu pedido foi atendido em oito de abril de 1553 quando foi criada a vila pelo governador-geral Tomé de Souza, seu nome era Santo André da Borda do Campo (PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ, s.d.)

Em 1560, devido à dificuldade de subsistência, a vila de Santo André da Borda do Campo é transferida para a vila de São Paulo de Piratininga, deixando de existir, e não havendo mais nenhum registro oficial de sua localização. Com o fim da antiga vila, a região passa a ter uma ocupação rural, oferecendo serviços para os viajantes que passavam pelo caminho que ligava São Paulo do Piratininga ao litoral.

Em 1637, a sesmaria que engloba parte do que hoje é o ABC é doada por Miguel Aires Maldonado à Ordem de São Bento, que, em meados do séc. XVIII, estabelece as fazendas de São Caetano e São Bernardo, o que dá impulso à ocupação do território (Figura 7).

Figura 7 – *Ruínas de Santo André da Borda do Campo* (obra de Miguel Dutra)



Fonte: Reprodução (PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ, s.d.)

Em 1812, a Borda do Campo deixa de ser um bairro de São Paulo e passa a ser considerada uma freguesia, abarcando todas as atuais cidades do ABC e passando a ser denominada São Bernardo. Mas é somente a partir de meados do século XIX que a região passa a ter relevância econômica, quando é construída a estrada de ferro São Paulo Railway, que ligou a cidade de Jundiaí ao porto de Santos, e que cruzava parte da freguesia de São Bernardo.

Nesse mesmo período, foi construída uma vila operária na região. Localizada na Serra do Mar, a vila foi criada para abrigar os trabalhadores ferroviários responsáveis pela operação de descida dos trens até a cidade de Santos. Essa vila passa a ser chamada Alto da Serra, e se torna um dos primeiros pontos de urbanização do que futuramente viria a ser o ABC Paulista. Na Figura 8, a vila de Paranapiacaba, parte dessa expansão ferroviária.

Figura 8 – Vista panorâmica de Paranapiacaba: em primeiro plano, a cabina de comando; em seguida, a Estação Ferroviária, 5º Patamar dos Novos Planos Inclinados, 1910



Vista panorâmica de Paranapiacaba, em primeiro plano a cabina de comando de Paranapiacaba, em seguida, Estação Ferroviária, 5º Patamar dos Novos Planos Inclinados, 1910. Coleção Claudete Carvalho Salvador. Foto G. Prugner. Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Fonte: Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Com a relevância econômica da Estrada de Ferro para o Estado de São Paulo, e com a alta demanda operacional por ela exigida, também foram construídas, ainda em 1867, as estações nos distritos de Alto da Serra, Rio Grande e São Bernardo (PASSARELLI, 2005), ponto que passaria a ser conhecido como Bairro da Estação, e futuramente se chamaria de “Santo André”. Em 1884 foi inaugurada a estação de São Caetano e, dois anos depois, em 1886, a estação de Ribeirão Pires, conforme informa Passarelli:

Antes, pelo menos dois núcleos urbanos já estavam constituídos junto à linha férrea: São Caetano e Ribeirão Pires, iniciativas da experiência colonizadora do Império, que implantou núcleos coloniais nos arredores paulistanos. Embora os núcleos de São Caetano, estabelecido em terras pertencentes aos monges beneditinos em 1870, e de Ribeirão Pires, estabelecido em 1877, já se encontrassem produzindo, suas estações só foram inauguradas, respectivamente, em 1884 e 1886, o que dificultou a vida dos colonos, especialmente os de São Caetano, que, junto da via-férrea, foram obrigados, por cerca de quatorze anos, a utilizar os caminhos de tropas para a comercialização de sua produção ou aquisição de mercadorias e serviços. (PASSARELLI, 2005, p. 21)

O Bairro da Estação possuía condições favoráveis à instalação das nascentes indústrias do estado de São Paulo. As estações ferroviárias tinham grande potencial para circulação de pessoas e mercadorias, facilitando o transporte de trabalhadores e o escoamento da produção para outros centros consumidores. Em torno das estações começaram a se desenvolver núcleos urbanos para abrigar os operários das fábricas que se estabeleciam nos arredores, o que corroborou para o surgimento de estabelecimentos comerciais e de serviços para atender a essa demanda, conforme aponta Passarelli:

As estações ferroviárias concentraram as primeiras atividades urbanas – oficinas, armazéns e depósitos – e irradiaram os caminhos que interligavam povoados e chácaras. Este é o primeiro legado da ferrovia na região do ABC: de um lado a revitalização do Caminho do Pilar, que se encontrava em desuso desde a abertura do Caminho do Zanzalá, alternativa mais curta para os produtores de Mogi das Cruzes atingirem o Caminho do Mar; de outro, a formação de uma rede de caminhos e trilhas que até hoje compõem a malha urbana das cidades, realizando o sistema de circulação intra-regional. (PASSARELLI, 2005, p. 31)

Conforme Passarelli (2005), nesse período, empresas de porte considerável passaram a operar na região, como a Tecelagem Silva Seabra & Cia e a Fábrica de Casimiras Bergman, Kowarick & Cia., ambas fundadas no final da década de 1880. Poucos anos depois, surgia a Companhia Streiff de São Bernardo (Figura 9), voltada à fabricação de móveis. Havia também outras empresas de menor porte, que potencializavam a industrialização local.

Figura 9 – O caminho da estação São Bernardo, atual Rua Coronel Oliveira Lima, c. 1899. A fábrica que se vê na imagem é a Cia. Streiff de cadeiras e pequenos móveis



Fonte: Coleção: Euclides Rocco, acervo Museu de Santo André.

Visando aumentar a industrialização na cidade de São Bernardo, o poder público concedeu facilidades legais e fiscais para a instalação de fábricas no município. A lei municipal de número 95, de 1911, por exemplo, concedia isenção de impostos por 6 anos para empresas com 50 ou mais empregados. Em 1921, já eram 121 estabelecimentos industriais, que empregavam 4.316 operários; e, 7 anos depois, atestava-se que os distritos de Santo André e São Caetano eram “centros industriais de primeira grandeza, pois possuíam fábricas de tecidos, móveis, adubos, produtos químicos, louças, oficinas metalúrgicas, além de fábricas ‘menores’”¹.

A partir da ocupação do núcleo em torno da estação, o distrito se expandiu, tornando-se economicamente mais relevante que a sede do município de São Bernardo. Em 1910, o Bairro da Estação passa a ser chamado de “Santo André”; e, em 1938, a sede administrativa é transferida para essa região. Nesse período, Santo André ainda é um bairro dentro do município de São Bernardo. Somente em 1944 o município obtém a sua autonomia e municipalização, tornando-se a cidade de Santo André.

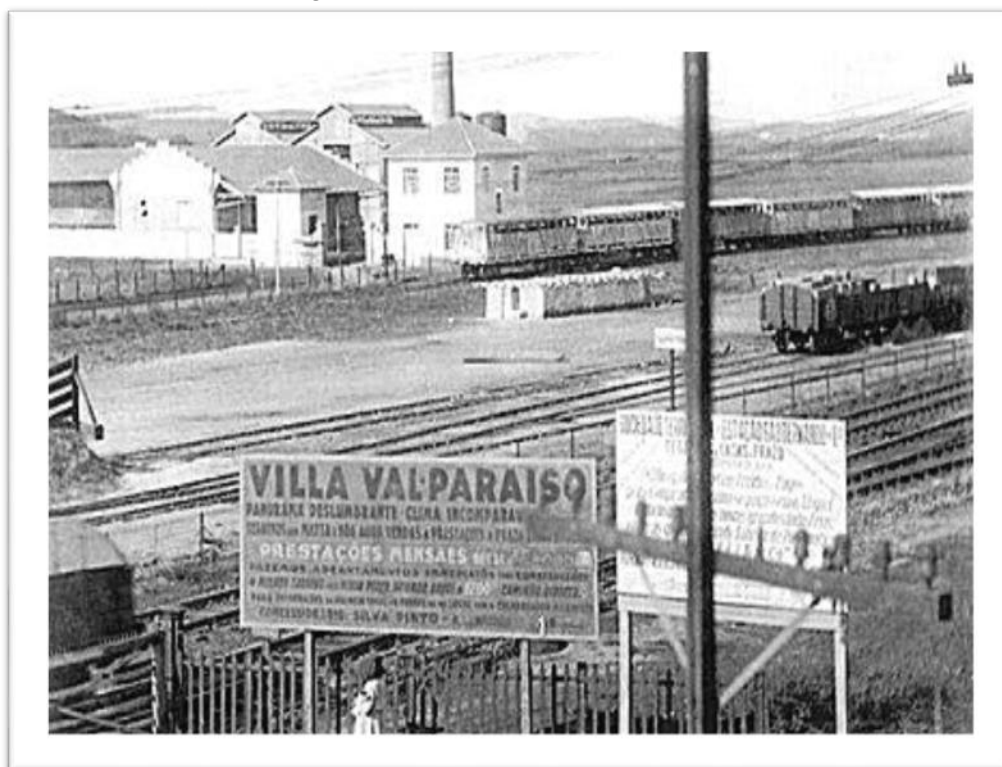
¹ FCMSB: Relatório da Comissão de Melhoramentos de São Bernardo, 28 de março de 1928 (PASSARELLI; KLEEB, 2014).

3.2 Início da industrialização do município

A industrialização de Santo André (Figura 10) tem seu início no começo do século XX, em decorrência da construção da ferrovia São Paulo Railway, que passou a ligar o interior do Estado de São Paulo a Cidade de Santos. É as margens dessa ferrovia que começaram a surgir as primeiras indústrias na região, conforme aponta Langenbuch:

O povoado Estação São Bernardo já iniciou o século XX com dois estabelecimentos têxteis de certo vulto: Bergman e Kowarick & C, fundado em 1900, produtor de casemira de lã com 204 operários em 1909, e Silva e Seabra & C, de fundação ainda anterior, que produzia brim de algodão, e empregava 500 operários no citado ano de 1909. Graças a estas indústrias, Estação de São Bernardo, atual Santo André, já figurava como principal centro industrial suburbano de São Paulo, no início do século atual. (LANGENBUCH, 1971, p.109)

Figura 10 – Prédios da Rhodiaceta



Fonte: Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu, Acervo Museu de Santo André.

Nesse processo de industrialização, vale ressaltar a importância do capital excedente do setor cafeeiro. Conforme aponta Suzigan (2000), os lucros obtidos com o café possibilitaram, mesmo que de modo parcial, a industrialização, pois o

capital excedente proporcionou o crescimento econômico. Esse capital foi sendo investido em outras áreas, como na construção de linhas férreas nacionais, importante base para o desenvolvimento industrial e para a importação de produtos e maquinários:

A forma como o setor exportador (café) estimulou o desenvolvimento industrial é similar, é claro, nas análises de Dean e Nicol. O comércio do café lançou as bases para o desenvolvimento industrial por várias razões: em primeiro lugar, ao promover a monetização da economia e o crescimento da renda interna, o café criou um mercado para produtos manufaturados; em segundo, ao promover o desenvolvimento de estradas de ferro e o investimento em infraestrutura, ampliou e integrou este mercado; em terceiro, ao desenvolver o comércio de exportação e importação, contribuiu para criação de um sistema de distribuição de produtos manufaturados; e em quarto, ao promover a imigração aumentou a oferta de mão de obra. Além disso, a exportação de café supria os recursos em moeda estrangeira para importação de insumos e bens de capital para o setor industrial (...). (SUZIGAN, 2000, p. 33)

Conforme a industrialização foi crescendo na região, indústrias de porte grande foram se instalando na localidade. Pode-se citar o exemplo da Pirelli, que em 1923 se instalou em Santo André, assim como a Companhia Brasileira de Carthuchos (CBC), em 1926. Outro ponto atrativo para essas instalações industriais era que a região, geograficamente, fica localizada entre a cidade de São Paulo e o porto de Santos, fator que facilitava o transporte de produtos e matérias-primas, conforme aponta Passarelli:

É do período pós-Primeira Guerra a instalação de indústrias de capital internacional, como a Indústria Química Rhodia (1919), Metalúrgica Ligdgerwood (1919), a fábrica de material de construções Fichet E.S. Hautmont(1923), a fábrica de condutores elétricos e pneus Pirelli (1923), a partir da aquisição da Companhia Nacional de Condutores (CONAC), a Indústria Têxtil Rhodia (1929), que fortaleceram a formação de um parque industrial diversificado que caracterizou e ainda caracteriza as cidades do ABC (PASSARELLI, 2005, p. 37)

A industrialização iniciada no século XX criou uma base para o modelo que viria a ser instalado nas décadas seguintes na cidade de Santo André. A partir desse processo de industrialização, o município passa por transformações tanto no aspecto físico quanto no populacional, decorrentes da necessidade de mão de obra, o que dará base para a grande transformação das próximas três décadas.

3.3 Anos dourados

Nos anos 1950 a industrialização de Santo André se consolida, principalmente impulsionada pelas mudanças econômicas promovidas pelo governo de Juscelino Kubitschek. É nesse período que as indústrias automobilísticas começaram a se instalar na região, alterando de vez a paisagem local. Também nessa época é construída a rodovia Anchieta, que contribuiu para o incremento econômico regional.

O Programa de Metas de Kubitschek contemplou investimentos na área de energia, transporte e indústria. Essa política econômica teve reflexo direto na industrialização do município, pois alavancou os investimentos na indústria de base:

O Programa contemplava investimentos nas áreas de energia, transporte, indústria de base, alimentação e educação, cujo montante orçado equivaleria a cerca de 5% do PIB no período 1957-61. As áreas de energia e transporte receberiam a maior parcela de investimentos previstos no Programa (71,3%), a cargo quase que exclusivamente do setor público. Para a indústria de base, foram previstos cerca de 22,3% dos investimentos totais, sob responsabilidade principalmente do setor privado (por vezes com ajuda do financiamento público). (VILLELA, 2011, p. 35)

O investimento estatal em parceria com o capital estrangeiro alterou a configuração industrial do ABC, principalmente em Santo André, pois indústrias de base aumentaram a participação no capital nacional. Um bom exemplo é a construção da refinaria de Capuava, em 1954. A sua instalação fez com que indústrias químicas como a Sovay e a Polibrasil, entre outras, também se implantassem na região. As antigas tecelagens foram dando lugar às indústrias automobilísticas, químicas e metalúrgicas, aumentando assim a complexidade industrial e a necessidade de mão de obra especializada. Conforme aponta Kleeb, tais alterações contribuíram para o aperfeiçoamento da mão de obra na região:

Com os investimentos estatais e o capital estrangeiro ocorreu um crescimento no setor automobilístico, mecânico, metalúrgico e de material elétrico. Santo André passou a abrigar várias indústrias de autopeças. A indústria foi, então, delineando um outro perfil. A mão de obra tornou-se mais especializada e as máquinas mais produtivas (KLEEB, 2001², apud FERREIRA, 2013)

2 KLEEB, Suzana C. Breve Histórico de Santo André. Santo André: PMSA, 2001.

Com o aumento de investimentos públicos e privados no setor industrial, as indústrias continuaram a se instalar no município, o que criou um parque industrial diversificado e complexo, pois a produção se tornou maior e mais heterogênea, assim como a mão de obra empregada. Essa estrutura contribuiu para o aumento populacional da cidade e dos municípios vizinhos, alterando assim a configuração espacial dos bairros, como se verifica na Figura 11 e na Tabela 2, abaixo.

Figura 11 – Ao fundo, a Fábrica de Elevadores Otis, Santo André, 1971



Fonte: Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Tabela 2 – População recenseada, Região Metropolitana de São Paulo: Santo André, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010

2010	2000	1991	1980	1970	1960	1950
676.407	649.331	616.991	553.072	418.826	242.920	106.605

Fonte: Censos demográficos do IBGE.

De acordo com Sakata, o município de Santo André apresentou, no período de 1950 a 1970, taxas elevadíssimas de crescimento populacional, conforme apontam os dados abaixo:

O município de Santo André apresentou taxas muito elevadas de crescimento da população urbana de 147,09% entre 1950 e 1960 e de 149,07% entre 1960 e 1970. O processo de urbanização estava intimamente associada ao processo de industrialização voltado para os setores como o de material de transporte, metalúrgico, mecânico, químico e outros. (SAKATA, 2006, p. 18)

Entre 1960 e 1980, Santo André passa por um aumento no seu parque industrial, conforme aponta Ferreira (2013). Esse é o período dourado da industrialização do município. As indústrias ocuparam espaços que antes eram destinados a chácaras e sítios e, com as suas instalações, trouxeram a mão de obra especializada e contribuíram para a mudança espacial.

À medida que essas indústrias eram instaladas no município de Santo André, novos bairros erram criados ao seu redor, para abrigar um contingente cada vez maior de trabalhadores, como aponta Ferreira:

No período de 1970-75 enquanto na cidade de São Paulo já se observava a queda da participação industrial, nos municípios periféricos, especialmente no ABC, verificava-se uma expansão da participação industrial, pois o crescimento concentrado da RMSP ocorreu principalmente nos municípios localizados no entorno da Capital Paulista (...) a estrutura industrial de Santo André se tornou bem mais complexa e houve um substancial aumento no número de estabelecimentos industriais e o conseqüente crescimento nos empregos oferecidos. (FERREIRA, 2013, p. 59)

O período dourado da industrialização de Santo André criou um parque industrial complexo, que contribuiu diretamente para o aumento populacional da região e para o desenvolvimento social da cidade. Porém, em meados da década de 1980, o processo crescente estanca, e tem início o fluxo contrário: várias empresas fecham as portas, o que tem impacto direto na economia local. Esse será o grande desafio para a gestão pública dos próximos anos.

3.4 Mudança industrial ou desindustrialização?

De 1980 a 2000, o município de Santo André sofre uma profunda transformação no seu parque industrial, pois diversas empresas saem de seu

território. Alguns fatores são preponderantes para essa mudança. Entre eles, vale ressaltar a guerra fiscal praticada entre municípios, a crise política e econômica vivida pelo Brasil nas décadas de 80 e 90, e o aumento no valor dos terrenos da região, contrariando o cenário do início do século XX, em que os terrenos na cidade tinham valores atrativos à instalação de indústrias.

Com a crise do setor industrial, o setor terciário passou a aumentar a sua participação econômica no município e na região do Grande ABC, principalmente na década de 1990, conforme se verifica na Tabela 3, abaixo:

Tabela 3 – Número de estabelecimentos e pessoal em Santo André: 1970, 1980, 1988 e 1999

Setor	Estabelecimentos				Pessoas ocupadas			
	<i>em 1970</i>	<i>em 1980</i>	<i>em 1988</i>	<i>em 1999</i>	<i>em 1970</i>	<i>em 1980</i>	<i>em 1988</i>	<i>em 1999</i>
Indústria	781	981	871	869	50.372	64.529	64.348	32.612
Comércio	2.393	2866	2587	9.402	8.702	15.829	2.587	31.428
Serviços	2.041	3.636	2.789	13.009	4.045	14.316	42.920	53.387

Fonte: Gerência de Tributos Mobiliários / PMSA (SAKATA, 2006, p. 22).

Conforme se verifica na Tabela 3, há um aumento considerável no número de comércios estabelecidos em Santo André na década de 1990 em comparação com 1980 (Figura 12). Evidencia-se como o setor terciário se expandiu no ABC e em Santo André desde o final da década de 1980. Essa expansão se intensificou na última década do século XX. Além do comércio, o setor de serviços também cresceu e se diversificou, absorvendo grande número de funcionários locais que anteriormente eram alocados em empresas e indústrias (ANAU, 2002). No entanto, esse processo está longe de compensar o encolhimento do mercado de trabalho pós-industrial. Além disso, é acompanhado por uma mudança social na área educacional, voltada para o ensino superior.

Figura 12 – Loja do Mappin em Santo André, entre 1980 e 1990



Fonte: MAPPIN HISTÓRIA E MEMÓRIA (2020)

Contudo, vale ressaltar a participação da indústria no processo econômico do município. Mesmo que o número de fábricas instaladas no município não seja o mesmo das décadas de 1960 e 1970, ainda há um número considerável, e por isso seria equivocado dizer que houve uma desindustrialização local. Porém o número participativo de fábricas vem caindo, o que futuramente pode configurar uma mudança – ou, de fato, uma desindustrialização de Santo André. Para Matteo e Tapia, a indústria do ABC passa por uma reestruturação no processo produtivo, o que faz com que o número de empregos caia, sendo portanto um equívoco falar de desindustrialização:

Nem São Paulo perde participação na indústria brasileira, nem a RMSP perde participação na indústria estadual, nem o ABC sofre processo inexorável de desindustrialização. Ocorre, sim, uma mudança substancial nos processos produtivos (sobretudo industriais) que promove um ganho de produtividade às custas de uma forte compressão na ocupação. (PROJETO FAPESP / CEBRAP 98/14044-8, 1998, p. 18)

A dinâmica industrial das décadas de 60 e 70 mudou com a saída de várias indústrias, alterando a configuração espacial de Santo André. No início da década de 1990, a participação da área comercial e de serviços na economia ganha relevância,

conforme se verificou na tabela 3. A rede de grandes negócios existentes na cidade é formada por empresas de diversos setores, contribuindo para o desenvolvimento contínuo da economia local.

Essas alterações atingiram todo o ABC Paulista. Conforme apontam Passarelli e Kleeb:

As implicações desse processo para a transformação do tecido socioeconômico e para a reconfiguração da paisagem foram intensas, com o surgimento de esqueletos de fábricas, de vazios urbanos e a ampliação de novos centros de compras e de serviços junto aos edifícios industriais. Ao mesmo tempo, emerge da crise uma série de empresas que sobreviveu à reestruturação produtiva e se renovou – em muitos casos com a redução da área produtiva.

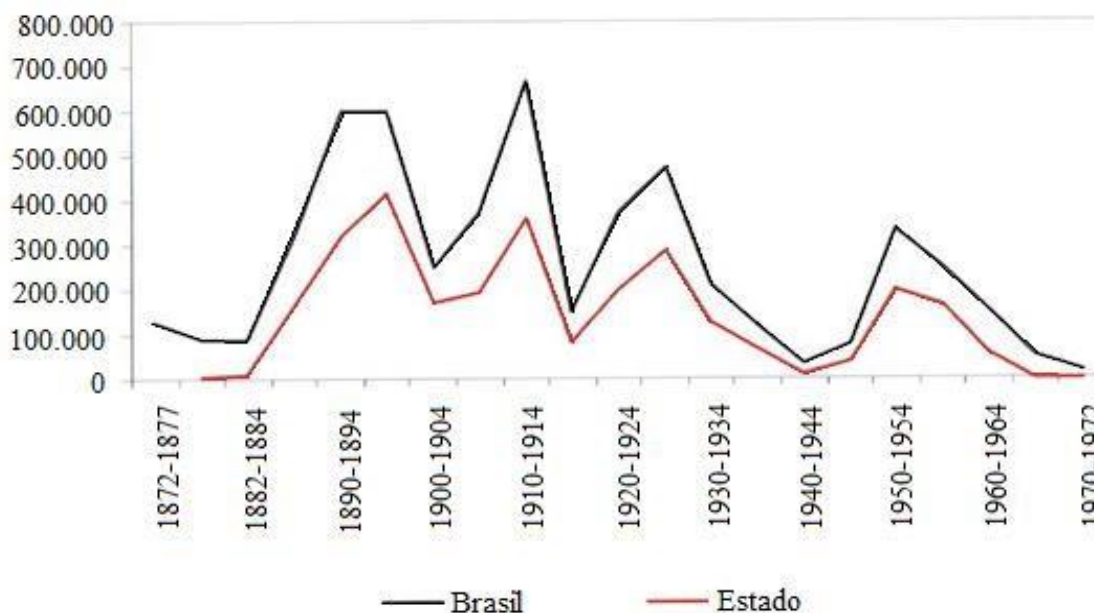
Essas alterações econômicas favoreceram mudanças na paisagem local de Santo André, com o surgimento de novas áreas comerciais e com a ampliação das áreas residenciais, principalmente nos espaços antes ocupados pelas fábricas, que vêm se tornando conjuntos habitacionais (PASSARELLI; KLEEB, 2014).

3.5 Processo migratório

Para entender a composição sociocultural do município de Santo André, é necessário analisar como se deu o fluxo migratório para o ABC Paulista, pois a variedade cultural da cidade e da região está ligada diretamente ao processo de formação social ocorrido desde o início do século XX.

Pode-se dividir o processo migratório para região em dois momentos. O primeiro se deu no início do século XX, com a imigração europeia (Figura 13), principalmente de italianos e portugueses, que se deslocaram para a região para trabalhar inicialmente na agricultura e nas olarias locais, e subsequentemente nas primeiras fábricas que ali surgiam (AYALA, 2014).

Figura 13 – Imigrantes entrados no estado de São Paulo entre 1872-1971



Fonte: BASSANEZI *et al.* (2008, p. 19). Dados do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Os imigrantes europeus tiveram uma participação importante na construção sociocultural e na formação do mercado de trabalho do ABC Paulista, pois participaram diretamente do primeiro processo de industrialização da região, contribuindo para a sua formação social (MARTINS, 2008).

Esses grupos participaram ativamente em todas as áreas sociais da região, inclusive nos primeiros movimentos sindicalistas do início do século XX, como registra a matéria do jornal *Folha de S. Paulo* em 12 de maio de 2009:

Boa parte dos operários era composta por imigrantes italianos, muitos deles simpáticos ao anarquismo. A primeira grande greve ocorre em 1906, na tecelagem Ypiranguinha, em Santo André, com 500 empregados. (SINDICALISMO..., 2009)

A imigração europeia influenciou a cultura local, contribuindo para a formação sociocultural do ABC Paulista. Essa influência possibilitou a ressignificação de manifestações culturais em um processo de interculturalidade (AYALA, 2014) que pode ser verificado em festas típicas realizadas até hoje na região do Grande ABC, como a Festa Italiana em São Caetano do Sul, ou a Festa das Nações em Santo André.

Já o segundo processo migratório ocorreu em meados do século XX, e está ligado à segunda onda de industrialização do ABC Paulista. Nessa fase, o maior número de pessoas que migraram para a região em busca de trabalho foi o dos

migrantes internos, pessoas que saíram ou do interior de São Paulo ou de outros estados brasileiros em busca de emprego na região (ALMEIDA, 2008). Esse processo de migração interna ocorreu de forma contínua no ABC entre as décadas de 1920 e 1980.

O aumento do processo migratório a partir de 1950 está ligado ao crescimento da industrialização local. Essa fase é marcada pelo aumento exponencial de trabalhadores provenientes da região Nordeste ou do estado de Minas Gerais. Conforme dados do recenseamento de 1970 (ALMEIDA, 2008, p. 83), o número de moradores do ABC que eram nascidos em outras regiões do País era de 681 mil, o que significava um total de 68,6% da população total, sendo que, desses, 16% eram nordestinos e 13% eram do estado de Minas Gerais.

Esses dados mostram a importância da migração interna na composição social da região, já que o seu total superava os 68% da população do ABC. O processo de migração modificou as relações sociais e culturais da região, já que esses trabalhadores trouxeram na bagagem sonhos, valores, memórias e símbolos de suas origens, que passariam a disputar força no campo cultural, em um processo dialético de construção social da região. Isso porque, no seu cotidiano, essas culturas se organizavam entre trocas e conflitos, entre a família e a fábrica. Nesse campo, o trabalhador se organizava socialmente.

A formação social do ABC Paulista é bem diversificada. A população local foi formada por meio dos vários ciclos de migração, o que proporcionou trocas culturais entre os indivíduos, fomentando uma relação multicultural que se deu tanto no convívio social mais restrito, como também nos locais de trabalho, onde os trabalhadores partilhavam suas experiências passadas (AYALA, 2014).

3.6 Atividades culturais

Devido à diversidade cultural decorrente da formação social do Grande ABC, as atividades culturais sempre fizeram parte da história da região. Muitas das atividades culturais regionais exercidas na primeira metade do século XX estão relacionadas aos trabalhadores migrantes e imigrantes, que trouxeram consigo manifestações culturais que passaram a fazer parte das atividades e das festas populares locais (AYALA, 2014).

Gorzoni (2007), em um estudo sobre as Folias de Reis da região, localiza

os primeiros registros sobre estes grupos entre as décadas de 1940 e 1950, sendo que os participantes, em sua maioria, eram das cidades do sul de Minas Gerais e do interior do estado de São Paulo, que migraram para a região para trabalhar nas fábricas locais.

No Grande ABC, a comemoração da Folia de Reis existe desde fins da década de 40. Segundo relatos, alguns grupos sobreviveram, enquanto outros desapareceram, na maioria das vezes, por conta do falecimento do líder e da falta de entusiasmo das novas gerações. Em Santo André, eles se localizavam no Bairro Cidade São Jorge, na Vila Linda, no Jardim Irene, no Bairro Santa Terezinha e na Vila Palmares. Atualmente, não se tem conhecimento de grupos originários da cidade. (GORZONI, 2007, p. 71)

Outros festejos também eram muito populares na região, como a Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem ou Festa dos Carroceiros (Figura 14), festa popular que teve início em 1917 no município de São Bernardo, e que contava com uma procissão de carroças enfeitadas, que carregavam até os festeiros um mastro em homenagem à santa (ALMEIDA, 2008).

Figura 14 – Procissão dos Carroceiros, 1975, São Bernardo do Campo



Fonte: Acervo Museu de Santo André. Seção de Pesquisa e Documentação.

Além das festas e dos festejos de cunho religioso, atividades artísticas

também eram desenvolvidas na região. As peças teatrais e os concertos musicais sempre estiveram presentes na produção cultural da população local. Os clubes regionais, geralmente ligados aos trabalhadores, eram espaços que fomentavam as atividades culturais. Clubes como o tradicional Clube União Lyra Serrano, criado em 1907 na Vila de Paranapiacaba, ou o Clube Grêmio Recreativo Ideal, bem como o Clube Atlético, da empresa Rhodia, eram alguns dos que movimentavam as atividades culturais com espetáculos e shows, além de atividades de lazer para os sócios.

O próprio Clube Lyra era uma síntese da diversidade cultural local: em sua dependência, realizavam-se tanto atividades artísticas quanto também esportivas, desde peças teatrais a sessões de cinema, desde jogos de bilhar ao jogo de bocha, como aponta Cruz:

O edifício também é bastante peculiar, pois mantém, em relação ao conjunto da Vila, as mesmas características originais das outras edificações, mas com soluções espaciais bem diversificadas, como, por exemplo, a transformação do salão principal em sala de cinema, em quadra de esportes ou salão de baile. Possui ainda outras salas para jogos de bilhar, tênis de mesa, sala de reuniões e outra para os troféus. (CRUZ, 2007, p. 163)

Várias atividades culturais estavam presentes no cotidiano regional dos moradores e trabalhadores do Grande ABC, atividades de lazer como futebol nos gramados de várzea, piqueniques nos parques, pescarias e jogos, assim como os festejos populares, faziam parte do caleidoscópio cultural da primeira metade do século XX. Muitas dessas atividades não fazem mais parte do cotidiano da região, conforme aponta Almeida:

Cumpramos reconhecer, todavia, que transcorridas várias décadas desde a largada industrial que atraiu para a região do ABC Paulista um crescente número de trabalhadores, obviamente muitas das atividades de lazer, desenvolvidas pelos seus moradores ao longo da primeira metade do século passado, ficaram datadas no tempo, não resistindo ao desenvolvimento urbano, ou foram readaptadas, ajustando-se aos novos valores incorporados pela população. (ALMEIDA, 2008, p. 182)

A partir da década de 1960, a contracultura passou a fazer parte do cotidiano da população do Grande ABC: atividades culturais voltadas para a arte, cinema e música são desenvolvidas na região, assim como os grupos de teatro amador, muitos destes ligados aos trabalhadores (ALMEIDA, 2008).

É importante citar a participação dos sindicatos locais no fomento da cultura vivenciada no ABC Paulista (Figura 15). As greves que ocorreram no final da década 1970 são importantes fontes de memória e de construção social coletiva e participativa. As lutas sindicais fizeram parte da história local e marcaram culturalmente toda a região, contribuindo para a luta da classe trabalhadora ou interferindo diretamente na vida social de seus integrantes. Por meio de atividades culturais, os sindicatos contribuíram para toda uma formação social, pois patrocinavam várias atividades culturais (PARANHOS, 2006).

Figura 15 – Grupo de pintores que decorou o salão de festas do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André durante Baile Caipira, 1961 ou 1963



Fonte: Foto Ruma. Coleção Guido Poianas.
Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Para Martins (2008), muitas das manifestações culturais realizadas no Grande ABC serviam como mecanismo de resistência ao precário sistema industrial que forçava os trabalhadores a uma desgastante rotina de trabalho que objetificava o indivíduo. Essas manifestações seriam, assim, uma ferramenta simbólica de humanização e sociabilidade.

No final dos anos 1970, outros movimentos da contracultura ganham força na região. Percebe-se que a cultura urbana passa a integrar as relações sociais, expressando-se em movimentos culturais musicais como o rock, o hip-hop e a MPB que surgem na região, sendo que a maior parte dos jovens que encabeçam essas

cenários são operários das indústrias locais (SOUZA, 2022). Esses movimentos culturais passam a disputar espaço com manifestações culturais tradicionais.

São amplas as manifestações culturais que fazem parte do modo de vida daqueles que moram no Grande ABC – as pessoas que, em sua grande maioria, experienciavam parte de seu cotidiano dentro das fábricas locais, e outra parte fora delas, no convívio social familiar e nos bairros; e preservavam as suas tradições dentro de uma pluralidade de manifestações culturais.

No panteão cultural que é o ABC Paulista, as festas religiosas, como as Folias de Reis, as festas juninas, as procissões e as festas de padroeiros, têm a função de valorizar práticas religiosas e de fortalecer as relações de sociabilidade. Esses festejos são uma mistura de religiosidade e divertimento; e contam com a participação dos trabalhadores locais, que nessas festas constroem redes de relacionamento e preservam memórias e valores culturais (ALMEIDA, 2008).

Com isso, percebemos a diversidade cultural em que está inserida a sociedade de Santo André. Cada manifestação cultural contribui para a formação da identidade das pessoas e para a construção da memória da cidade. A Folia de Reis São Francisco de Assis faz parte da formação multicultural da região, sendo criada a partir de uma organização social derivada de movimentações populacionais que reproduzem práticas culturais de diversas localidades.

Antes de adentrarmos o estudo sobre a história da Folia de Reis São Francisco de Assis e sobre a construção da memória e da identidade dos foliões desse grupo, é necessário pontuar de qual base teórica partimos para a análise das entrevistas voltadas para memória e identidade.

4 MEMÓRIA E IDENTIDADE

4.1 A construção da identidade

Para analisar como as identidades são construídas nas manifestações culturais como a Folia de Reis é fundamental entender como tais práticas culturais se inter-relacionam com outros campos socioculturais, operando por meio da intersecção entre o campo tido como subalterno e o campo hegemônico.

Para tal análise é necessário primeiramente recorrer ao conceito de culturas populares utilizada por Canclini (1983), ressaltamos que atualmente o termo *culturas populares* vem sendo colocado de lado, pois de forma subjetiva o termo cria uma dualidade cultural estática, que classifica a cultura entre o erudito e o popular, entre a alta e a baixa cultura, conceito que gera preconceitos e informações distorcidas das manifestações culturais praticadas por grupos sociais vulneráveis dentro do processo capitalista.

Para Canclini (1983) as culturas populares estão inseridas no processo de apropriação, reprodução e transformação sociocultural que se relacionam de forma dialética com o campo hegemônico:

As culturas populares (termo que achamos mais adequado do que cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual de bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida. (CANCLINI, 1983, 42)

Com isso, apoiando-se a teoria cancliniana, podemos entender o campo hegemônico na produção cultural, como o campo que detém os meios de produção dos bens econômicos, materiais e simbólicos nos quais se organiza toda a sociedade. Para Williams (2011), sociedade tem um sistema *dominante de significados e valores* que se estruturam nas práticas socioculturais. Dessa forma, hegemonia é um processo social de dominação desenvolvido na própria ação constitutiva da sociedade capitalista.

Para Hall (2003), existe um movimento dialético de disputas de forças entre as áreas consideradas subalternas e as áreas hegemônicas que é sempre contínua, porém desigual, pois o campo hegemônico detém os meios de produção, cabendo às

áreas subalternas, além de resistir, também superar este modelo desigual de produção:

Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. (HALL, 2003, p. 255)

É nesse processo de resistência ao campo hegemônico que algumas manifestações culturais se articulam, não somente por meio da ruptura ou do distanciamento, mas também pela absorção e ressignificação de valores socioculturais negados a estes grupos. Em tal dialética estes grupos culturais vão negociando seu status em um espaço de trocas, no qual o subalterno, de forma reflexiva, dialoga com o hegemônico ou por meio de contraposição, ou por ressignificação (CANCLINI, 2015). Mesmo que o processo não ocorra de forma igualitária, pois as relações entre as áreas subalternas e as hegemônicas não se dão no mesmo campo de produção, nota-se que as trocas sempre acontecem entre ambas, transformando suas estruturas.

Hall (2003) busca no conceito de “différence” de Derrida a explicação para refutar a forma fixa binária de marcação de diferenças entre as diversas culturas, pois, como explica o autor, no campo onde as forças são disputadas ocorre um diálogo entre as similaridades e as diferenças:

Não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente “Outro”. É uma “onda” de similaridades e diferenças, que recusa a divisão em oposições binárias fixas. (HALL, 2003, p. 60)

Tanto para Hall (2003) quanto para Canclini (2015), os setores subalternos se relacionam com os setores hegemônicos em um movimento de trocas simbólicas, produzindo uma reestruturação, na qual tanto a cooptação quanto a resistência farão parte do processo de reelaboração do popular, fortalecendo seu desenvolvimento.

Essa dialética entre os campos hegemônico e subalternos faz com que as práticas culturais estejam em constante transformação, pois, ao mesmo tempo em que os movimentos de preservação são ativados pela construção da memória, há também a absorção de novos processos culturais, o que coloca a identidade sempre em construção (HALL, 2014).

Analisar a dialética entre o subalterno e o hegemônico é importante para a análise da construção da identidade de determinados grupos, principalmente aqueles que estão à margem dos processos produção capitalista, pois, com a incorporação de práticas sociais e culturais hegemônicas, esses grupos conseguem se manter ativos na produção cultural, e desta forma, também manter traços tradicionais que produzem uma resistência ao processo de homogeneização cultural imposto por setores culturais hegemônicos (CHAUÍ, 2014).

Este processo de intersecção entre forças vai incidir diretamente na construção da identidade, Hall aponta que a construção de identidade na modernidade tardia ocorre por meio de absorção de várias estruturas culturais, o que faz com que a identidade esteja constantemente em um processo de transformação:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando para diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2014, p. 12)

Para Hall (2014), o descentramento do sujeito reestruturou a relação entre trabalho e vida social, numa fusão entre o tradicional e o moderno, um processo de hibridismo característico da pós-modernidade. Para o autor, a noção de identidade estática não cabe mais à sociedade pós-moderna, pois as identidades são construídas continuamente.

Santos (2007) aponta que o indivíduo pode assumir diversas identificações com elementos socioculturais variados. Esses elementos fazem parte do repertório cultural. Acrescenta ainda que nem sempre os traços identitários de uma tradição mais antiga serão apagados por essas diversas identificações:

Na contemporaneidade um mesmo indivíduo pode assumir *identificações* múltiplas que mobilizam diferentes elementos de língua, de cultura, de religião em função do contexto. Isso não quer dizer que uma pessoa possa perder de um momento para outro a sua língua, seus repertórios de ação, para se fundir em outra entidade sócio-cultural, já que a tradição, ou melhor, o sistema de *habitus* impregna, desde a infância, o corpo e a alma de maneira indelével. Mas é inegável que a identificação individual e coletiva pela cultura tem como corolário a produção de uma alteridade em relação aos diferentes grupos culturais. (SANTOS, 2007, p. 61)

Para Martins (2008), o *homem comum* está dividido entre as tradições

culturais e as novas práticas sociais urbanas, recorrendo a essa dicotomia para reinterpretar as relações de modo a enfrentar a coisificação:

O homem comum dividido, impotente em face dos poderes que cria, não cede à inércia das forças que procuram reduzi-lo à condição de coisa: imagina, fabula, interpreta, cria ou preserva, recriando ritos e procedimentos cotidianos. Recicla relações sociais e concepções, reapropria-se das tradições de suas origens pré-modernas para enfrentar a privação de história e de compreensão plena que lhe impõe a modernidade que o minimiza e coisifica. (MARTINS, 2008, p. 14)

Dessa forma, as manifestações culturais funcionam como repertórios de significados aos quais os indivíduos recorrem para se manter dentro de um elemento cultural que os conecta ao tradicional e ao moderno. Percebe-se, com isso, que algumas manifestações culturais não são nem homogêneas e nem imutáveis, pois elas estão sempre em movimento, em ressignificação, tornando-se um acervo de significados e conhecimentos que eclodem na dialética entre o subalterno e o hegemônico, como aponta Canclini (1988).

Essa dialética processual faz com que as identidades estejam sempre ligadas ao processo de construção dos sujeitos e grupos, processo este que, muitas vezes, se utiliza do movimento de preservação de elementos tradicionais, e em outros momentos absorve o modo de vida urbano, ligando o campo à cidade sem que se tenha que apagar qualquer um dos elementos.

Vale notar que, para Castells (1999), a identidade de um grupo é construída pelos conteúdos simbólicos identitários compartilhados em seu meio, e pela forma como estes conteúdos simbólicos se dão em contexto de poder. Para o autor, podemos identificar três produções identitárias: identidade legitimadora, construída pelas instituições hegemônicas; identidade de resistência, constituída por indivíduos que estão na base da relação de setores sociais; e, por último, identidade de projeto, constituída socialmente pela relação intercultural, gerando uma nova identidade que altera a posição social de seus agentes.

Santos (2007) informa que alguns grupos culturais passam pelo processo de *(re) significação* para preservar as suas próprias práticas culturais. Este processo de ressignificação seria parte de uma estratégia de resistência ao apagamento de determinadas manifestações culturais, conforme aponta:

O processo de *(re) significação* por que passam as culturas populares constitui, em si mesmo, estratégia de resistência, quando o termo é entendido no segundo sentido acima atribuído. O processo de *(re)*

significação, expresso neste estudo, se constitui em uma das estratégias adotadas por diversos segmentos da sociedade para defender um conjunto de práticas culturais. (SANTOS, 2007, p. 64)

Esses processos de resistência, articulados por algumas manifestações culturais que operam no campo subalterno, se dão por meio das memórias coletivas que incidem diretamente em elementos de identificação, conforme aponta Santos:

Os processos de resistências culturais engendrados pelas entidades da cultura popular são construídos por meio da articulação com seu entorno, são preservados pela memória coletiva e constituem fontes específicas de identificação. Essas identificações consistem em reações defensivas contra as condições impostas quer sejam por sistemas autoritários, quer seja pelas transformações globais, quer seja pelos processos de colonização e racionalização engendrados pela modernidade tardia. (SANTOS, 2007, p. 63)

Dessa forma, as manifestações culturais que operam no campo subalterno estão em constante negociação com os setores hegemônicos, o que impacta estruturalmente a realização das práticas culturais. Chaves (2013), ao pesquisar a Folia de Reis do Tachico, verifica que a jornada realizada pelo grupo “tem que se adaptar ao horário de trabalho de seus integrantes. Por isso, é que o giro diário começa após as dezessete horas” (CHAVES, 2013, p. 31). O processo de negociação entre os participantes da Folia de Reis do Tachico e de outros setores sociais gera uma reconfiguração no rito do festejo, pois a relação ocorre em uma troca de forças e de experiências culturais que impactam a estrutura sociocultural dos envolvidos.

Portanto, por mais que um grupo esteja ligado às manifestações culturais tradicionais, sua representação se dá no presente, dentro de uma intersecção entre práticas culturais modernas e as práticas culturais tradicionais, no que de intersecção entre o subalterno e a hegemônico, o que produz ressignificações no rito.

Vale lembrar que os grupos de Folia de Reis tem uma relação identitária com o local e com as pessoas da região em que se realiza o festejo, relação fundamental para a construção da identidade dos indivíduos que o circundam. Em nosso objeto de pesquisa, a Folia de Reis São Francisco de Assis, a relação identitária com o local e com a sociedade opera diretamente na construção de identidade dos integrantes do grupo, servindo como fronteira que articula a tradição e a modernidade (PEREIRA, 2017).

Enfim, as manifestações culturais ligadas ao campo subalterno e de caráter

popular e tradicional se desenvolvem no campo de trocas, rearticulando práticas culturais como forma de resistência à hegemonia cultural. Neste processo entre o subalterno e o hegemônico, as manifestações culturais como as de Folia de Reis favorecem a construção de memórias, o que contribuiu para a própria preservação, como veremos na seção seguinte.

4.2 A construção da memória

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção da memória no grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, sendo necessário para isso trabalharmos com alguns conceitos estruturais dos estudos voltados à memória.

Simson (2003) define a memória como a capacidade dos indivíduos de lembrar fatos e experiências passadas e de retransmiti-los no decorrer do tempo:

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.). Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, no qual esse indivíduo foi socializado. (SIMSON, 2003, p. 14)

Para Candau (2019), a memória é construída nos fatos vividos, pois os indivíduos precisam lembrar dos episódios passados para se situarem no espaço e no tempo, para se inserirem na própria sociedade da qual fazem parte. Para Portelli (2016), a memória não é um simples *depósito de informações*, mas uma estrutura processual de *elaboração e reconstrução* de significados.

Na apresentação da obra *Memória e sociedade*, de Eclea Bosi (1987), Marilena Chauí aponta que a lembrança é tanto individual quanto social:

(...) você nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. (CHAUÍ, 1987)

Ao se pesquisar as memórias de grupos socioculturais, é importante trazer para a discussão o conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990). Para ele, a memória individual é construída a partir da relação social. Dessa forma, as lembranças deixam de ter apenas uma dimensão individual e passam a ser inferidas pelo conjunto

social do qual fazem parte, conforme aponta o autor:

Essas lembranças estão para “todo mundo” dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar nas memórias dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. (HALBWACHS, 1990, p. 49)

Para Nora (1993), a memória é construída nos grupos ainda vivos; por isso ela está sempre em evolução, operando em uma dialética entre a lembrança e o esquecimento:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

Assim, a memória só pode ser construída em grupos ainda vivos, pois, quando determinado grupo deixa de existir, as lembranças tendem a desaparecer com o tempo, causando um apagamento social, como também aponta Halbwachs:

A memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desaparecem. (HALBWACHS, 1990, p. 84)

O indivíduo, segundo Halbwachs (1990), por estar inserido na sociedade que possui um ou mais grupos de referência, ao recordar um fato, utiliza-se da memória coletiva, logo, cada memória individual é um ponto de vista formado por meio da memória coletiva. Halbwachs (1990) informa que “jamais estamos sós”: pois o sujeito está sempre inserido socialmente em contextos que moldam o pensar e o agir, sendo que essas relações sociais vão ter um impacto direto na sua construção social.

Já Candau (2019), ao analisar a ligação entre memória e identidade, atentou para a importância da lembrança individual na construção da memória coletiva, já que, para ele, diferentemente de Halbwachs (1990), é necessário que as memórias individuais se abram umas às outras para a construção da memória coletiva. Vale lembrar que para Candau (2019) nem sempre as representações do passado são compartilhadas da mesma forma pelos integrantes de um mesmo grupo, pois as lembranças individuais de evocação do passado são combinadas de forma diferente em cada cérebro, o que possibilita uma gama de percepção dos atos passados.

Candau (2019) diz ainda que as memórias podem ser tanto representações factuais, ligadas às representações dos fatos em sua materialização física, ou representações semânticas – neste caso, as representações atribuem sentidos aos fatos de forma cognitiva, no que os indivíduos percebem e reformulam a partir dos fatos memorialísticos. Esse conceito é caro ao autor, pois as representações factuais, quando compartilhadas por grupos, têm uma probabilidade maior de pertinência factual. Já as representações semânticas têm uma probabilidade menor de pertinência, devido à sua representação estar ligada a uma visão particular do indivíduo.

Ressalta-se que, para Candau (2019), as memórias coletivas são construídas somente quando as memórias individuais se abrem umas às outras, isto tanto nas memórias factuais quanto nas semânticas, pois é necessário ter objetos comuns num mesmo horizonte de ação. Com isso, percebemos que o autor equilibra a importância da memória individual e da memória coletiva, – pois, para ele, sem a transmissão da memória não há socialização. É por meio da transmissão da memória que se constrói toda a identidade cultural da sociedade.

Com isso, a extensão da memória no próprio tempo passado incide diretamente nas representações identitárias presentes. Tal extensão da memória ao passado não está ligada diretamente a um processo cronológico perfeito com marcações de datas e ações, mas à qualidade afetiva e emocional que os indivíduos têm sobre a sua própria história e sobre a sua própria identidade (CANDAU, 2019).

É interessante perceber que algumas memórias coletivas são construídas dentro de um campo de disputa entre as memórias oficiais, geralmente promovidas pelo Estado ou por instituições hegemônicas, veiculadas inclusive com suas datas oficiais, e as memórias não oficiais, geralmente ligadas aos grupos minorizados ou populares que nem sempre têm suas narrativas oficializadas pelo Estado (POLLAK, 1989).

Boa parte das memórias não oficiais estão ligadas às culturas tradicionais populares. Essas manifestações culturais são pontos de referência para construção da memória coletiva de determinados grupos, pois se articulam ou por meio daquilo que lhes é comum, reforçando o sentimento de pertencimento, ou se afastando daquilo que os diferencia uns dos outros grupos (POLLAK, 1989). Por isso é que as práticas culturais são meios importantíssimos para a construção da memória e da identidade.

Simson (2003), ao estudar a relação da memória com a cultura, busca nos conceitos de Nora (1993) uma definição tanto de memória de lugares, quanto de

memórias subterrâneas ou marginais:

Como contrapartida, ou outro lado da moeda, existem as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, fotografias, CD-roms, obras de arte, e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emergjam e possam então ser registradas e analisadas. Depois desse processo, elas passam então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade. (SIMSON, 2003, p. 15)

As memórias subterrâneas são a base da transmissão memorialística dos grupos populares, pois elas operam de uma forma coletiva na qual cada indivíduo contribui para a construção da memória comum, conforme aponta Simson:

Essas memórias subterrâneas geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passadas, de geração a geração, através de relatos, músicas, quadras poéticas, ocasiões em que os membros do grupo se auxiliam mutuamente na tarefa de lembrar, cada um contribuindo com detalhes que detonam processos rememorativos dos outros participantes. (SIMSON, 2003, p. 15)

A memória coletiva tem um papel importante no processo de construção do sentimento de pertencimento dos grupos sociais, pois é ela que referencia o passado dentro do presente, marcando as semelhanças estruturais de determinados grupos – assim como as oposições irreduzíveis entre eles. Para Pollak a memória de um grupo opera por meio do enquadramento que lhe cria pontos de referência:

Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. (POLLAK, 1989, p. 8)

Os pontos de referência são fundamentais para a manutenção memorialística de grupos. Neste caso, Candau (2019) aponta para a importância da lembrança do *momento de origem* como fator de caracterização de determinados grupos, pois é a partir da construção do momento de origem pela memória que os indivíduos se identificam em grupos.

Tal estrutura de origem traz à memória coletiva elementos comuns com os quais

seus membros podem se identificar, o que naturaliza a relação da comunidade. Vale lembrar que tratar do momento original de qualquer grupo é sempre complexo e coloca dificuldades à análise, pois os fatos, com o decorrer do tempo, são reinterpretados e compartilhados por processos afetivos que destoam dos originais – oferecendo sempre um desafio para a memória e para a identidade construídas no presente (CANDAU, 2019). Quando o tempo do momento de origem se torna tão estendido a ponto de perder referências, muitas alterações ocorrem no cerne da construção identitária do grupo, tornando-a por vezes multifacetada.

Não obstante, o momento de origem não pode ser descartado de qualquer análise memorialística, pois é central na construção de muitas identidades – já que trazê-lo à tona, ao rememorizá-lo, faz com que a narrativa histórica de indivíduos e grupos ganhe coerência.

Vale lembrar que, no processo de construção da memória, o esquecimento também tem um papel importante dentro do campo memorialístico, pois, em determinado momento, aponta para o fato de que nem tudo deve ser memorável (POLLAK, 1989).

Esquecer faz parte de um processo ativo da construção da memória. A lembrança dos fatos está ligada ao seu conteúdo, em uma relação direta entre acontecimentos e pensamentos, operando num sistema de hierarquização do memorável e do não memorável.

A ordenação e classificação memorialística é outro fator importante para a construção da memória, pois, para conservar as lembranças, é necessário pensar de forma paradigmática, ordenando e nomeando o mundo à volta de cada um, criando uma categorização que conectará aquilo que é semelhante e separará aquilo que é diferente (CANDAU, 2019). A ordenação e classificação memorialística possibilita uma continuidade temporal dentro da narrativa, o que contribui para o processo social no qual o sujeito cria um senso de pertencimento, potencializando os laços grupais.

Um item importante da classificação memorialística é a nomeação, pois ela é uma forma de “controle” ou distinção social que contribui para a localização de objetos, físicos ou imaginários, no tempo e no espaço, fazendo parte do processo de localização – por isso sua importância para a memória e para a identidade. Na

sociedade, a nomeação é uma parte importante para a marcação da identidade e para a distinção entre os elementos. Simbolicamente, o nome de cada indivíduo ou grupo os localiza no espaço/tempo da memória.

A transmissão da memória está ligada aos afetos, às paixões; representa um mundo fragmentado, mas que se ordena dentro da subjetividade e das relações sociais construídas no tempo e reordenadas no presente. A comemoração de determinados eventos acaba por valorizar o passado, mantendo vivos os fatos comemorados no presente como se tivesse havido um congelamento, tornando o tempo eterno.

As comemorações e festejos estão no cerne do processo de reorganização das memórias, pois, ao reconstruir fatos passados e sistematizá-los, fortalecem as memórias, contribuindo para a construção identitária tanto de indivíduos quanto de grupos sociais.

Os conceitos discutidos nesta seção serão retomados nas análises das entrevistas que seguirão nesta pesquisa.

5 FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Antes de iniciarmos o estudo sobre memória e identidade com o grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, é necessário descrever de forma breve a história do grupo, pontuando as jornadas, os integrantes e os espaços sociais ocupados por eles. Ressaltamos que não há registro biográfico do grupo, com isso, partiremos das histórias orais de seus integrantes para descrever a sua história e as suas atividades.

Figura 16 – Grupo Folia de Reis São Francisco de Assis da cidade de Santo André



Fonte: Acervo do grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis.

A história da Folia de Reis São Francisco de Assis (Figura 16) não está registrada em nenhum documento oficial. Pesquisar seu surgimento e sua trajetória é recorrer à memória de seus integrantes para, a partir das histórias orais, descrever os fatos passados e os causos importantes para a formação da folia. Como nos informa Portelli (2016), o discurso oral não é somente um veículo informativo, mas um processo que carrega consigo histórias e identidades que vão para além da objetividade discursiva. Logo, trabalhar com os relatos sobre a história desta folia é estar atento para os significados simbólicos que estão ligados ao próprio discurso do grupo.

Para contar a história da Folia de Reis São Francisco de Assis, recorreremos à junção de três memórias: as do padre Vanderlei Ribeiro, idealizador da folia, de Dona Domingas Bonfim, uma das primeiras participantes do grupo e de Rafael Moares, atual embaixador.

A Folia de Reis São Francisco de Assis foi criada em 1997 na cidade de Santo André por iniciativa do padre Vanderlei Ribeiro, na época pároco da Igreja Nossa Senhora do Paraíso (Figura 17), que fica localizada no bairro andreense do Paraíso. Com o intuito de retomar festejos católicos e manter uma tradição cultural, o Padre Vanderlei convidou alguns fiéis da comunidade que já haviam participado do festejo em outras regiões para iniciarem um grupo de Folia de Reis, já que na cidade não havia registro de nenhum grupo de folia.

Naquele mesmo, ano o grupo escolheu uma coordenadora para a Folia de Reis: a senhora Domingas Bonfim, que foi peça-chave na organização do festejo, já que sua família tinha uma tradição como foliões em sua cidade natal, Santa Fé do Sul, no interior do estado de São Paulo.

Figura 17 – Folia de Reis São Francisco de Assis na Paróquia Nosso Senhora do Paraíso



Fonte: Acervo de Rafael Moraes.

Para embaixador, foi escolhido Seu Ademir – padrinho do atual embaixador da folia, Rafael Moraes – e, junto com ele, vieram os irmãos Arlindo, João e Sebastião Paiola. Eles foram importantíssimos para a composição do grupo e para o início do festejo, contribuindo para organização da folia e para a formação do grupo de músicos. Outro folião importante para o início da folia foi seu Valdemar Bonfim, esposo de Dona Domingas, que, como violeiro, integrou a Folia de Reis São Francisco de Assis por anos, tornando-se referência para os músicos e para todo o grupo.

Tradicionalmente os grupos de Folias de Reis são criados devido a uma promessa feita por algum devoto dos Santos Reis, que, alcançando uma graça, promete “sair” por sete anos com a folia. Esses grupos, geralmente, estão dissociados da organização paroquial local, tornando o festejo de Santos Reis uma intersecção entre o sagrado e o profano.

No caso da Folia de Reis São Francisco de Assis, o festejo se inicia dentro da igreja, o que ressignifica a tradicional jornada de visitas às casas, transportando-a para as igrejas locais, com isso, a jornada é marcada não só pelas visitas as casas, mas principalmente pelas participações em missas realizadas em algumas paróquias do município, como a tradicional participação na Missa de Celebração de Reis na Igreja Nossa Senhora de Fátima, que fica a aproximadamente 7 km do bairro de origem da folia e residência da maior parte dos seus integrantes.

Além dos ritos tradicionais realizados no período natalino, o grupo também participa de atividades culturais da cidade de Santo André, como verifica-se na Figura 18, no qual participaram em 2019 de um evento organizado pela Secretaria de Cultura local para promover a economia criativa e fomentar o encontro e as trocas entre artistas, artesãos e grupos culturais locais. Já em 2022, a folia participou do tradicional Festival de Inverno de Paranapiacaba, com uma apresentação no espaço Viradouro. Estas apresentações possibilitam aos participantes do evento uma imersão em uma manifestação cultural que, sobrevivendo ao tempo e que está ligada a construção cultural do próprio município. Vale Ressaltar que o grupo Folia de Reis São Francisco de Assis tem um CD musical gravado com as canções que tocam no festejo.

Figura 18 – Folia de Reis São Francisco de Assis, apresentação no Festival Multicultural de Santo André, agosto de 2019



Fonte: Acervo pessoal Paulo Augusto Ferreira Vitor.

No momento desta pesquisa, entre 2020 e 2023, o grupo é formado por Rafael Moraes dos Passos, 24 anos (embaixador, toca violão), Adalberto José dos Passos, 56 anos (bandeireiro), Wagner Martins da Silva, 54 anos (bastião e coordenador), Airton Aparecido de Andrade (bastião), Anilton Antonio Soares, 54 anos (coral, terceiro puxador, toca viola), Antonio Pedro Greco, 83 anos (toca meia-lua), Damião Raimundo dos Santos, 74 anos (toca afoxé), Domingas de Carvalho Bonfim, 78 anos (coral), Enzo Franco Nies, 16 anos, o mais jovem do grupo (segunda voz, contramestre e toca viola e cavaquinho), João Dias Brito, 79 anos (quarta voz, toca viola solo), José Manuel dos Santos, 67 anos (toca violão), José Moreira Sobrinho, 64 anos (toca viola), Jozina Ferreira Afonso, 66 anos (coral e sétima voz), Júlio Cavalcanti Neto, 69 anos (toca reco-reco), Maria de Lourdes dos Santos, 77 anos (coral e sétima voz), Maria

Joaquina de Moraes Corrêa, 74 anos (coral e quinta voz), Marina Aparecida Zane dos Santos, 61 anos (coral), Mauro Santana, 74 anos (segunda voz, contramestre, toca violão), Miguel Figueiredo de Souza, 52 anos (toca pandeiro), Pedrina Aparecida de Moraes, 76 anos (coral e sexta voz), Rosa Cagnin Paiola, 81 anos (toca afoxé), Silvana Costa dos Santos, 59 anos (coral), Valdemar Alves do Bonfim, 79 anos (segunda voz, contramestre e toca violão), Vera Lucia Ferreira Moreira, 59 anos (coral), Vilma de Lourdes Paiola Carvalho, 68 anos (coral), Vilson Rodrigues da Costa, 62 anos (terceira voz, segundo puxador, toca violão) e Vinicius Henrique Garcia Pereira, 23 anos (terceira voz, quarto puxador e toca caixa).

É importante pontuar que a Folia de Reis São Francisco de Assis é o único grupo de folia da cidade de Santo André, e carrega consigo a memória de diversos foliões e devotos que participaram da folia no decorrer dos anos, o que a torna uma manifestação cultural impar para construção da história cultural do município.

5.1 A jornada nas paróquias

Ao acompanhar as jornadas do grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis por quatro paróquias da cidade de Santo André, entre os anos de 2021 e 2022, pudemos perceber como o rito tradicional da jornada se ressignifica neste grupo, fortalecendo o festejo e criando possibilidades de participação da sociedade local e dos devotos de Santos Reis.

No período descrito acima, a folia realizou a jornada em três igrejas e uma capela, sendo elas: Igreja Nossa Senhora de Fátima, Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, Paróquia Nossa Senhora do Paraíso, e Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, todas em Santo André, localizadas respectivamente nos bairros de Vila Curuçá, Paraíso, Vila Príncipes de Gales e Jardim Cristiane.

Ressaltamos que, no período em que a pesquisa era realizada, toda a sociedade passava pela pandemia de Covid-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2³ e, com isso, alguns cuidados tiveram de ser tomados para a realização do

3 Em dezembro de 2019, na China, surgiu uma nova cepa de coronavírus denominada coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2), que se espalhou mundialmente e, em março de 2020, foi considerada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O coronavírus 2019 (Covid-19) se tornou, então, uma emergência internacional de saúde pública, levando os países a tomarem medidas de prevenção contra um vírus que consegue se alastrar rapidamente (BRASIL, 2020; SILVA *et al.*, 2020; DIAS *et al.*, 2021, p. 2).

festejo, tanto pelas paróquias quanto pelo grupo, o que dificultou a presença de vários integrantes da folia. Algumas celebrações tiveram que ser alteradas ou canceladas, devido a regras de distanciamento social.

A jornada da Folia São Francisco de Assis em missas começa sempre com o grupo abrindo a celebração com a tradicional música da chegada dos Santos Reis:

Canto de Chegada da Folia

1. Ai, saúdo meus caros ouvintes, ai lai, / Ai, saúdo meus caros ouvintes, ai lai, / Ai, venho pedindo a licença, ai ai, / Ai, venho pedindo a licença, ai ai ai...
2. Ai, Santos Reis estão pedindo, ai lai, / Ai, Santos Reis estão pedindo, ai lai, / Pra visitar sua residência, ai ai, / Pra visitar sua residência, ai ai ai...
3. Recebei nossa bandeira, ai, / Recebei nossa bandeira, ai, / E também a companhia, oi, lai, / E também a companhia, ai ai ai... (Bis)
4. Santos Reis lhe visitando, ai, / Santos Reis lhe visitando, ai, / Cantamos com alegria, oi lai, / Cantamos com alegria, ai ai ai... (Bis)
5. Santos Reis lhe dê saúde, ai, / Santos Reis lhe dê saúde, ai, / Os foliões estão pedindo, oi lai, / Os foliões estão pedindo, ai ai ai... (Bis)

Figura 19– Folia de Reis São Francisco de Assis iniciando a jornada na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, dezembro de 2022



Fonte: Acervo Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu.

Esse momento é de suma importância, pois é o primeiro contato do grupo com

os fiéis. O cortejo se inicia sempre pelo corredor central (Figura 19), com a folia caminhando rumo ao altar e ao presépio. A bandeira segue à frente, com os bastiões dançando logo atrás; em seguida vêm os músicos, e por fim o coral. A folia passa pelo corredor saudando a todos que estão na igreja, e os bastiões interagem com as pessoas presentes. Ao chegar ao altar, todos se colocam ao lado, próximo ao presépio: os padres apresentam o grupo aos fiéis e explicam a simbologia da Folia de Reis para a celebração do ciclo natalino.

Com o rito em andamento, os fiéis se alternam para segurar a bandeira, que, para além de representar o grupo de folia, porta um significado de fé e devoção para quem participa da jornada. O ato de segurar a bandeira é carregado de simbologia porque, devido ao seu caráter de sacralidade, tê-la em sua posse significa a possibilidade de alcançar graças, mas também de render agradecimentos. Há também fiéis e devotos de Santos Reis que deixam mensagens na bandeira por meio de fitas, fotos e cartas. Este caráter sacro da bandeira é confirmado por Seu Adalberto, bandeireiro do grupo, que informa que a bandeira da Folia de Reis São Francisco de Assis foi consagrada assim que o grupo foi criado.

A folia segue cantando, sempre que necessário. Os cantos são relacionados aos festejos de Santos Reis; as letras falam da jornada dos Reis Magos, do nascimento de Jesus Cristo, de seus pais, José e Maria. As missas são voltadas para o período de celebração do nascimento de Jesus e da viagem dos Magos do Oriente, sendo a folia o destaque da cerimônia.

Figura 20 – Foliões reverenciando o Presépio na

paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, dezembro 2022



Fonte: Acervo: Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu.

Ao fim das cerimônias, a folia se retira, tocando a música de saída (Figura 21). Geralmente, os padres e os fiéis acompanham a folia até a saída da igreja, e a jornada segue. Este é o momento de interação e celebração com a comunidade. Rafael Moares informa que algumas dessas missas chegavam a reunir mais de 2 mil fiéis, e que era comum, em algumas paróquias, distribuir-se bolo para todos.

Canto de Despedida da Folia

Santos Reis tão despedindo, / Santos Reis tão despedindo, / A
bandeira vai embora, ai. / Oi ai oi ai, a bandeira vai embora, ai ai ai...
Que Jesus os abençoe, / Que Jesus os abençoe / Junto com Nossa
Senhora, ai, / Oi ai oi ai, junto com Nossa Senhora, ai ai ai...
Se despede a bandeira, / Se despede a bandeira / Pra voltar ano que
vem, ai. / Oi ai oi ai, pra voltar ano que vem, ai ai ai...
Vocês vão ficar com Deus, / Vocês vão ficar com Deus / E com Deus
vamos também, ai. / Oi ai oi ai, e com Deus vamos também, ai ai ai...
Os foliões vão despedindo, / Os foliões vão despedindo, / Santos Reis
vão retirar, ai. / Oi ai oi ai, Santos Reis vão retirar, ai ai ai...
A bandeira vai embora, / A bandeira vai embora, / Os milagres vão
ficar, ai. / Oi ai oi ai, os milagres vão ficar, ai ai ai...

As jornadas realizadas pela Folia de Reis São Francisco de Assis destoam das tradicionais jornadas de Folia de Reis, em que os grupos percorrem ruas, visitando casas de fiéis e devotos dos Santos Reis. Nesta folia, a jornada é ressignificada para atender às características da sociedade da qual o grupo faz parte. A folia reorganiza

e reestrutura o rito, para manter a tradição do festejo e propagar a fé e devoção pelos Santos Reis.

Ao realizar a jornada nas paróquias da cidade de Santo André, a Folia de Reis São Francisco de Assis contribuí não somente para a manutenção da crença e dá fé, mas também para a construção sociocultural e memorialística do município, pois possibilita às pessoas presentes nas celebrações de Santos Reis o contato com uma tradição cultural que é realizada há décadas, e que ainda traz consigo elementos culturais de uma sociedade de base rural.

Figura 21 – Folia de Reis São Francisco de Assis encerrando a jornada na Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu, dezembro 2022



Fonte: Acervo Paróquia Santa Luzia e São Carlos Borromeu.

6 MEMÓRIA E IDENTIDADE NA FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Nesta seção, trabalharemos com as narrativas dos integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis para analisar como a memória e a identidade são construídas por meio da realização do festejo. Entrevistamos dez foliões em momentos diferentes; algumas dessas entrevistas se deram em grupo e outras, individualmente. Utilizamos essa metodologia nas entrevistas para verificar como a narrativa se desenvolveria tanto na interação coletiva como individualmente, por meio da memória.

Não seguimos um roteiro padrão de perguntas; preferimos captar as histórias orais por meio de conversas desprendidas de formalidades. Entretanto, abordamos temas voltado ao festejo, local de origem, primeiro contato com o grupo São Francisco de Assis, família, etc., assuntos que necessitavam de um apoio da memória e que estão ligados à construção da identidade. Estas conversas tiveram como base o modelo de trabalho de pesquisa, o conversador no cotidiano, proposto por Spink (2008), no qual o entrevistador, de forma informal, propõe uma *conversa* com o entrevistado, que consiste na aproximação do entrevistador com o entrevistado, de forma a dissolver as formalidades que distanciam o primeiro do objeto pesquisado. Essas conversas estão registradas na íntegra no apêndice deste trabalho.

As entrevistas foram realizadas com o padre Vanderlei Ribeiro, 54 anos, responsável pela formação da Folia São Francisco de Assis em Santo André; com Rafael Moraes dos Passos, 24 anos, atual embaixador do grupo; com Wagner Martins da Silva, 54 anos, bastião e coordenador da folia; com Maria de Lourdes dos Santos, Dona Lourdes, 77 anos, integrante do coral; com Damião Raimundo dos Santos, 74 anos, músico do grupo, tocador de afoxé; com João Dias Brito, 79 anos, violeiro; com Adalberto José dos Passos, 56 anos, bandeireiro; com Dona Domingas de Carvalho Bonfim, 78 anos, integrante do coral; e com Seu Valdemar Alves do Bonfim, 79 anos, tocador viola e um dos primeiros integrantes, junto com Dona Domingas, da Folia de Reis São Francisco de Assis.

As entrevistas realizadas com Rafael Moraes, Dona Lourdes, Wagner Martins, Seu João Brito e Seu Damião Raimundo dos Santos foram realizadas de forma coletiva na capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cassia, em fevereiro de 2022, logo após as festividades de Santos Reis. Já a entrevista com Seu Adalberto

Passos ocorreu na residência dele na Vila Bela Vista, em Santo André, em dezembro de 2022. Nesta entrevista também tivemos a participação de Rafael Moraes, que é filho do Seu Adalberto. Neste mesmo período, conseguimos conversar com a Dona Domingas Bonfim e o Seu Valdemar Bonfim, figuras importantes para o grupo, pois estão na Folia de Reis São Francisco de Assis desde o início da formação. Já com o padre Vanderlei Ribeiro, o idealizador da Folia de Reis São Francisco de Assis, a conversa se deu por meio de chamadas de vídeo em dois momentos: porém, devido a problemas técnicos, só conseguimos captar a conversa realizada em janeiro de 2023.

Tabela 4 – Dados referentes aos entrevistados

Nome	Alcunha	Idade	Função no grupo
Rafael Moraes dos Passos	Rafael Moraes	24 anos	Embaixador
Wagner Martins da Silva	Wagner Martins	54 anos	Bastião e coordenador
Maria de Lourdes dos Santos	Dona Lourdes	77 anos	Coral e sétima voz
Damião Raimundo dos Santos	Seu Damião	74 anos	Toca afoxé
João Dias Brito	Seu João	79 anos	Toca viola solo e canta quarta voz
Adalberto José dos Passos	Seu Adalberto	56 anos	Bandeireiro
Padre Vanderlei Ribeiro	Padre Vanderlei	54 anos	Folião e idealizador do grupo
Domingas de Carvalho Bonfim	Dona Domingas	78 anos	Coral
Valdemar Alves do Bonfim	Seu Valdemar	79 anos	Toca violão, canta segunda voz e é contramestre

Procuramos realizar as entrevistas entre os meses de dezembro e fevereiro, pois é o momento em que os foliões estão envolvidos com todos os preparativos para a realização do festejo, possibilitando-nos uma maior aproximação com o objeto pesquisado.

Reforçamos que, devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas só foram realizadas a partir de 2022, com a flexibilização das regras de distanciamento social. Adotamos todos os cuidados necessários, pois os nossos interlocutores fazem parte do grupo mais afetado pela pandemia: seguimos os protocolos de segurança, utilizando máscaras, quando necessário, para assegurar a integridade física de todos os participantes.

As entrevistas estão separadas por tópicos, pois as narrativas são diversas e englobam vários assuntos pertinentes ao trabalho. As análises das conversas foram pautadas na construção da memória coletiva, na construção da identidade, na ressignificação do festejo, na tradição e na história oral, ficando o registro dessas memórias como o ponto principal deste trabalho.

6.1 A memória coletiva

Para grupos de cultura popular como os de Folia de Reis, a memória coletiva é fundamental para a manutenção das atividades culturais, pois a memória é o mecanismo de transmissão de seus conhecimentos e da sua própria história individual ou coletiva. Com isso, no trabalho em questão, procuramos analisar como a memória coletiva é construída quando o grupo se reúne, e como as trocas memorialistas operam quando as memórias se abrem umas às outras.

Nesta análise, trabalharemos com conceitos teóricos acerca da construção de memória coletiva, de dois autores importantíssimos para os estudos sobre memória: Maurice Halbwachs (1990) e Joël Candau. (2019) Salientamos que as teorias aplicadas pelos autores têm pontos antagônicos entre si; porém, ao adentrar o campo da pesquisa sociocultural, nem sempre uma teoria sintetiza a relação social de grupos ou de indivíduos, pois as interações sociais são construídas por diversos fatores que atuam diretamente na construção da memória e da identidade – o que nos exige uma abrangência teórica maior na análise do objeto.

Nas conversas realizadas com os integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis, podemos perceber como eles interagem uns com os outros, completando as falas e reforçando os relatos uns dos outros, de forma a fortalecer a narrativa e a memória coletiva do grupo. Também notamos que as memórias individuais de alguns foliões se apoiam nos relatos de antigos integrantes que não participaram das conversas, narrativas estas que nem sempre tinham sido vivenciadas por aqueles que

nos relatavam a história.

Em reunião realizada com o grupo na capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, ao perguntarmos ao embaixador do grupo, Rafael Moraes, o que a folia representava, ele nos deu uma resposta apoiada não somente na própria memória, mas nas lembranças partilhadas por antigos foliões e familiares que participaram da folia em outro momento:

Vou pedir licença para começar contanto então o começo, o que eu sei e escuto das histórias. A Domingas foi a primeira coordenadora do grupo por um bom tempo, Domingas de Carvalho Bonfim, ela contava que o Padre Humberto, o antigo padre daqui da Paróquia Nossa Senhora de Paraíso, da capela, já chama o Seu Valdemar e o meu padrinho, o Ademir, para formar a Folia de Reis. E eles: “não, a gente não sabe, a gente não entende”. A resposta era sempre essa. E ela nunca esteve perto dessas conversas quando ele convidava para formar folias de reis. E passou um tempo, mudou o padre. A Lurdes pode falar disso também. E veio o Padre Vanderlei, recém-formado de padre e ele vinha também com a mesma proposta, vamos formar a Folia de Reis. E os dois a mesma coisa: “não, a gente não entende, tem que fazer verso”. Tanto que o nosso grupo é diferente, o nosso jeito de cantar, a gente tem as músicas que a gente faz, mas a gente já deixa algumas ali para conduzir, para ficar mais fácil quando fazemos nas igrejas.

Rafael continua nos informando sobre a folia, por meio das memórias que chegaram até ele pelos outros integrantes do grupo:

E um dia ela estava perto e ouviu o padre falando para os dois: “vamos formar a folia de reis”. E eles recusando. E ela falou: “vamos formar sim! Eu conheço um pouco”, porque o pai dela era embaixador de Folia de Reis, “a gente busca conhecer, aprender mais, tem quem saiba, tem a Família Payola”. Tinha o Sebastião Payola, Arlindo Payola e João Payola que foram os primeiros que participaram do grupo. E foi assim. E ela disse que aceitou esse convite do padre em forma de agradecimento de um problema que o Seu Valdemar teve com bebida alcoólica e ele ficou 30 dias internado no Bezerra de Menezes. E ela falou: “A gente vai formar, sim, Folia de Reis. A gente já canta na igreja, mas agora temos um motivo a mais para agradecer a Deus e está aí uma proposta boa de agradecer a Deus e formar a Folia de Reis”. Aí ela foi até o meu padrinho e falou: “Você aceita? Ou não? A gente vai formar”. E aí ele aceitou e foi quem conduziu bastante, à frente com ela. E aí nisso veio minha avó Pedrina, minha tia Maria, a Lurdes, Damião, a família Payola, que era o Arlindo com a esposa Clarice, o Sebastião e a Rosa, o João Payola que morava em Catanduva e ele vinha todo final de ano participar da folia. Por uns 3 anos, não é, Seu João? Era ele e Isaías. E precisava de um violeiro e

encontraram o Seu João. (Rafael Moraes)

Neste relato, notamos que Rafael Moraes se apoiou na memória coletiva para nos posicionar sobre a origem da Folia de Reis São Francisco de Assis: a narrativa dele parte das memórias e história vivenciadas por outros foliões, daqueles que criaram a folia. Aqui, a memória dele é construída não só por sua vivência, mas também pela vivência de outros foliões. Após essa fala, ele nos pontua sobre essa transferência de experiência:

Sempre ouvindo as histórias você acaba... E tinha o Seu João Machado, também, que foi o violeiro da paróquia Nossa Senhora do Paraíso. Porque a capela pertence à paróquia. E tinha o Seu João, sanfoneiro, e o avô do padre, também, desde o início. A primeira apresentação foi desse grupo, era um grupo de 17 pessoas. E acho que é isso. (Rafael Moraes)

Neste relato, Rafael Moraes se apoia nas memórias que chegam até ele pelas histórias contadas por antigos foliões. Estas lembranças são construídas na relação entre a memória individual e a memória coletiva: o relato se baseia na memória construída pelo grupo. Neste caso, a memória individual se estabelece na relação com o meio sociocultural em que ela é construída (HALBWACHS, 1990).

Quando ele rememora os fatos por meio da memória coletiva, constrói uma narrativa reforçada pela vivência daqueles que iniciaram a folia. A memória criada pelo grupo passa a ser a memória do Rafael. Neste caso, a memória individual é direcionada pela narrativa coletiva, que incide diretamente na construção do passado. O ponto de vista de cada sujeito estará ligado ao lugar ocupado por ele em determinado grupo social, sendo também influenciado pelas relações mantidas no espaço-tempo social (HALBWACHS, 1990).

Em outros momentos da conversa com o grupo, notamos que as narrativas foram construídas por meio da interação memorialística, com cada folião compartilhando a sua memória individual com o outro. Esta troca de relatos oferece uma outra percepção de análise, na qual a memória individual de cada indivíduo é compartilhada entre o grupo, produzindo assim a memória coletiva, como apontou Candau (2019) no seu estudo sobre memória.

Nessas conversas, as memórias dos foliões interagiram umas com as outras, criando uma narrativa coletiva sobre as práticas tradicionais das folias. As lembranças, somadas às outras histórias vividas pelos integrantes do grupo, contribuem para a

narrativa de construção da história da própria folia. Em determinado momento da entrevista, Rafael Moraes, Wagner Martins e Seu João Brito interagem, criando um relato memorialismo coletivo sobre a folia:

Praticamente metade do mês será quaresma. (Rafael Moraes)

Após a fala de Rafael Moraes, Wagner Martins acrescenta uma informação importante ao discurso:

E como somos uma família católica, e justamente por causa da quaresma, a gente tem a preparação dos espíritos que estão juntos. Que segue a Folia de Reis, mas em primeiro lugar vem a igreja, a nossa religiosidade. Então é um tempo de preparação, um tempo que temos que nos autoanalisar. E aí passou a Páscoa, aí não. Já é um tempo de renovação, um tempo de dar os primeiros passos na sua caminhada. A gente já chegou a cantar na quaresma, mas não cai bem a folia dentro da quaresma. (Wagner Martins)

Wagner explica a importância da religiosidade para o grupo, e o motivo de o grupo não sair na quaresma. Em seguida, Seu João reformula a informação passada por Wagner:

Mesmo porque o que estamos fazendo é voltado para evangelização da igreja. Então foi criado pelo nosso Padre Vanderlei e isso ficou pra gente. Eu tenho para mim que isso foi uma cultura da igreja. O pessoal acompanha litúrgico e na quaresma não dá para ficar homenageando o nascimento. Porque muitas vezes não entende por que a nossa é diferenciada das outras. Porque se cantarmos você entende todas as palavras da cantoria. Ao passo que a maioria das folias você não entende nada do que eles falam. (Seu João Brito)

Por fim, Rafael Moraes completa o discurso voltando à memória coletiva para informar as regras estabelecidas pelo grupo:

E todo mundo que entra na folia, Seu João pode provar isso, enquanto está participando, a família pode até oferecer, mas ninguém ingere bebida alcoólica. Desde que a Dona Domingas decidiu formar o grupo com mais pessoas, uma forma de agradecimento de uma graça que ela teve particular do Seu Valdemar dessa cura. Então através disso, ela sugeriu ao padre e o padre entrou de acordo. (Rafael Moraes)

As lembranças coletivas vão sendo construídas na interação entre os entrevistados: os integrantes da folia vão, no decorrer da entrevista, construindo a narrativa coletiva. Em determinado momento da entrevista, o depoimento de Dona Lurdes foi completado com os relatos de Rafael Moraes de forma a fortalecê-lo:

Cantava no coral da Igreja. É que foi assim: quando formou, veio o

Seu Valdemar e o Valdir, chamaram o Seu João. Mas os dois já tocavam na Igreja desde 1989, tinha o coral. E tinha o grupo, o grupo das senhoras que cantavam e cantam até hoje. (Rafael Moraes)

Eu sou desde o início! (Dona Lourdes Santos)

Rafael Moraes relata em seguida a ordem de entrada de alguns integrantes ao grupo, relembrando fatos marcantes, como a morte de um antigo bastião da folia:

Desse grupo do coral veio a Dona Domingas, a Lurdes, minha avó Pedrina e a irmã da minha avó, minha tia Maria. E aí veio a Dona Leontina com o Seu João. A Clarice veio com o Arlindo, que era palhaço, ele e o irmão de Catanduva também era palhaço. O Arlindo infelizmente no segundo, terceiro ano da folia ele faleceu. (Rafael Moraes)

Ele era o que mais ensinava. Lógico, o Seu Sebastião e o João também. Mas o Arlindo era o que mais ensinava o grupo, dava as dicas. Falava: “A hora que eu chegar na frente do altar eu e ele ajoelhamos, depois para, passamos na frente da bandeira”. O Arlindo Payola e a esposa dele faziam o agudo com a Lurdes. Mas a Lurdes, minha avó, já vinha do coral. (Rafael Moraes)

O relato opera na memória de Dona Lourdes fazendo com que ela relembre de outras duas participantes da folia, inclusive elogiando a participação delas no coral:

Pedrina também era uma voz e tanto. Pedrina e Maria! (Dona Lourdes Santos)

Esse processo de construção coletiva da narrativa por meio da memória se deu praticamente em todos os diálogos, como se verifica abaixo, quando perguntamos sobre a relação familiar com a folia. Seu João Brito pontua a sua história familiar com a folia, e em seguida Rafael Moraes complementa essa narrativa memorialística:

Os meus tios eram todos foliões, eu não participei porque era muito criança. Ficamos sabendo depois. Muito antes de fazer isso aqui eu juntei um grupo de crianças e estava fazendo folia na rua. E não tive como registrar isso na época. (Seu João Brito)

Seu João informa a sua relação familiar com a Folia de Reis, trazendo à tona a lembrança dos tios e da infância, o que faz com que Rafael relembre o motivo pelo qual o grupo convidou Seu João para a Folia:

Seu João, por exemplo, veio porque o grupo precisava de um violeiro, mas já veio com a devoção da família dele. (Rafael Moraes)

Em outro trecho, também podemos perceber essa interação entre os dois

interlocutores:

Sim, desde 1997. Ela participou no começo, depois se integrou a tocar a bandeira. Hoje está acamada e não dá para participar mais, mas foi muito bom. Conheci uma família aqui dentro. (Seu João Brito)

Seu João informa a relação dele com o grupo, o afeto familiar recriado ao participar da folia. Com isso, Rafael retoma o discurso lembrando a sua própria trajetória familiar com a Folia de Reis São Francisco, e a relação que tinha com a avó:

Eu posso falar também, porque comecei a aprender a tocar no meio da Folia de Reis. O Valdemir, que era o meu padrinho, era o embaixador, Seu Valdemar na Igreja e o Seu João. Os primeiros acordes no cavaquinho, na viola. Eu ia lá pequeno, minha avó às vezes comprava pão e íamos tomar café e ele ficava me ensinando a tocar viola. (Rafael Moraes)

Seu João relembra a quantidade de crianças que participavam da folia:

Tanto que a gente formou quase outra folia só de meninos, né? (Seu João Brito)

E Rafael acrescenta:

Sim, só de criança. Eu, os netos dele. (Rafael Moraes)

Durante toda a conversa, a memória coletiva foi sendo desenvolvida pelos entrevistados: as narrativas se completavam a cada fato lembrado, a história da folia era criada na interação entre os foliões, cada um deles fazia parte da história do outro.

A memória coletiva é fundamental para a manutenção da Folia de Reis São Francisco de Assis. É a partir da relação de seus integrantes e das trocas memorialísticas que é construído o festejo. Percebemos que a construção da memória coletiva pode assumir duas bases diferentes. Ora a memória coletiva é a ferramenta de construção da memória individual (HALBWACHS, 1990), ora a memória individual passa a ser ferramenta para a coletiva (CANDAU, 2019).

6.2 Identidades e memórias na folia

Os relatos dos integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis nos mostram a importância da memória para construção da narrativa pessoal de cada um deles. Cada folião tem a sua história contada por meio das lembranças individuais ou

coletivas. Essas narrativas orais vão nos mostrando como as identidades dos integrantes do grupo vão sendo construídas na relação com a própria folia e com o grupo social ao qual pertencem.

Percebemos, nas conversas com os foliões da Folia de Reis São Francisco de Assis, que a entrada deles para o grupo está sempre ligada a elementos identitários conectados ao passado afetivo familiar ou à relação social dada na religiosidade. Os relatos exploram fatos do passado, conectando-os ao festejo presente, apontando os elementos identitários que os ligam.

Para analisar a relação entre memória e identidade, partiremos do conceito de que tanto a memória quanto a identidade são os elementos fundamentais para a construção do corpo social, seja no âmbito individual, seja no coletivo. Isso porque é a partir delas que a sociedade constrói relações afetivas socioculturais (CANDAU, 2019), uma vez que as identidades são construídas na relação do indivíduo com o meio, podendo ser alteradas e recriadas a partir da interação sociocultural (HALL, 2014).

Os entrevistados, ao buscarem na memória os fatos passados que conectam as suas histórias à da folia, geralmente recorrem a elementos identitários ligados à família. Podemos verificar isso na conversa que tivemos com Seu Adalberto Passos, bandeireiro desde 2008. Ao contar o início da sua participação na folia, ele recorre à memória afetiva para descrever sua experiência ainda na infância com a Festa de Santos Reis:

Eu sou de Jales, uma cidade do lado chama Três Fronteiras e todo dia 6 eles fazem encontros de Folias de Reis e as festas duram três, dois dias. E dura o dia inteiro. Uma cidade de 20 mil habitantes, a festa de Reis é para 20 mil pessoas, folia que não acaba mais, três dias de festas. Eu era pequeno e via folia de lá. Depois ficamos muito tempo sem ver folia aqui em Santo André, porque não tinha. Nós viemos em 1972 para Santo André, eu, meu pai e minha mãe. Cresci aqui e depois que fomos conhecer com o pessoal da igreja. Mas lá já conhecia. (Seu Adalberto Passos)

(...) comecei aqui, mas entrei bem depois do começo. Foi em 2008, já tinha quase uns 10 anos de folia quando eu entrei. Eles eram pequenos e eu levava eles para a folia, tinha até roupinha de palhaço, tinha uma roupinha dele de palhacinho pequeno. E aí eu entrei em 2008. (Seu Adalberto Passos)

Em seguida, ele aponta para as questões simbólicas que o aproximaram da

Folia de Reis São Francisco de Assis:

Sim, dentro da família, os dois, o Gabriel e ele tiveram meningite. Ele teve meningite da meningocócica e o outro teve o vírus, viral. Ele e o irmão ficaram internados 10 dias no hospital São Bernardo e o exame dele de coleta deu 900, o médico nunca... O médico falou que era muito altíssimo, nunca que ele sairia vivo ou sem sequela. E nisso a Dona Domingas falou: "Você não tem fé? Deus está presente. Ele está agindo". E a gente estava fazendo oração com a intercessão do Santos Reis. Porque foi na época. E ele fez a coleta, estava muito alta e os médicos falaram: "Vamos entrar com os exames". E ela falou: "Se você não tem fé, a sabedoria que Deus te dá não vai resolver nada, porque chegar para um pai ou mãe e dizer que a criança vai morrer ou ter sequela, é inconcebível. Mas você não é Deus, e Deus está lá em cima". E no segundo dia da coleta já tinha caído pela metade. E ficou um em uma ala e o outro em outra, porque cada um era um tipo de meningite. Quem fosse visitar ou acompanhar não podia visitar o outro. (Seu Adalberto Passos)

Neste relato, ele vai reconstruindo também algumas relações sociais importantes que o relacionam à folia. Tais relações sociais são construídas por meio de elementos identitários comuns aos foliões. A própria entrada de Seu Adalberto ao grupo está ligada a essa afinidade identitária, potencializada por elementos simbólicos ligados ao cristianismo que fazem sentido ao grupo, como aponta sua fala:

A sorte é que tinha Dona Domingas, familiares, tias que moravam aqui, avós, porque a Márcia naquela época não trabalhava, então ela ia e ficava com um. E aí ia a Tia Matilde, Dona Domingas, Dona Luiza, revezando, porque os dois estavam internados e eram pequenos. E até hoje falamos: que sequela ele ficou de uma meningite? Você pode perder movimento, parte de funcionalidade do cérebro, eu até brinco: a única sequela que ele ficou foi de cantar para Deus, e aí ele nunca mais parou de cantar, cantava na missa, na folia. A gente se apega na nossa fé de folião, que foi por intercessão dos Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida, eu tenho devoção em São José, participamos em uma comunidade de São Francisco e Santa Rita de Cássia. Temos que nos pegar na nossa fé, e a folia é uma delas. Eu, quando estou segurando a bandeira, tem muita gente que se emociona, quer pendurar uma foto de um filho que está doente, que está no mundo do vício. Se você pegar a bandeira, por trás das fitas tem muitos pedidos, muitas fotos; o ideal é pegar a bandeira e dar uma olhada. Fitas com textos escritos, pedindo trabalho, saúde. Tem dia, senão a bandeira vai ficando muito pesada, aí começamos a cortar um pedaço das fitas para caber mais, porque a cada ano que passa o pessoal vai colocando mais fitas. (Seu Adalberto Passos)

Nesta narrativa memorialística, podemos perceber que a identidade de folião vai sendo construída na relação dele com a Folia de Reis. Cada fato vivido ligado diretamente à folia vai servindo de roteiro para descrever a importância simbólica de ser folião. A partir daí, Seu Adalberto explica a função do bandeireiro e a sua importância para o festejo:

E o papel do bandeireiro nada mais é do que ele abrir os caminhos da Folia de Reis, então ele leva no simbolismo da bandeira a natividade, o nascimento de Jesus. A nossa bandeira tem como lema o presépio. Então, se você olhar na bandeira, você verá a estampa do presépio com o nascimento, a estrela guia, os três reis magos, José, Maria, Jesus, a natividade completa. E a bandeira abre os trabalhos, ela é a força da Folia de Reis, ela que dá força para a Folia de Reis. Sem bandeira a Folia não sai. Antes de começar a cantar, todo mundo faz a reverência, ou se benze com a bandeira. O nosso pessoal passa por baixo da bandeira, pedindo permissão para fazer a apresentação e levar a fé. A bandeira nada mais do que é abrir os trabalhos. Ela é a primeira a chegar, guardada pelos palhaços, os “bastião”. (Seu Adalberto Passos)

Em seguida, ele explica a simbologia da bandeira para a Folia de Reis:

E a bandeira é enfeitada, tem as fitas coloridas. Cada fita colorida tem o seu simbolismo. Começando pela fita branca, que representa Jesus e representa a paz. Depois tem a fita azul, que representa o manto da Nossa Senhora. Então tem a fita da cor azul. A fita rosa é a de São José, porque São José é carpinteiro, mexia com madeira e o cerne da madeira é rosa, e por isso determinou a cor rosa na bandeira. Depois vêm as três cores, que é vermelho, verde e amarelo. E cada uma representa os três Reis Magos. (Seu Adalberto Passos)

Para Seu Adalberto, ser bandeireiro é algo de grande responsabilidade, pois se lida com a fé dos devotos. A bandeira é o símbolo maior da folia, representando todo o grupo. Ela é a responsável por abençoar o local visitado, e é nela que os pedidos de graça são pendurados:

Eu gosto de ser bandeireiro. E, quando não vou, o Rafa que fica incumbido de escolher a pessoa que vai segurar a bandeira. Geralmente nas casas, o dono da casa, fazemos a apresentação, pede licença para entrar. E depois o dono da casa segura a bandeira, os familiares. E ao longo da apresentação tem um momento que a bandeira percorre todos os cômodos da casa, para abençoar a casa que estamos visitando. Então o dono vai, leva a bandeira nos cômodos da sua casa, vai sempre um palhaço junto, porque ele nunca pode abandonar sua bandeira. No interior, nunca presenciei, mas dizem que quando um palhaço encontra com a outra, geralmente o palhaço da outra folia tenta tomar a sua bandeira. (Seu Adalberto Passos)

A relação de Seu Adalberto com a folia está amparada na religiosidade e no reconhecimento social que ele tem com a paróquia. Com isso, o grupo de folia se estrutura em torno de significados simbólicos, nos quais os foliões reconhecem elementos socioculturais comuns a eles, que os conectam identitariamente. Ao se reconhecerem devido aos traços identitários comuns, reforçam também o sentimento de pertencimento sociocultural. Castells (1999) aponta que os grupos constroem a identidade a partir do compartilhamento de elementos identitários comuns.

O relato de Wagner Martins, bastião e coordenador da Folia de Reis São Francisco de Assis, sobre seu início na folia, também segue de forma parecida com o de Seu Adalberto, apontando como referência para a sua entrada no grupo a relação identitária familiar com o festejo, e a relação social com o grupo no momento em que foi convidado:

Eu tive muita dificuldade no começo. Eu frequentava, trabalhava de turno, e muitas apresentações não estava presente. Engraçado que, no meu caso, a minha mãe, porque acompanhava o meu avô, que era palhaço de Folia de Reis... E quando Dona Domingas me convidou, lógico que não conhecia. Já tinha visto quando era muito pequeno. Até a do próprio Baeta, que tinha o Zé Cabeludo, que morava perto da minha casa, e a folia era muito na casa dele e nas casas ali. Do meu avô só tenho uma lembrancinha dele, já vestido com a roupa de chita, mas sem máscara nem nada. A lembrança que trazia era isso. E, quando eu entrei na Folia de Reis, logicamente que está mexendo com uma tradição diferente, porque você vive na cidade. Mas no primeiro ano fiquei assustado. Levei uma bronca de cara, porque, como não conhecia muito bem a Folia de Reis. Mas, no ano seguinte, o que eu fiz? Fui pesquisar, analisar. Fiquei com um pé para trás, “não acho que vou continuar nesse negócio, que não é de Deus”. Cheguei a pensar isso. Mas, quando você traz a parte religiosa, espiritual, para dentro, de tudo que a minha mãe falava, e o porquê de tudo isso, eu comecei a entender e pensar diferente. Porque muitos pensam como eu pensei no passado. E comecei a fazer uma pesquisa mais funda, entender como agiam os palhaços e qual o momento que ele entrava, o significado que ele tinha na Folia de Reis. Demorou um pouco para iniciar esse aprendizado. (Wagner Martins)

Nos relatos, tanto no de Seu Adalberto Passos quanto no de Wagner Martins, percebemos que, para além da religiosidade, há dois elementos identitários importantíssimos que os conectam ao grupo Folia de Reis São Francisco de Assis. O primeiro está ligado à família e à relação desta com o festejo, pois o contato que eles tiveram com o festejo na infância serviu para a construção das suas identidades,

podendo mais tarde ser retomado; e o segundo elemento identitário é a relação social vivenciada por eles no momento da participação no grupo. Os entrevistados pertencem ao mesmo núcleo social, a paróquia que dá nome à companhia. Essa relação reforça o sentido de pertencimento coletivo, pois está fixada na religiosidade, nos elementos simbólicos ligados à fé e à crença.

Esses elementos simbólicos ligados à religiosidade são ferramentas construtivas da identidade, fazem parte da construção do folião. Seu João Dias Brito, violeiro da folia, nos conta a história de como entrou no grupo. O relato é importante, pois descreve uma visão de mundo particular aos foliões, que opera na construção da identidade deles:

Exatamente! (...) Seu Valdemar foi convocado para ir me convidar. Ficou sabendo da minha pessoa, que existia na Piramboia, no Jardim Estela. Que lá tem um violeiro. Antes, talvez uma semana, não me lembro, mas foi bem antes, eu saí para trabalhar e minha esposa disse que olhou pra porta e viu três pessoas na porta, cada um segurando algo na mão. Ai falou que veio o primeiro, debruçou em cima dela e não falou nada. Veio o segundo, e o terceiro ficou na porta, não entrou. Mas, na cabeça dela era gente da Folia de Reis, eram os três Reis Magos que vieram. E minha esposa também tinha muito conhecimento nisso. E eu falei: “Será?” E ela falou que não foi sonho, foi real. Beleza, passou; quando foi uma semana, chegou o Seu Valdemar e Dona Domingas na porta de casa, e falando que foi uma pessoa que me indicou. E, quando ela chegou, acho que no começo, tinha o João, que também era violeiro. Um fortão. Foram na casa dele e Dona Domingues bateu e falou: “Não é esse”. E foi descendo a Piramboia, e falou que tinha um violeiro nesta casa. E depois de casal, a gente estava uns dois dias sem se falar. Quando eu cheguei, que a Dona Domingas fez o convite para vir aqui na capela, ela não estava se aguentando de contentamento. “João, veio um pessoal aqui te convidar para a Folia de Reis”. E eu falei: “De onde é esse pessoal? Onde mora?” – “Eu não sei.” E já aconteceu antes de convite para outra coisa e a pessoa não veio, para participar de grupo de pescadores, só para tocar no meio deles. E o cara não veio mais. E, quando foi na outra semana, eles falaram: “Pode esperar tal hora”. E aquele dia, foi o maior convite que já recebi em toda minha vida! E estou aqui. (Seu João Brito)

Essa narrativa é repleta de significados que nos ajudam a entender quais elementos simbólicos fazem parte da construção identitária dos foliões. Elementos como a religiosidade, a tradição ou as relações familiares ligadas à memória são fundamentais para a construção da identidade, principalmente em um grupo que se iniciou a partir da retomada de uma tradição cultural.

6.3 Identidades e ressignificação

No caso da Folia de Reis São Francisco de Assis, a realização do festejo se dá de forma diferente do que ocorre nas tradicionais Folias de Reis, pois, devido a questões sociais e espaciais da região em que ela se apresenta, as suas jornadas de visita são realizadas nas paróquias locais, e não nas casas de fiéis e devotos de Santos Reis, como ocorre com os grupos de Folia de Reis de cidades afastadas dos centros urbanos. Com isso, o grupo acaba ressignificando algumas práticas ritualística do festejo, transportando-o para a realidade local.

Essa reorganização do festejo já foi estudada por Pereira (2017), ao pesquisar as Folias de Reis do Rio de Janeiro, e por Carvalho (2010), ao pesquisar a Folia da Freguesia do Ó, ambos apontando para os mecanismos de preservação do festejo quando realizado em áreas urbanas.

Nas conversas que tivemos com os integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis, em vários momentos eles ressaltaram que o grupo segue um modelo próprio de festejo, sem que isso descaracterize a companhia de folia, e que esse modelo de festejo possibilita a sua continuação.

O relato de Seu João Brito nos mostra como a Folia de Reis Francisco de Assis teve de adaptar seus ritos às mudanças sociais do grupo:

Só fazer uma ressalva? A folia tradicional, mesmo, ela sai, começa no dia 24, então faz a primeira apresentação em qualquer uma das casas. Sai com o grupo para fora e chega na casa. Aceitou, aí eles vão embora. Mas o tempo todo fica viajando de casa em casa. É diferente da nossa, a nossa sai se apresentando dia 24 na igreja, e as pessoas que são devotas nos convidam. Não saímos, até porque a maior parte do grupo é de senhoras. Então não vamos ficar expondo as pessoas e não temos também tempo para isso. Eu teria, porque sou aposentado, mas tem muita gente que trabalha. (Seu João Brito)

Percebe-se que a ressignificação do festejo, principalmente referente à jornada, ocorre com a diminuição das visitas às casas de fiéis e devotos de Santos Reis. Com isso, a apresentação nas paróquias vai se tornando mais comum. Para Seu João Brito, dois fatores são importantes para essa mudança. O primeiro é a dificuldade de locomoção espacial dos integrantes do grupo, pois a maior parte deles é da terceira idade; já o segundo fator está ligado às questões sociais, já que alguns

dos integrantes ainda trabalham, e não teriam todo o tempo disponível para realizar as jornadas. Wagner Martins também nos aponta para esta relação entre o trabalho e a folia:

E por ser na cidade, também. A gente trabalhava e tinha essa dificuldade de fazer essa caminhada. Aí a gente fazia de acordo e comum acordo com os membros da Folia de Reis. De ser uma coisa marcada. Porque, se fala em cidade, nem todo mundo está em casa, e o pessoal da Folia também, nem todos estavam. Eu tive muita dificuldade no começo. Eu frequentava, trabalhava de turno, e muitas apresentações não estava presente. (Wagner Martins)

Percebe-se que o grupo acaba se adaptando às relações sociais de seus integrantes, alterando jornadas ou se reestruturando coletivamente para realizar o festejo.

Nesta conversa, Wagner relata uma importante conversa que teve com outro bastião sobre os ritos tradicionais da Folia de Reis, e como estes se dão de forma diferente de grupo para grupo, dependendo da localidade:

Igual, nós estávamos em Limeira, e uma pessoa lá o tempo todo conversando comigo, que era palhaço da Folia de Reis, e lembrando o passado de como era. E falando que sabia de tudo, o que faz, o que não faz, o que pode e não pode. E teve um momento que eu falei: “Eu concordo com tudo que você falou. Mas temos que colocar regras, porque cada um tem o seu jeito de caminhar”. Nós somos da cidade, então nós temos a nossa regra, a gente não segue muitas regras das folias do interior. Igual o Seu João lembrou e fez a ressalva, que sai especialmente no dia 24. Não, nós saímos a partir do momento que fomos convidados. Se chamar hoje, nós saímos, por que não? Se está todo mundo disposto a caminhar naquela hora, a gente faz de bom coração. E outra, tem muita gente que fala: “Tem que pagar alguma coisa?” Não, não precisa pagar. Dá aquilo que você pode. Nós já fomos cantar e a mulher deu 2 reais, e foi a mesma coisa, a festa foi até melhor do que em muitos lugares. Falamos de festa, mas a reunião, para nós é uma festa, o encontro do menino Deus. Eu como palhaço, hoje eu sei. (...) E me leva a pensar, e a cada lugar é um modo diferente de você agir. E você faz a mesma coisa todos os dias, cantando a Folia de Reis, mas todos os dias são diferentes. Olha no olhar da pessoa, é uma coisa diferente, o jeito que ela recebe a Folia de Reis na casa dela ou até mesmo na igreja. É uma riqueza enorme. E isso para mim não tem nada que me pague. (Wagner Martins)

Wagner aponta para algo importante nesta reorganização do ritual: a diferença entre o festejo realizado nas cidades interioranas e as folias realizadas na área fortemente urbana, diferença marcada pelo modo de vida social e espacial.

Em entrevista com o padre Vanderlei Ribeiro, ele nos informa que realizar o tradicional festejo de Reis em Santo André implica em várias dificuldades, devido à cultura estabelecida no meio urbano. Para ele, a relação social na cidade grande se dá de forma mais distante do que nas cidades do interior, o que acaba dificultando a realização da festa:

Com certeza! As pessoas ficam deslocadas. Lá na região nossa, por exemplo, no Paraná, trata-se de uma cidade menor, e a tradição é mais viva. O meio urbano acaba rompendo com essas tradições, costumes. As pessoas ficam mais distantes. Tanto é que no início da Folia, por 20 anos, nós fizemos todo primeiro de janeiro, e fizemos uma apresentação na Rádio Imaculada. Antes era aqui na Cidade dos Meninos, hoje é no Riacho Grande. Ligavam muitas pessoas para nós: “Estou lembrando dos meus pais, dos meus avós”. Então várias pessoas que moram na cidade e têm essa raiz, mas o meio urbano dificulta essa vivência da tradição e essa vivência popular. Graças a Deus que nós conseguimos criar essa Folia. Talvez hoje seria ainda mais difícil. No tempo que criamos, foi interessante, porque houve um interesse, e talvez por ter um padre na frente isso facilitou mais. Mas, se fosse para criar hoje, talvez teríamos mais dificuldades. Depois veio a pandemia, que estragou demais. Claro que essa diferença do interior para cá é grandiosa! Porque o urbano dispersa. A realidade urbana dispersa, distancia, quebra, rompe com a tradição, com os valores. O meio urbano é complicado. (Padre Vanderlei Ribeiro)

Percebemos que, além das jornadas se concentrarem nas apresentações paroquiais, apresentações em meios de comunicação também fazem parte da ressignificação da folia. Esses fatos são trazidos à tona pela memória dos foliões, são narrados e reinterpretados por nós, interlocutores. A memória carrega consigo relações e fatores importantes para o grupo, importantes para a manutenção e ressignificação do festejo.

Porém não podemos deixar de citar as mudanças ocorridas no festejo entre os anos de 2020 e 2022, mudanças forçadas pela pandemia de Covid-19, que fez com que a sociedade tivesse de mudar hábitos comportamentais.

Tais mudanças ocorreram no período desta pesquisa, sendo demasiado recentes para analisarmos se serão pontuais ou estruturais; mas gostaríamos de registrar um relato de Rafael Moraes sobre algumas mudanças ocorridas no festejo nesse período:

Porque agora, com, a pandemia muita gente fica meio recuado. Mas quando é normal a festa, não tem pandemia, chega a formar cada fila

*comprida de gente para segurar a bandeira, durante a missa toda.
(Rafael Moraes)*

Ressaltamos que, em 2020, a festa não foi realizada, e que somente no final de 2021, seguindo recomendações de distanciamento social, as atividades voltaram a ser praticadas.

6.4 Tradição e memória

A entrevista com o padre Vanderlei Ribeiro é fundamental para entendermos a origem da Folia de Reis São Francisco de Assis e as mudanças realizadas no festejo, que o tornam diferente de outras Folias de Reis.

Conforme nos informa o Padre Vanderlei, o grupo foi formado entre 1996 e 1997, pela iniciativa do próprio padre. A intenção era retomar um festejo tradicional da cultura popular cristã, e reproduzi-lo na cidade de Santo André, pois não havia registro da Festa de Santos Reis no município:

Então, frisando e comentando, a nossa Folia de São Francisco de Assis é de fato a única no momento em Santo André. Não digo nem “no momento”: nos últimos 20 anos, eu não conheço outra equipe de Reis, outra Folia de Reis aqui em Santo André. Nos últimos anos, é a nossa Folia de Reis que tem feito esse trabalho de manter essa tradição aqui na região de Santo André.

Ela nasce exatamente com a iniciativa de pessoas que querem manter a tradição. Por isso ela nasce. Nasceu com a minha iniciativa, um convite que eu fiz para algumas pessoas, eu ainda era padre na Nossa Senhora de Paraíso, isso em 1997, 1996, começamos a conversar, e foi quando nós começamos a dar os primeiros passos para a criação desta folia. (Padre Vanderlei Ribeiro)

Para o padre Vanderlei Ribeiro, retomar uma tradição cultural ligada à religiosidade era reconstruir a história da família dele, era dar continuidade a uma tradição familiar de foliões:

Eu quis manter a tradição da minha família, dos meus avós. Meu avô paterno, João Miguel Ribeiro, era Folião e Embaixador, aquele que sai com a folia. E ele era muito devoto dos Santos Reis que hoje celebramos: Baltazar, Belchior e Gaspar. Tradicionalmente, são esses três nomes. E, com a preocupação de manter a tradição familiar, convidei algumas pessoas, entre elas o meu avô materno, que iniciou nessa folia tocando cavaquinho. Ainda temos o cavaquinho azul. Ele já faleceu, e era responsável pelo cavaquinho. Juntamente comigo, o meu avô materno e essas pessoas: Dona Domingas, Seu Valdemar,

Seu Sebastião Payola, o Ademir, [que] na outra vez não tinha lembrado. O Ademir, que foi também muito importante no início, faleceu também. Então temos muitas pessoas importantes que faleceram: meu avô, Seu Sebastião Payola, o Ademir, que era responsável, era embaixador. Hoje é o Rafael que está no lugar dele. Eles foram fundamentais no início desta folia. (Padre Vanderlei Ribeiro)

Neste processo, outras pessoas foram sendo convidadas, conforme informa o padre. Essas pessoas eram, na grande maioria, migrantes do interior que haviam tido relação com o festejo nas suas cidades natais, mas que já estavam estabelecidas no município:

Demos os primeiros passos, organizamos, sentamos, fomos convidando pessoas que já participaram de Folias de Reis no passado, no interior de suas cidades que nasceram. Ora eles participavam, ora meus avós, e nessa preocupação de manter a tradição começamos as primeiras reuniões, começamos a convidar as primeiras pessoas. (Padre Vanderlei Ribeiro)

Para criar o Grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis e realizarem o festejo de Reis, o grupo se apoia na memória. Ali buscam os detalhes que constituem a festa, reconstruindo os símbolos tão importantes para esta manifestação cultural – como podemos verificar na conversa. No momento em que o padre Vanderlei descreve o festejo, ele busca na memória os detalhes que o compunham nas suas vivências de infância:

Nós éramos crianças, mas já acompanhávamos a Folia de Reis. Se saía desse tempo, desde o começo de janeiro até 6 de janeiro, a Folia de Reis andava por todos os lados. Todas as casas, igrejas, cantando Reis. E, por onde passava, sempre era uma festa grande. As pessoas faziam festas mesmo, doavam para a equipe de Reis também animais, e depois, na festa de Reis, que era no dia 6, fazia uma festa grande por todo mundo, com coisas que foram doando, as pessoas iam doando ao longo do percurso de Reis. De lá tivemos a experiência; depois meus avós vieram para cá e acabou rompendo com isso. Mauá, onde meu avô materno morou, não tinha Folia de Reis, não teve como ingressar em outra folia, e ele também não conseguiu criar, com a dificuldade de reunir pessoas. E o meu outro avô, que morava em Campinas, também não teve a possibilidade de montar outra folia. Então conseguimos montar em nome deles. (Padre Vanderlei Ribeiro)

A memória também reconstrói momentos importantes no processo de formação do grupo, como aquele em que a bandeira foi costurada e consagrada. Este fato referencia um elemento simbólico para o festejo, pois a bandeira representa a

tradição e a sacralidade da folia. Ao relembrar a criação da bandeira, o Padre Vanderlei nos pontua toda a importância simbólica do estandarte, assim como a importância de algumas pessoas para esse início:

Mandamos fazer a bandeira, depois, que é o sino sagrado para nós. Quem fez essa bandeira foi a Dona Cecília, que mora na Rua Gamboa, no Bairro Paraíso. Ela fez a bandeira há 24 anos atrás. Depois posso até passar o telefone dela para você. Ela fez a primeira bandeira. A bandeira é um símbolo central na Folia de Reis. A Folia não pode existir sem a bandeira. A bandeira é a que traz a estampa do presépio. E, depois, essa bandeira vai acompanhar a Folia de Reis; ela é abençoada e se torna um objeto sagrado. As pessoas devotas de Reis tocam nessa bandeira, beijam essa bandeira, penduram fitas na bandeira, por isso ela fica assim bastante bonita, ela fica cheia de fitas coloridas. Tem ali também fotos pequenas, medalhas, enfim, hoje já está uma bandeira bem carregada de passado. (Padre Vanderlei Ribeiro)

A história da Folia de Reis São Francisco de Assis narrada pelo Padre Vanderlei Ribeiro nos mostra a importância das vivências e memórias para a formação do grupo e para a construção do festejo. Se, para os foliões atuais, a realização da festa faz com que eles reconstruam as memórias, no caso dos primeiros integrantes o mecanismo se inverte, e é a memória que constrói a folia.

Para entendermos melhor o início do grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, não poderíamos deixar de conversar com os dois foliões mais citados nestas conversas: Dona Domingas Bonfim e Seu Valdemar Bonfim.

A conversa com eles é de suma importância, pois registra a memória de dois integrantes que estiveram na formação do grupo e que participaram ativamente da construção da Folia de Reis São Francisco de Assis, sendo importantes personagens para os integrantes atuais da folia. Mas antes gostaria de fazer uma breve relato memorialístico como pesquisador.

No início desta pesquisa, a entrevista com Dona Domingas e com Seu Valdemar foi retirada do cronograma devido à pandemia de Covid-19, pois ambos faziam parte do grupo de risco. Com isso, somente no final de 2022 o encontro com eles voltou a ser considerado, pois agora poderíamos seguir todos os protocolos de segurança e visitá-los para uma conversa sobre a Folia de Reis.

A conversa com a Dona Domingas e com o Seu Valdemar nos mostra como a memória traz à tona vivências passadas, reconstruindo toda uma história social. Neste caso, em especial, achamos interessante reproduzir parte substancial da

conversa, deixando a memória construir a narrativa.

Ao iniciarmos a entrevista, perguntei à Dona Domingas e ao Seu Valdemar sobre a Folia de Reis São Francisco de Assis. Interessante notar que a narrativa de ambos vai se completando: as suas lembranças vão sendo descritas, revelando a relação da criação do grupo com o município, com as pessoas responsáveis pelo surgimento do festejo na cidade de Santo André, e principalmente a vivência deles com a folia antes da criação do grupo:

Sim, quando foi fundada a Folia de Reis de Santo André, foi dito: como não tem uma Folia de Reis em Santo André? Uma cidade que não é tão jovem. (Dona Domingas Bonfim)

O Padre Vanderlei vinha cobrando: vamos fundar uma Folia de Reis. (Seu Valdemar Bonfim)

E ele falava que não dava, que não tinha embaixador. (Dona Domingas Bonfim)

O padrinho do Rafael me ensinou a tocar violão. (Seu Valdemar Bonfim)

Eu mandei ele calar a boca, porque ele foi lá em casa dizer que não tinha como criar uma Folia de Reis. E ele ficou bravo porque eu discordava dele. E, quando ele chegou nervoso, eu: “Ademir, cala a boca e me ouve! Eu não chamei aqui para me empurrar e me derrubar. Eu chamei para trocar ideia”. Por quê? Qual Folia de Reis que você já viu que é original? Mostra para mim! Folia de Reis é um canto que cada um tem a sua forma, o seu rosto, essa nossa vai ter o rosto de Santo André. Por quê? Porque ela é Folia de Reis de Santo André. Tem a Folia de Reis do Baeta, não tem? Não sei se ainda tem, mas na época tinha. E essa será a Folia de Reis de Santo André. E de São Bernardo é São Bernardo, porque tinha foliões do centro de São Bernardo. E cada um forma uma Folia de Reis como quer, porque não tem uma norma, um “x”. Não! Claro, que nem na época ele falou: “Como vai criar uma Folia de Reis?” Eu falei: “Sou filha de folião!”. Meu pai era um folião apaixonado, não cantava e tocava, porque ele tocava na época o que era chamado de pé-de-bode, um nome esquisito. Mas disse que era um pouco baixo, não é? Meu pai tocava na Bahia. Ele era baiano. (Dona Domingas Bonfim)

E o Ademir, com o outro Wagner, que não é esse, e tocava sanfona, tocava bem! Se ele conhece bem um ponteado no violão e você menos, para mim você conhece mais do que ele porque você começou agora. Quem é o mais sábio e tem que saber mais? Ele! Ele vem de uma irmã que tocava cavaquinho como ninguém. O irmão tocava violão. Todos eles! Você canta música pelo toque

do violão, tocam divinamente. Bandolim? Tocam também! Então a família toda! Ele tinha uma irmã que tocava cavaquinho e olhava para ela e não dava nada e ela pegava cavaquinho. (Dona Domingas Bonfim)

Percebe-se que, ao falar da Folia de Reis, Dona Domingas, como Seu Valdemar, rememora fatos que estão ligados ao passado familiar de ambos. Eles buscam no passado a informação que chancela a ligação afetiva com o festejo. Dona Domingas nos informa que participar da folia era retomar a tradição de seu pai que fora folião:

Eu era criança, com 5, 6 anos, e meu pai foi folião na Bahia. Meu pai analfabeto, não sabia escrever nem ler, não sabia nem um “a” e nem um “o”. Meu pai era um folião apaixonado! Sabe quando alguém é apaixonado por alguma coisa? E lá onde nós morávamos apareceu uma folia no bairro vizinho, e o meu pai ia como daqui quase até São Caetano a pé para ver a Folia de Reis, e eu ia junto com ele. Porque ele comentava com todas as pompas e entusiasmo. E eu gostava de ouvir as histórias do meu pai. Eu aprendi a amar a Deus com toda a minha força por causa do meu pai. Na beira da minha mãe eu não falava muito isso, porque ela tinha ciúmes, porque eu não falava sobre ela como eu falava do meu pai. Mas é que os dois brigavam muito e eu não tinha nada a ver com isso. E como eu falava para as minhas irmãs, elas eram contra o meu pai e dava razão para a minha mãe. E eu falava que eu não tinha que dar razão para ela ou para ele. Foi eu que escolhi os dois para casar? Não! Então eu amo a mãe como a minha mãe, mulher brava, lutadora, trabalhadora, mulher de fé, digna, honesta. Então tudo que sou eu devo à minha mãe e ao meu pai. Os defeitos deles, as brigas deles, é problema deles! São primos e casaram. Sabendo que de um saía faísca e o outro o fogo já estava aceso para brigar. Eles eram valentes os dois, um com o outro! Um era primo legítimo do outro. Saiu galho da mesma família, briguenta! Povo briguento! Já vinha de geração. Minha mãe dizia que era de família rica e fica pobre. Então eu falo para você, que achava que eu podia me proteger, zelar em nome da família. Mas não dá. Ou do lado do meu pai ou do lado da minha mãe. (Dona Domingas Bonfim)

As memórias sobre o início da Folia de Reis São Francisco de Assis trazem consigo lembranças de fatos marcantes que foram vivenciados antes do início do grupo. Ao relatar passagens ligadas ao período em que estive na coordenação do grupo, Dona Domingas narra um fato bem anterior a esse período:

Porque veja bem como é o teste da vida. Nós moramos com a nossa casa no outro lado do bar, com bebida, e do lado de cá eu construí o salão para uma sorveteria, e fiz curso para fazer sorvete. E comprei uma máquina industrial grandona, que saía 12 litros de sorvete. Ai eu

lhe digo: trabalhei, mas realizei. Graças a Deus! Fiz curso, ganhei passagem e despesa de hotel lá em Santa Catarina para eu ir, porque eu comprava muito! Eles me deram na Cantareira, perto do Mercado, era lá que eu fazia compras. E lá eles me deram passagem. (Dona Domingas Bonfim)

As memórias, quando sobrepostas, fortalecem a história da Folia de Reis São Francisco de Assis, conversar com os integrantes do grupo possibilita registrar a história oral tanto do grupo quanto particularmente dos seus foliões. A própria realização do festejo opera no processo de construção da memória e da identidade.

6.5 A memória de uma jornada

Ao iniciar este trabalho de pesquisa sobre memória e identidade na Folia de Reis São Francisco de Assis, eu sabia que também estaria construindo a minha própria identidade e memória, além de contribuir para a construção da memória coletiva do grupo, já que eu estaria em contato com eles por um determinado período de tempo.

Imaginava que a minha presença nos festejos e nas celebrações já resultaria em um processo de transformação sociocultural que iria para além da pesquisa acadêmica, pois poderia presenciar práticas culturais ligadas à religiosidade, que incidiriam diretamente na minha identidade.

Mas a relação que eu tive com o festejo foi para além da presença de um pesquisador observador, pois tive a oportunidade de participar da folia como bastião, o que mudou a relação com o objeto pesquisado. Ressalto que o texto seguirá em primeira pessoa por se tratar da minha memória como pesquisador e folião.

A data era 24 de dezembro de 2021, e a Folia de Reis São Francisco de Assis se apresentava na Capela de São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, na missa de Natal. Preparei meu caderno de anotações, revisei o roteiro de perguntas caso tivesse a possibilidade de entrevistar algum folião, e, às 17h em ponto, parti para a jornada, percorrendo os 12 km até o bairro em que a capela está localizada.

Atravessei a cidade, e cheguei à capela faltando meia hora para o início da missa. A Folia São Francisco de Assis já estava lá. Cumprimentei o grupo e informei que assistiria à missa, para tomar notas da folia e da cerimônia.

Os integrantes da folia estavam se preparando para a apresentação. Uns afinavam os violões, outros se arrumavam com a tradicional roupa do grupo, camisa branca, calça preta e estola azul com uma estrela bordada na cor amarela. Wagner Martins, o bastião da folia, já estava fardado com as vestes que diferenciam os bastiões do restante do grupo, pois é uma roupa de seda florida que cobre braços e pernas e que se destaca devido às cores e estampas.

Minha conversa com o embaixador da folia Rafael Moraes foi rápida. Até pensei em fazer uma entrevista, mas percebi que não era o momento. Fiquei reparando a movimentação do grupo, e logo notei que estava faltando um bastião: geralmente a folia sai com dois palhaços à frente.

Foi nesse momento que o Rafael se aproximou de mim e perguntou se eu queria participar da folia. Fiquei sem palavras, pois sabia a importância e a simbologia de ser bastião. A resposta não saía. Uma coisa é ser pesquisador, outra é ser folião. Então respondi para eles com duas perguntas: Mas não há problema? O que os outros acham?

A resposta foi simples e direta: “Lógico que não tem problema, você foi escolhido para ser o bastião”. Essa resposta me surpreendeu; naquele momento, eu deixava de ser pesquisador para ser um folião, mesmo que somente por uma ou duas horas. A resposta do meu amigo Rafael era repleta de simbologia: “o ser escolhido” estava mais ligado à cosmovisão cristã do que à escolha pessoal.

Em seguida me trouxeram as vestimentas; fui colocando cada parte da farda, meio atabalhado, pois me faltava a experiência de um bastião. O tempo agora passava de forma lenta: não sabia como agir e fui conversar com o Wagner, que, na sua experiência como bastião, foi me tranquilizando e dizendo que era só acompanhá-lo.

Aos poucos o grupo foi se reunindo. O embaixador se postou ao seu lado, o bandeireiro já segurava a bandeira de forma altiva e segura, os músicos com as violas se organizavam junto com o coral de mulheres. Para mim tudo era novo, pois vivenciava na prática a minha pesquisa: agora eu era um integrante da folia e estava imerso na jornada (Figura 22).

Figura 22 – Pesquisador como bastião na Capela São Francisco de Assis, dezembro de 2021



Fonte: Arquivo Paulo Augusto Ferreira Vitor

Nos posicionamos à entrada da capela, aguardando o sinal para iniciarmos a apresentação. Mesmo com a pandemia de Covid-19 havia muitos fiéis na capela. Perguntei ao Wagner o que eu deveria fazer, e ele me respondeu para segui-lo, repetir o que ele fazia. Neste momento, o embaixador confirmou: “Segue ele, Paulo”.

Quando as violas tocaram e se iniciou a entrada da folia (Figura 23), eu percebi a importância do grupo para aquela comunidade: as reverências se iniciaram, assim como as fotos e os aplausos. Eu, mimetizando o outro bastião, entrei à frente da folia, bem atrás da bandeira, dançando em um passo desengonçado e envergonhado: faltava-me a vivência e a experiência, mas aquele era o momento do folião.

Figura 23 – Folia de Reis iniciando a missa de Natal na Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, dezembro de 2021



Fonte: Frame de filmagem publicada na página do facebook da Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cassia.

Ao passar pelo corredor, íamos, os dois bastiões, dançando e fazendo reverência às pessoas. Éramos cumprimentados pelos fiéis. O bandeireiro já estava se posicionando à frente do altar, quando passamos pelo corredor. O ritual pedia que os bastiões se abaixassem à frente da bandeira e fizessem reverência ao símbolo maior da folia, bem como ao altar da capela, no qual havia um presépio.

A emoção já tomava conta da gente; eu ficava dividido entre o detalhamento de todo o rito – para que, por meio do registro memorial, pudesse relatar depois cada passo dessa experiência – e a vivência emocional despreendida do detalhamento de cada movimento.

Após a reverência à bandeira, nos posicionamos ao lado do altar, onde se encontravam todos os foliões, pois ali o grupo cantaria durante toda a cerimônia. Eu olhava tudo como uma criança assustada em seu primeiro dia de escolar. Neste

momento, vejo entrando na capela o Airton, o outro bastião da folia: agora éramos em três, pois o bastião que eu estava substituindo chegara.

Dois dos adereços importantes que os bastiões carregam são a bolsa, para receber doações, e uma espada. Eu passei os adereços do meu fardamento e bastão para o meu novo companheiro – que me olhou com ternura dizendo que não era necessário. Insisti, pois ele era o bastião da folia. Era interessante ver a fé dos bastiões, as emoções que eles transmitiam a cada música, as lágrimas e as reverências, demonstração de respeito e amor à folia.

Agora eu podia de fato prestar um pouco mais de atenção ao ritual, analisar as expressões, os ritos de fé. Fiquei observando os fiéis: era interessante ver que a cada momento um fiel se dirigia ao bandeireiro pedindo para segurar a bandeira por alguns minutos; várias pessoas se revezaram, mulheres e homens, em sua grande maioria da terceira idade. Percebi que portar o estandarte, mesmo que por alguns minutos, representava devoção, fé e dádiva.

No decorrer da missa de natal da Capela de São Francisco, o grupo de folia foi cantando várias músicas ligadas ao nascimento de Jesus; a cada canção eu ia entendendo mais a importância da Folia de Reis para a própria capela e para os seus fiéis. O festejo de Reis, além de representar uma história de suma importância para a comunidade cristã, representa também laços afetivos ligados a tempos passados: as histórias pessoais de quem vivencia ou vivenciou o festejo em algum momento, tornando-se uma importante manifestação cultural de construção de memória e identidade.

A folia foi responsável por encerrar a missa. Conforme íamos cantando, as pessoas presentes nos cumprimentavam, demonstrando felicidade pela apresentação. No saguão (Figura 24), alguns fiéis vieram até os bastões e depositaram donativos em dinheiro nas bolsas, o que faz parte da tradição do festejo. Ser bastião é uma responsabilidade com o grupo e com os devotos: é doar-se em uma devoção à folia; é crer e ter fé, e ser devoto de Santos Reis.

Figura 24 – Folia de Reis São Francisco de Assis na

Capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cássia, dezembro de 2021



Fonte: Arquivo Paulo Augusto Ferreira Vitor

Participar da Folia de Reis São Francisco de Assis como bastião foi uma experiência única, que possibilitou entender que o festejo, para além da ritualização de uma festa, é um processo de identificação. Ao ser bastião por um dia, vivenciei uma experiência nova. Esta jornada me possibilitou participar de uma manifestação cultural de caráter popular, e todas as vezes que eu encontrar a Folia de Reis São Francisco de Assis poderei reconstruir e compartilhar esta memória vivida.

7 RESULTADOS

As histórias orais registradas neste trabalho nos mostraram que, em determinados contextos, as memórias individuais dos integrantes da Folia de Reis São Francisco de Assis atuam de forma a se interligarem para formar uma narrativa coletiva. Nestes casos em particular, os entrevistados trocam experiências memorialísticas nas quais as narrativas vão se completando, dando assim sentido à história do próprio grupo, como foi verificado nas entrevistas coletivas em que Rafael Moraes, Wagner Martins, João Brito e Dona Lourdes reforçaram suas narrativas memorialísticas pessoais apoiando-se na lembrança um do outro.

Já em outros momentos, as memórias coletivas aparecem para orientar os indivíduos a partir dos contextos sociais. Neste caso, percebe-se que os atores utilizam a memória coletiva para fortalecer a memória individual e relembrar fatos, que, em alguns casos, sequer foram vividos pelo folião que os lembra. Dessa forma, a memória é constituída pelas narrativas e perspectivas do grupo em relação ao festejo, como percebemos no relato de Rafael Moraes, que se apoia na memória coletiva para descrever o início do grupo.

Também verificamos que os interlocutores, ao rememorarem as suas experiências com o festejo, retomaram elementos voltados à composição familiar e às relações sociais estabelecidas nas paróquias que frequentam, como nas cidades em que moravam na infância.

As entrevistas também apontaram para a importância das memórias para a manutenção da Folia de Reis São Francisco de Assis, pois elas são organizadas em torno de características que conectam os integrantes a elementos identitários comuns a eles.

Como as identidades são construídas de forma diferente ao longo do tempo, para que o processo de manutenção dos elementos identitários ocorra, o momento de origem deve ser estruturado mais ou menos em um sistema de memórias comum ao grupo, para que a narrativa seja construída de forma coerente. Como percebemos, as narrativas do padre Vanderlei Ribeiro, da Dona Domingas Bonfim e do Seu Valdemar Bonfim se voltam sempre ao momento de origem comum a eles, o que cria um sentimento de afeto e identificação entre os integrantes do grupo.

Também podemos verificar que as identidades dos integrantes do grupo são construídas na intersecção com o grupo e com o festejo, como aponta seu Adalberto

Passos, bandeireiro, ao contar como ele entrou para folia. Os elementos identitários são importantes, pois eles são a base para realização do festejo, inclusive para a ressignificação deste, pois, como os integrantes do grupo vivem em um meio social urbano, no qual as identidades são preenchidas por elementos culturais diversos, a Folia de Reis São Francisco de Assis acaba por ressignificar alguns ritos para adaptá-los ao meio em que se realiza, como podemos verificar com as jornadas sendo realizadas em paróquias em vez das ruas.

Por fim, ao participarmos do festejo como folião, podemos analisar *in loco* como a Folia de Reis é uma manifestação cultural que carrega consigo elementos identitários de determinados grupos e locais que estão ligados à memória de quem já vivenciou o festejo, seja como expectador, devoto ou folião. Percebemos que o festejo, mesmo sendo estruturado na simbologia mítica do catolicismo, vai para além das questões religiosas, pois é uma manifestação que opera na produção sociocultural dos indivíduos, o que incide diretamente na construção da identidade.

7.1 Considerações finais

O Festejo de Reis é uma manifestação cultural que atua diretamente na construção da memória e no fortalecimento identitário dos integrantes dos grupos de folia. Os foliões, ao realizarem o festejo, criam significados simbólicos que dão sentido ao rito e à festa, produzindo assim lembranças que fortaleceram os laços identitários com o grupo.

A Folia de Reis São Francisco de Assis realiza a festa de Santos Reis em uma região urbana, que se desenvolveu por meio de um forte processo de industrialização. Os elementos sociais do local onde a folia atua são diversificados e operam sempre em relações ambivalentes, nas quais a cultura popular está inserida no campo de disputas entre os setores subalternos e hegemônicos.

Sendo assim, neste estudo sobre memória e identidade na Folia de Reis São Francisco de Assis, procuramos verificar como as memórias individuais e as memórias coletivas são acionadas pelos integrantes do grupo ao lembrarem de fatos determinantes para a realização do festejo, e como a identidade desses foliões é construída em relação com o meio urbano em que o festejo é realizado.

Com isso, a pesquisa nos possibilitou entender que para além da religiosidade, a festa de Santos Reis é um elemento sociocultural que representa o

modo de vida de determinados grupos sociais. Para entendermos esta relação no grupo de Folia de Reis São Francisco de Assis, traçamos um panorama histórico sobre a formação social e espacial da cidade de Santo André, afim de compreender como se deu o desenvolvimento social do município, tanto econômico como espacial e social, adentrando nas relações culturais dos moradores da cidade, o que explica diretamente o surgimento de atividades culturais como as Folia de Reis.

Entretanto o resultado mais importante desta pesquisa está na relação que criamos com o grupo Folia de Reis São Francisco de Assis, o que possibilitou apresentar seus integrantes, as histórias de vida deles e a relação afetiva com o festejo. As entrevistas expostas aqui acabam sendo de suma importância, pois registram as memórias de alguns foliões, produzindo documentação oficial do grupo, o que contribui para a manutenção e construção da memória do próprio grupo, contribuindo para a preservação desta manifestação cultural tradicional que aos poucos vem perdendo espaço nas áreas urbanas, principalmente no ABC Paulista. Com isso, acreditamos que este trabalho pode contribuir para futuras pesquisas voltadas para memória e identidade, principalmente dialogando com estudos voltados a grupos socioculturais tradicionais.

7.2 Limites e sugestões

Procuramos neste estudo compreender como a memória e a identidade são construídas na Folia de Reis São Francisco de Assis. Porém, como pontuado anteriormente, alguns imprevistos ocorreram no decorrer da pesquisa: a sociedade passou e ainda passa por um período de pandemia que impediu por meses a realização do festejo. Com isso, algumas entrevistas foram realizadas fora do cronograma programado, e em locais que exigiam um tempo mais reduzido de contato com os entrevistados. Entretanto conseguimos captar, por meio das entrevistas, as memórias dos integrantes que havíamos previsto no começo do estudo.

Ressaltamos que esse registro memorialístico sempre pode ser afetado pelo espaço-tempo em que é construído; por isso, nos limitamos a entender os fatos narrados como uma reprodução das lembranças voltadas ao festejo, um processo memorialístico voltado às relações socioculturais, afastando-se de qualquer análise das funções mentais que estejam ligadas a déficits cognitivos e transtornos

psiquiátricos.

Esta pesquisa também procurou entender a religiosidade dentro do campo das relações socioculturais: não adentramos a discussão simbólica da fé católica, pois focamos o estudo na relação direta do festejo com a memória e a identidade, assim como nos limitamos a entender como o festejo opera em um espaço social no qual a sua realização faz sentido, não ampliando discussão para as relações fora deste campo social, principalmente referentes às relações institucionais de preservação desta manifestação cultural.

Esperamos que futuras pesquisas sobre a Folia de Reis possam adentrar as questões voltadas ao apagamento memorialístico do festejo quando um determinado grupo deixa de existir; dessa forma, algumas perguntas poderiam ser respondidas, como: Quando um grupo deixa de existir, como as memórias individuais se estruturam? Como as memórias coletivas se mantêm, e como elas operam com o distanciamento dos foliões? O que muda na identidade dos participantes? E como eles mantêm traços identitários que estariam de certa forma ligados à Folia de Reis?

Estas seriam questões importantes a serem respondidas para que possamos de fato entender a importância da Folia de Reis tanto para os foliões, quanto para toda a sociedade.

“A bandeira vai embora / A bandeira vai embora / Os milagres vão ficar, ai / Oi ai oi ai, os milagres vão ficar, ai ai ai...”

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio de. **Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais de trabalhadores**. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- ANAU, R. V. As transformações econômicas no Grande ABC de 1980 a 1999. **PosFAUUSP**, v. 11, p. 46-59, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/47509>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional I: festas, bailados, mitos e lendas**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- AYALA, Lilian Crepaldi de Oliveira. **Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul**. 2014. 261 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- BASSANEZI, Maria; SCOTT, Ana; BACELLAR, Carlos; TRUZZI, Oswaldo. **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1850**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada, Edição Pastoral**. Trad.: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- CANCLINI, Néstor García, **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CANCLINI, Néstor García. Cultura transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación. In: CANCLINI, Néstor García; RONCAGLILO, Rafael (orgs.). **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: Ipal, 1988.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2015.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CARVALHO, M. de. (2010). Folia de Reis não é folia de rádio. **Tempo Social**, v. 22, n. 2, p. 217-239. [Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12646](https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12646). Acesso em: 28 jan. 2023.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1988.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Zaide Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. Folia de Reis. **Cadernos de Folclore**, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Arte-FUNARTE, Rio de Janeiro, n. 16, 1977.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Folclore em Sorocaba**. Sorocaba: PMS, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CHAUÍ, Marilena; SANTIAGO, Homero (orgs.). **Conformismo e resistência**. São Paulo: Autêntica, 2014.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. **Na jornada de Santos Reis: conhecimentos, ritual e poder na folia do Tachico**. Maceió: EDUFAL, 2013.

CRUZ, Thais Fátima dos Santos. **Paranapiacaba: a arquitetura e o urbanismo de uma vila ferroviária**. 2007. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

DIAS I. C.; ALMEIDA C. H. de; MELO Érika M. M.; DIAS H. C.; LUZI. S.; SANTOS J. L. D.; BARBOSA J. F.; ZANETTI L. F.; FILHO R. M. N.; Soares G. F. G. Os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental da população. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 30, e8218, 8 jul. 2021.

FERREIRA, Josué C. As alterações na estrutura industrial de Santo André, São Paulo. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do ABC, 2013.

GORZONI, Priscila. **Abre as portas para os Santos Reis!**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Cidades@: São Paulo: Santo André**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santo-andre/panorama>. Acesso em: 17 fev. 2023.

KLEEB, Suzana C. **Breve histórico de Santo André**. Santo André: PMSA, 2001. Disponível em: http://www.santoandre.sp.gov.br/bn_conteudo.asp?cod=1501. Acesso em: 26 jan. 2023.

LANGENBUCH, Jurgen R. A estruturação da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: FIBGE, 1971.

MAPPIN HISTÓRIA E MEMÓRIA. **A loja do Mappin ABC, hoje shopping ABC fez sucessos entre os moradores de Santo André e região**. Facebook. 15 mai. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/mappinhistoria/photos/a.2067545989932884/3190916687595803/?type=3>. Acesso em: 17 fev. 2023.

MARINHO, Neide. **Folias de Reis: múltiplos territórios**. Curitiba: Appris, 2015.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica: origens do Eu dividido no subúrbio operário**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, 1993.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. Teatro e trabalhadores: textos, cenas e formas de agitação no ABC Paulista. **ArtCultura**, v. 7, n. 11, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1391>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PASSARELLI, Sílvia Helena Facciolla. **Proteção da paisagem ferroviária: memória e identidade do bairro Estação São Bernardo (atual Santo André, SP)**. 2005. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PASSARELLI, Sílvia Helena Facciolla; KLEEB, Suzana Cecília. Transformação da indústria e do espaço urbano: mudanças da paisagem na área central de Santo André, SP. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; PALAZZO, Pedro P.; DERNTL, Maria Fernanda; TREVISAN, Ricardo (orgs.). **Tempos e Escalas da Cidade e do Urbanismo**. XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília: Editora FAU/UnB, 2014.

PEREIRA, Thais Amaral da Silva. **Entre a tradição e a modernidade: permanências e transformações nos registros memoriais das Folias de Reis do Rio de Janeiro**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. **História de Santo André**. s.d. Disponível em: <https://web.santoandre.sp.gov.br/portal/servicos/1001/historia-de-santo-andre/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

PROJETO FAPESP/CEBRAP 98/14044-8. **Gestão local, empregabilidade e equidade de gênero e raça: em experimento de política pública no ABC Paulista.** 1998.

SAKATA, Margarida N. **Projeto Eixo Tamanduatehy: uma forma de intervenção urbana em Santo André?** 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, Adalberto Silva. **Tradições populares e resistências culturais: políticas públicas em perspectiva comparada.** 2007. 253 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, maio 2003. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57. Acesso em: 23 jan. 2023.

SINDICALISMO no ABC surgiu com os anarquistas. **Folha de S. Paulo**, 12 maio 2009, caderno Mercado.

SOUZA, Leandro de. (2022). Sons do subúrbio: indústria cultural, rock and roll e o nascimento da cultura jovem no ABC Paulista. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 19, n. 1, p. 401-434. <https://doi.org/10.35355/revistafenix.v19i1.1023>.

SOARES, Adilson. REIS, Willian. BARRADAS, Thaís. FRANCHI, José. (2017). **Mapeamento da Suscetibilidade a movimentos de massa no Município de Santo André - SP utilizando dados geológicos e de Sensoriamento Remoto.** Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. 1. 56-64.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. spe., 2008.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento.** São Paulo: Hucitec / Editora da Unicamp, 2000.

UFABC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO GRANDE ABC). **UFABC: Relações sociais.** 2023. Disponível em: <https://ufabcsocial.files.wordpress.com/2008/08/abc-mapa.jpg>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VICTORASSO, Pedro Henrique. As Folias de Reis na historiografia brasileira. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. Anais... Natal: 2013. p.1-11. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371059797_ARQUIVO_TextocompletoANPUH-AsFoliasdeReisnahistoriografiabrasileira.pdf.

VILLELA, André. **Economia brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

APÊNDICE A – Íntegra das entrevistas

Nome do arquivo: Entrevista Folia de Reis São Francisco de Assis

Duração do áudio: 00:52:15 (52 minutos)

Data: 14.02.2022

Participantes: Maria de Lourdes Santos, 77 anos, João Dias Brito, 79 anos, Wagner Martins da Silva, 54 anos, Rafael Moraes dos Passos, 24 anos e Damião Raimundo dos Santos, 74 anos.

Local: Saguão da capela São Francisco de Assis e Santa Rita de Cassia

Moderador: Paulo Vitor

Paulo Vitor – É melhor ir conversando?

Rafael - Sim, o bate papo fica mais rico.

Paulo Vitor – Eu ia trazer uma sequência de perguntas, mas achei um pouco... Lógico, conduzo a entrevista, mas é mais um bate papo, a folia para vocês, o que ela traz de memória? O que ela representa, né..na sua vida?

Rafael - Vou pedir licença para começar contanto então o começo, o que eu sei e escuto das histórias. A Dona Domingas foi a primeira coordenadora do grupo por um bom tempo, Dominga de Carvalho Bonfim, ela contava que o Padre Humberto, o antigo padre daqui da Paróquia Nossa Senhora de Paraíso, da capela, já chama o Seu Valdemar e o meu padrinho, o Ademir, para formar a Folia de Reis. E eles: “não, a gente não sabe, a gente não entende”, A resposta era sempre essa. E ela nunca esteve perto dessas conversas quando ele convidava para formar folias de reis. E passou um tempo, mudou o padre. A Lourdes pode falar disso também. E veio o Padre Vanderlei, recém-formado de padre e ele vinha também com a mesma proposta, vamos formar a Folia de Reis. E os dois a mesma coisa: “não, a gente não entende, tem que fazer verso”. Tanto que o nosso grupo é diferente, o nosso jeito de cantar, a gente tem as músicas que a gente faz, mas a gente já deixa algumas ali para conduzir, para ficar mais fácil quando fazemos nas igrejas. E um dia ela estava perto e ouviu o padre falando para os dois: “vamos formar a folia de reis”. E eles recusando. E ela falou: “vamos formar sim! Eu conheço um pouco”, porque o pai dela era embaixador de Folia de Reis, “a gente busca conhecer, aprender mais, tem quem saiba, tem a Família Payola”. Tinha o Sebastião Payola, Arlindo Payola e João Payola que foram os primeiros que participaram do grupo. E foi assim. E ela disse que aceitou esse convite do padre em forma de agradecimento de um problema que o seu Valdemar teve com bebida alcoólica e ele ficou 30 dias internado no Bezerra de Menezes. E ela falou: “a gente vai formar sim Folia de Reis. A

gente já canta na igreja, mas agora temos um motivo a mais para agradecer a Deus e está aí uma proposta boa de agradecer a Deus e formar a Folia de Reis.” Aí ela foi até o meu padrinho e falou: “você aceita? Ou não? A gente vai formar”. E aí ele aceitou e foi quem conduziu bastante a frente com ela. E aí nisso veio minha avó Pedrina, minha tia Maria, a Lourdes Damião, a família Payola que era o Arlindo com a esposa Clarice, o Sebastião e a Rosa, o João Payola que morava em Catanduva e ele vinha todo final de ano participar da folia. Por uns 3 anos, não é, Seu João? Era ele e Isaías. E precisava de um violeiro e encontraram o Seu João.

Paulo Vitor – Então o Seu João está desde o começo?

Rafael - Sim.

João - Desde o início.

Paulo Vitor – Dona Lourdes e seu Damião?

Rafael - Também. Isso, é.

Paulo Vitor – E depois vem a segunda turma que é do Wagner?

Rafael - É, o Wagner. O Wagner em que ano?

Wagner - Eu entrei em 2005.

Rafael - Eu na primeira apresentação aqui na capela, em 24 de Dezembro de 1997, minha mãe estava grávida de mim. Posso dizer que eu estava aqui também.

Paulo Vitor – Em 1997?

Rafael - Sim.

Lourdes - Ele tem mais conhecimento, mais entendimento que a gente que está desde o início.

Rafael - Sempre ouvindo as histórias você acaba... E tinha o Seu João Machado também que foi o violeiro da paróquia Nossa Senhora do paraíso. Porque a capela pertence à Paróquia. E tinha o Seu João sanfoneiro e o avô do padre também desde o início. A primeira apresentação foi desse grupo, era um grupo de 17 pessoas. E acho que é isso.

Paulo Vitor – Mas era todo mundo aqui do bairro?

Rafael - Sim, quem vinha de longe era o avô do padre que vinha de Mauá, Seu José Santana e o João Payola, que era um dos irmãos do Payola que vinha de Catanduva. Tanto que os Payola, o Sebastião Payola com a Dona Rosa, o Arlindo e a Clarice moravam aqui na redondeza, na rua de cima.

Paulo Vitor – E isso era uma pergunta que queria fazer da folia. A folia quando foi criada ela saia nas casas ou não? Ela ainda sai nas casas?

Rafael - Sai, mas no início era só nas igrejas. As pessoas estavam aprendendo ainda, o intuito era apresentação nas igrejas. Mas já no segundo ano começou a ir à rádio, começou a ir ao Externato Santo Antônio em São Caetano e começou apresentação nas casas.

Paulo Vitor – E as casas ficam aqui no bairro? Só nos bairros dos foliões?

Rafael - Vai para fora.

Wagner - Onde tiver convite nós vamos.

Seu João - Só fazer uma ressalva? A folia tradicional mesmo ela sai, começa no dia 24, então faz a primeira apresentação em qualquer uma das casas. Sai com o grupo para fora e chega na casa, aceitou, aí eles vão embora. Mas o tempo todo fica viajando de casa em casa. E é diferente da nossa, a nossa sai se apresentando dia 24 na Igreja e as pessoas que são devotas nos convidam. Não saímos, até porque a maior parte do grupo é de senhoras. Então vamos ficar expondo as pessoas e não temos também tempo para isso. Eu teria por que sou aposentado, mas tem muita gente que trabalha.

Wagner - E por ser na cidade também. A gente trabalhava e tinha essa dificuldade de fazer essa caminhada. Aí a gente fazia de acordo e comum acordo com os membros da folia de reis. De ser uma coisa marcada. Porque se fala em cidade nem todo mundo está em casa e o pessoal da Folia também nem todos estavam. Eu tive muita dificuldade no começo. Eu frequentava, trabalhava de turno e muitas apresentações não estavam presentes. Engraçado que no meu caso, a minha mãe, porque acompanhava o meu avô que era palhaço de Folia de Reis. E quando Dona Domingas me convidou, lógico que não conhecia. Já tinha visto quando era muito pequeno. Até do próprio Baeto, que tinha o Zé Cabeludo que morava perto da minha casa e a folia era muito na casa dele e nas casas ali. Do meu avô só tem uma lembrancinha dele já vestido com a roupa de chita, mas sem máscara nem nada. A lembrança que minha trazia era isso. E quando eu entrei na Folia de Reis, logicamente que está mexendo com uma tradição diferente, porque você vive na cidade. Mas no primeiro ano fiquei assustado. Levei uma bronca de cara, porque como não conhecia muito bem a folia de reis. Mas no ano seguinte o que eu fiz? Fui pesquisar, analisar. Fiquei com um pé para trás, “não acho que vou continuar nesse negócio, que não é de Deus”. Cheguei a pensar isso. Mas quando você traz a parte religiosa, espiritual para dentro de tudo que a minha mãe falava e o porquê de tudo isso eu comecei a entender e pensar diferentes. Porque muitos pensam como eu pensei no passado. E comecei a fazer uma pesquisa mais funda, entender como agiam os palhaços e qual o momento que ele entrava, o significado que ele tinha na folia de Reis.

Demorou um pouco para iniciar esse aprendizado.

Rafael - Infelizmente até hoje dentro da igreja ainda falta deixar mais claro, até pelos padres mesmo conhecerem e passarem para o povo. O significado da Folia de Reis dentro da igreja, dentro da religião. Porque muita gente, vamos dizer assim que dentro da igreja é mais conservadora, já acha que isso não pertence a religião. É algo até profano. E não tem nada a ver.

Paulo Vitor – E às vezes até por falta de conhecimento? Eu vi uma coisa muito interessante naquele dia! Tem muita gente para ficar segurando a bandeira e vê que é totalmente uma devoção de fé e pessoas que já trazem lá de traz?

Rafael - É até mais do que você viu, porque você foi no dia 6?

Paulo Vitor – E aqui também, dia 24.

Rafael - Porque agora com a pandemia muita gente fica meio recuado. Mas quando é normal a festa, não tem pandemia, chega a formar cada fila comprida de gente para segurar a bandeira, durante a missa toda.

Wagner - Se tem 2, 3 horas de missa, fica o tempo todo. Até reduz o tempo de missa, porque tem muita gente querendo segurar. E as vezes saímos para fora e tem gente querendo tirar foto com a bandeira, segurar. Na verdade, a parte que mais me toca é justamente ver pessoas assim. “Posso segurar a bandeira? Meu pai era folião. Ou ele recebia a folia na casa dele.” Ou ligado à memória de seus antepassados. E o que me move, na verdade na Folia de Reis, além de uma tradição religiosa, mas eu vejo que traz muitas memórias boas e eu procuro respeitar. Igual, nós estávamos em Limeira e uma pessoa lá o tempo todo conversando comigo, que era palhaço da Folia de Reis e lembrando o passado de como era. E falando que sabia de tudo, o que faz, o que não faz, o que pode e não pode. E teve um momento que eu falei: “eu concordo com tudo que você falou. Mas temos que colocar regras, porque cada um tem o seu jeito de caminhar. Nós somos da cidade, então nós temos a nossa regra, a gente não segue muitas regras das folias do interior. Igual o Seu João lembrou e fez a ressalva que sai especialmente no dia 24. Não, nós saímos a partir do momento que fomos convidados. Se chamar hoje, nós saímos, por que não? Se está todo mundo disposto a caminhar naquela hora, a gente faz de bom coração. E outra, tem muita gente que fala: “tem que pagar alguma coisa?” Não, não precisa pagar. Da aquilo que você pode. Nós já fomos cantar e a mulher deu 2 reais e foi a mesma coisa, a festa foi até melhor do que em muitos lugares. Falamos de festa, mas a reunião, para nós é uma festa, o encontro do menino Deus. Eu como palhaço, hoje eu sei. O pessoal fala: qual o significado do palhaço? Antigamente eu não sabia, mas hoje eu sei que são os soldados do Rei Herodes, que se transformaram e resolveram defender

o menino Deus. Beleza. “Para que serve cada um?” Cada um dos seus membros. “E porque vocês cantam assim?”. É um meio de louvar, não cantamos “O Glória” pelo nascimento de Jesus? Nós estamos antecipando a chegada. Porque em certas religiões é celebrado o encontro da Folia, que é na verdade o encontro dos reis magos com o menino Deus. E geralmente é no dia 6 que é celebrado. Para nós não, para nós é no dia do nascimento, dia 24, que é a data determinada pela Igreja Católica. E me leva a pensar e a cada lugar é um modo diferente de você agir. E você faz a mesma coisa todos os dias, cantando a folia de reis, mas todos os dias são diferentes. Olha no olhar da pessoa é uma coisa diferente, o jeito que ela recebe a Folia de Reis na casa dela ou até mesmo na Igreja. É uma riqueza enorme. E isso para mim não tem nada que me pague. Quando vão chegando as datas de apresentação eu fico eufórico! Já cheguei a desmaiar um dia, no penúltimo dia, de tão cansado que eu estava de trabalhar nessa parte psicológica, principalmente. De tremer as pernas e sentar no chão e falar: “dever cumprido”. Era o que a minha mãe falava do meu avô. Está no sangue isso, além da parte cultural e religiosa.

Paulo Vitor – Eu percebi no dia e me impactou bastante. Estava o pessoal assistindo a missa, você sente a devoção. Mas o que me pegou foi a hora que o pessoal pegou a bandeira, pediu para segurar a bandeira e eu falei: nossa, é uma devoção que ali você vê que a pessoa conhece de folia, da religiosidade da folia. E fique bem assim. Foi uma parte que me tocou, que falei: “que bonito!” É um respeito, uma devoção, muitas pessoas estão pedindo, outras estão agradecendo. E eu pensei: “será que era só na paróquia?” E dia 6 de novo as pessoas pedindo. E agora uma pergunta, vamos para a questão da cidade. A cidade está mudando muito! Sou do bairro Camilópolis, nasci e cresci lá. E hoje mudou muito mesmo. A rua que eu moro que eu conhecia muita gente, não conheço mais ninguém. Como ficou a folia mesmo se apresentando boa parte aqui? Porque querendo ou não tinha uma relação com o bairro. Mudou muito? Ou ainda onde se concentram, todo mundo, ainda encontra as pessoas ou não? Estou perguntando isso, porque onde eu moro eu sabia que essa era a casa do senhor tal, essa do senhor tal, aquela da senhora. E hoje já são todos os predinhos, quase perdi a memória. Eu falo: “Cadê a dona?” Não está mais, infelizmente morreu ou foi para o interior e sobe um predinho. E vai ficando meio fria a rua.

Seu João - Vai mudando as pessoas. Na minha vila mesmo, na rua que eu moro são só pessoas de idade, pessoas antigas. E a pandemia levou muita gente. Os jovens que estão ficando vão sentir isso que você está falando. Aquelas casas antigas, que o terreno é grande, que antigamente os terrenos eram todos grandes e hoje ninguém mais vende lote de 25 x 50. Os lotes são todos de 6,5m, 7,5. Então se tem um lote grande todo mundo se interessa e está de olho. Se partiu para outra e já compra e coloca um remédio para duas, três famílias.

Paulo Vitor – Exatamente, Seu João! Na rua que eu morava pequeno, eu sentava na calçada, até adolescente e às vezes me davam bronca. Os senhores iam passando: “Paulo, hoje você não fez isso!”. E hoje não tem mais, hoje não consigo dar quase bom dia.

Wagner - Agora Paulo, em relação à folia a gente sente também. Tem muitas casas que íamos todo ano. E tinha uma casa especificamente, principalmente no encerramento da folia, da caminhada daquela temporada. E quando vê a pessoa falece, alguém da família falece, que tinha a identidade. Ele fazia a festa porque amava demais a folia de reis. Ele era de Guaxupé, conhecia as folias de rei lá e aqui fazia de tudo! Fazia o almoço, a coisa mais linda! Não pelo almoço, mas pela festa, pela recepção. E ele faleceu e no ano seguinte fizemos lá, mas não foi a mesma coisa. Foi o filho da cunhada dele, o filho dela que fez essa reunião para agradar a mãe dele. Mas enfim, acabou falecendo.

Paulo Vitor – E como chamava?

Rafael - Seu Alcindo e dona Salete. Ele morava no fundo do quintal ele e a cunhada dele, Dona Salete. E era sempre no último domingo de janeiro ou primeiro de fevereiro. Sempre antes do carnaval, para entrar na quaresma. Tinha que ser sempre antes da quaresma, porque sempre buscamos encerrar nessa época. Porque na quaresma a gente já não sai com a folia.

Paulo Vitor – Então até abril não sai? Acabou a quaresma...?

Rafael - É, como não é de tradição, ficamos até quase o resto do ano. Às vezes aparece uma apresentação ou outra. Lá pelo mês de Junho, Julho, Agosto que é o mês do folclore que o pessoal fala. Ou quando tinha festival de inverno. Mas voltar firme mesmo, a gente voltava a ensaiar em outubro.

Paulo Vitor – Eu pergunto isso porque as vezes a Secretaria de Cultura querem vocês em Abril lá? E eu falo, sem saber disso: “pessoal, tem que respeitar. Se eles não se inscreveram ou entraram em contato no aniversário, é porque tem algum motivo.”

Rafael - É, costuma ser sempre por conta da quaresma. Páscoa mesmo será no dia 17 de abril.

Paulo Vitor – Isso!

Rafael - Praticamente metade do mês será quaresma.

Wagner - E como somos uma família católica e justamente por causa da quaresma a gente tem a preparação dos espíritos que estão juntos. Que segue a Folia de Reis, mas em primeiro lugar vem a igreja, a nossa religiosidade. Então é um tempo de preparação, um tempo que

temos que nos autoanalisar. E aí passou a Páscoa, aí não. Já é um tempo de renovação, um tempo de dar os primeiros passos na sua caminhada. A gente já chegou a cantar na quaresma, mas não cai bem a folia dentro da quaresma.

Seu João - Mesmo porque o que estamos fazendo é voltado para evangelização da igreja. Então foi criado pelo nosso Padre Vanderlei e isso ficou pra gente. Eu tenho para mim que isso foi uma cultura da Igreja. O pessoal acompanha litúrgico e na quaresma não dá para ficar homenageando o nascimento. Porque muitas vezes não entende por que a nossa é diferenciada das outras. Porque se cantarmos você entende todas as palavras da cantoria. Ao passo que a maioria das folias você não entende nada do que eles falam.

Rafael - E todo mundo que entra na folia, Seu João pode provar isso, enquanto está participando, a família pode até oferecer, mas ninguém ingere bebida alcoólica. Desde que a Dona Dominga decidiu formar o grupo com mais pessoas, uma forma de agradecimento de uma graça que ela teve particular do seu Valdemar dessa cura. Então através disso, ela sugeriu ao padre e o Padre entrou de acordo.

Paulo Vitor – Porque eu percebi que em algumas folias que vim lendo tem isso da bebida. E até um conflito, a maioria que pega a hora do conflito é a hora da bebida. E uma coisa que vi diferente na de vocês é a participação das moças. Que tinha folia mais antiga que não tinha participação das mulheres. E é algo que vem até pela própria Domingas.

Lourdes - Nós vimos vários grupos.

Rafael - Sim, mas recentes. E tem a divisão das vozes também nessa questão, porque tem o Embaixador que puxa o verso, os demais violeiros e os homens estão tocando.

Paulo Vitor – Embaixador é você?

Rafael - Isso! E os demais repetem o que eu cantei. E tem o eco, o grupo no final, e a maioria dos homens tem dificuldade de entrar. No interior tem muito disso, aqueles senhores que aguentam aquela voz aguda para cantar as músicas altas, como música sertaneja, não é Seu João? Tônico e Tinoco. Então entram as mulheres, não só nessa parte, entram também respondendo juntos. E isso é um porque também.

Paulo Vitor – E a voz forte, potente?

Rafael - Sim! Tem gente que fala que é a voz “tala”, voz “quinta”, que a Dona Lourdes faz.

Paulo Vitor – Eu peguei o CD e eu adoro, Dona Lourdes. Minhas avós já faleceram. Eu levo no carro e quando vou trabalhar eu coloco. Tem as minhas memórias, a dona Lourdes quando fala no canto arrepiá.

Lourdes - De um tempo para trás eu tinha voz mais potente. Agora estou cansada, cansando.

Paulo Vitor – Mas a voz no meu caso traz muita memória de pequeno da minha família. Minha vó era religiosa. Minha mãe no tempo da quaresma. Eu já comi muita carne, mas hoje não como tanto por causa da quaresma. Eu não podia e vai comer na rua? Chegou na escola e falou: “peguei uma coxinha”. O que?

Seu João - Minha casa também era assim.

Lourdes - Eu também.

Seu João - Os meus tios eram todos foliões, eu não participei porque era muito criança. Ficamos sabendo depois. Muito antes de fazer isso aqui eu juntei um grupo de crianças e estava fazendo folia na rua. E não tive como registrar isso na época.

Rafael - Seu João, por exemplo, veio porque o grupo precisava de um violeiro, mas já veio com a devoção da família dele.

Seu João - Eu realmente gostava, gosto!

Paulo Vitor – E você nasceu aqui, Seu João?

Seu João - Não, nasci no interior de São Paulo.

Paulo Vitor – Qual cidade?

Seu João - Em Altinópolis, perto de Presidente Prudente.

Paulo Vitor – E você já veio com a folia de reis de lá?

Seu João - Sim, já vinha com aquilo na cabeça, minha mãe sempre comentava comigo e gostaria de participar mas não sabia como, não conhecia ninguém. E na cidade ninguém falava.

Rafael - E o senhor pode falar do convite, de quando o senhor recebeu, do sonho.

Seu João - Exatamente! Minha esposa, antes do Seu Valdemar foi convocado para ir me convidar. Ficou sabendo da minha pessoa, que existia na Pirambóia, no Jardim Estela. Que lá tem um violeiro. Antes, talvez uma semana, não me lembro, mas foi bem antes, eu saí para trabalhar e minha esposa disse que olhou pra porta e viu 3 pessoas na porta, cada um segurando algo na mão. Ai falou que veio o primeiro, debruçou em cima dela e não falou nada. Veio o segundo e o terceiro ficou na porta, não entrou. Mas na cabeça dela era gente da folia de reis, eram os 3 reis magos que vieram. E minha esposa também tinha muito conhecimento nisso. E eu falei: “será?” E ela falou que não foi sonho, foi real. Beleza, passou, quando foi 1 semana chegou o Seu Valdemar e Dona Domingas na porta de casa, e falando que foi uma

peessoa que me indicou. E quando ela chegou, acho que no começo, tinha o João, que também era violeiro. Um fortão. Foram na casa dele e Dona Domingues bateu e falou: “não é esse”. E foi descendo a Pirambóia e falou que tinha um violeiro nesta casa. E depois de casal, a gente estava uns dois dias sem se falar. Quando eu cheguei que a Dona Domingas fez o convite para vir aqui na capela, ela não estava se aguentando de contentamento. “João, veio um pessoal aqui te convidar para a Folia de Reis”. E eu falei: “de onde é esse pessoal? Onde mora?” “Eu não sei.” E já aconteceu antes de convite para outra coisa e a pessoa não veio, para participar de grupo de pescadores, só para tocar no meio deles. E o cara não veio mais. E quando foi na outra semana, eles falaram: “pode esperar tal hora”. E aquele dia, foi o maior convite que já recebi em toda minha vida! E estou aqui.

Paulo Vitor – Desde 1997?

Seu João - Sim, desde 1997. Ela participou no começo, depois se integrou a tocar a bandeira. Hoje está acamada e não dá para participar mais, mas foi muito bom. Conheci uma família aqui dentro.

Rafael - Eu posso falar também, porque comecei a aprender a tocar no meio da folia de reis. O Valdemir, que era o meu padrinho, era o embaixador, Seu Valdemar na Igreja e o Seu João. Os primeiros acordes no cavaquinho, na viola. Eu ia lá pequeno, minha avó às vezes comprava pão e íamos tomar café e ele ficava me ensinando a tocar viola.

Seu João - Tanto que a gente formou quase outra folia só de meninos, né?

Rafael - Sim, só de criança. Eu, os netos dele.

Paulo Vitor – Quase formou uma folia?

Seu João - Sim, na folia tem uma música do meu neto que ele mesmo que fez a música.

Paulo Vitor –Vou voltar a escutar.

Rafael - Está em outro CD.

Paulo Vitor – Porque tem uma que vocês cantaram, não vou me lembrar, e toda hora que cantava eu me emocionava. Mas eu procurei ela no CD e eu acho que não está. E falei: tenho que tentar descobrir. E minha esposa até falou: “manda para o seu amigo”. Quando eu lembrar. E toda hora vocês tocam na missa e emociona.

Rafael - “25 de dezembro, quando o Galo...”

Paulo Vitor – É essa música! Toda vez que vocês tocam essa música. E eu fui pulando o CD e depois eu parei.

Rafael - É o Hino de Reis.

Seu João - E você vê que vários profissionais cantam essa música, mas no nosso grupo está diferenciada.

Wagner - Cada um tem a sua identidade.

Rafael - Ela está registrada com um compositor que era o nome de Criolo. A primeira gravação foi da dupla Leôncio e Leonel e ele que fez a embaixada. A parte sozinha e a dupla respondia, igual fazemos no grupo.

Paulo Vitor – Mas essa música é linda demais! E vou na missa e tocou. Falei: “eles me pegaram”.

Wagner - Para mim cada música tem uma visão diferente. Mas a que mais me emociono é do Baeta, do segurar a bandeira.

Rafael - “Segurou nossa bandeira, chorando de emoção”. É da companhia de Rio Preto. De um CD que o Jorge Lourenço que é radialista da Rádio Imaculada nos passou esse CD e tiramos algumas músicas dele.

Paulo Vitor – Tem muita música bonita! Eu sou ruim de música, tanto que vocês viram que eu não toco nada. Eu já tentei tocar na vida e nunca consegui. Para tentar lembrar a letra de música. Esses programas de auditório que falam: “dá o acorde”, eu ia errar. Tem música que minha esposa fala: “você errou a letra”. Eu acho que eu não fui muito para parte musical, porque depois que eu comecei a fazer audiometria para entrar em serviço, eu descobri que tenho perda auditiva. Vamos supor, estamos aqui e toca uma música lá no fundo e todo mundo escuta? Eu não escuto. Eu acho que o otorrino disse que a perda auditiva é de infância. Porque eles achavam que eu poderia perder audição, onde tinha máquina. Então toda vez que ia entregar currículo, quando estava com 18 anos ali em 1995 tinha mais indústria do que hoje. Toda vez que era audiométrico. Tanto que na Prefeitura eu tive que pedir um laudo médico para ele me liberar. Ele falou: você vai ficar na Cultura, vai ficar do lado de caixa de som. Eu falei: “mas eu pego o laudo, se fosse para guarda não poderia.” Porque falou que um tiro poderia prejudicar mais ainda. E voltando para a folia, é bem forte a música.

Wagner - Cada um tem uma particularidade diferente para música. Dependendo do estado de espírito da pessoa.

Rafael - Eu posso falar que já cheguei no emocional ouvindo só o arranjo, ouvindo nossa vinheta. Tanto que é o meu despertador. Parece que eu escuto e eu acho que tenho bastante fita da Igreja Imaculada. E eu ouço e parece que estou vendo aquela imagem do pessoal antigo entrando, do meu padrinho, dos Payola entrando. Me vem na memória na hora quando

escuto.

Paulo Vitor – E a Dona Lourdes? O que tem de memória? Começou com a Dona Domingas?

Rafael - Sim.

Lourdes - É, começou. Minha memória também já anda bem difícil de lembrar. Eu fico perguntando como foi, se lembra. Mas do que já passou eu tenho.

Rafael - Mas você já conhecia a Folia de Reis ou foi conhecer ali?

Lourdes - Eu conhecia a Folia de Reis, a palavra era “Reisado”, mas era completamente diferente. Lá na minha terra.

Paulo Vitor – De onde a senhora é?

Lourdes - Do Ceará. Era diferente! Tinha o Bumba Meu Boi, O Jaraguá, Burrinha do Melão.

Paulo Vitor – Eu ouvi das outras.

Rafael - Dos festejos.

Lourdes - Eu achava bonito, mas essa é completamente diferente.

Paulo Vitor – Mas a senhora sempre cantou com essa voz linda?

Rafael - Ela e a Clarice. A mais aguda era ela e a Clarice que faziam.

Lourdes - Sempre cantou.

Rafael - Cantava no coral da Igreja. É que foi assim: quando formou, veio o Seu Valdemar e o Valmir, chamaram o Seu João. Mas os dois já tocavam na Igreja desde 1989, tinha o coral. E tinha o grupo, o grupo das senhoras que cantavam e cantam até hoje.

Lourdes - Eu sou desde o início!

Rafael - Desse grupo do coral veio a Dona Domingas, a Lourdes, minha avó Pedrina e a irmã da minha avó, minha tia Maria. E aí veio a dona Leontina com o seu João. A Clarice veio com o Arlindo que era palhaço, ele e o irmão de Catanduva também era palhaço. O Arlindo infelizmente no segundo, terceiro ano da folia ele faleceu.

Wagner - Bem na época da apresentação.

Rafael - Ele era o que mais ensinava. Lógico, o seu Sebastião e o João também. Mas o Arlindo era o que mais ensinava o grupo, dava as dicas. Falava: “a hora que eu chegar na frente do altar eu e ele ajoelhamos, depois para, passamos na frente da bandeira.” O Arlindo Payola e a esposa dele faziam o agudo com a Lourdes. Mas a Lourdes, minha avó, já vinha do coral.

Lourdes - Pedrina também era uma voz e tanto. Pedrina e Maria!

Seu João - Ainda é!

Rafael - Em janeiro eu fui para Vargem e chamei ela e a tia Maria e ela não queria ir. Eu falei: "vó!". E ela: "mas não estou nem ensaiada!". Eu falei: "mas quem sabe cantar uma vez não precisa ensaiar". E ela cantou junto com ela.

Paulo Vitor – Que legal!

Rafael - E passou muita gente pelo grupo. Dois violinos já passaram. Um já faleceu e o outro saiu do grupo. Caixa também.

Seu João - Caixa teve um que já subiu lá com o lá de cima. Inclusive era o meu primo.

Rafael - Senhoras também.

Paulo Vitor - E a Dona Domingas?

Rafael - Ela não está participando agora por questão de saúde. Ela e o seu Valdemar.

Paulo Vitor – Mas ainda é viva? Graças a deus.

Rafael - Você chegou a conhecer ela. Sempre que tinha algo que falar ela falava. Ela pegava o microfone e falava como se estivesse conversando com a gente. E falava com uma multidão.

Wagner - Ela tinha essa facilidade de falar que tocava as pessoas.

Rafael - E não tinha isso de falar: "estou gravando", ela falava para mil pessoas, para quantas pessoas fossem. Sempre era ela que falava.

Paulo Vitor – Estou lembrando agora da missa do dia 6. O Seu padre Vanderlei foi cantar com vocês, deu para ver a emoção dele, o prazer dele de estar ali. É bonito de ver!

Wagner - A principal preocupação dele era com a gente. Queira ou não, apesar de ser padre, ele é um folião e faz parte da nossa equipe.

Lourdes - Quando ele está com a gente ele usa as faixas.

Rafael - Ele já foi nas casas com a gente. E ele traz isso à família também, porque o avô dele tocou com a gente no nosso grupo, o Seu José Santana e o outro avô dele parece que era embaixador. Do lado do pai dele. Porque esse que tocou com a gente era do lado da mãe dele, morava em Mauá. Todo ano ele vinha, pelo menos aqui na capela, no dia 6 de Janeiro ele vinha.

Paulo Vitor – Eu percebi que ele...

Rafael - Ele é bem fervoroso! A gente sentiu bastante quando ele mudou. A gente ficou bem perdido no início.

Wagner - Porque somos daqui.

Rafael - A gente se acertou. Mas não é a mesma coisa sem ele nas igrejas daqui.

Paulo Vitor – Deu para ver o carinho dele, e realmente ele faz parte da folia. A alegria dele estar ali com ele sai uma hora do padre e entra o folião. Está mais como folião, claro, respeitando o padre. Mas quando eu vi ele ali com vocês cantando, eu falei: “Nossa!”.

Seu João - Quando está agendado ele faz uma divulgação tremenda.

Wagner - Ele liga para mim e fala: “E aí?”. Eu falo: “está fechado padre”.

Rafael - Porque quando houve a mudança de padre da paróquia ele ficou preocupado. Logo no primeiro ano, dia 6 caiu em uma sexta-feira e aí a gente deixou acordado com ele. Que dia 6 será sempre com o senhor. E tem o domingo de epifania, que a Igreja comemora o dia de reis no domingo. Quando é uma data que cai na semana, ele puxa para domingo. E caiu no dia 8 e eu falei: “dia 8 comemoramos em Paraíso”, que era o lugar tradicional de fazer nossas festas. O Padre daqui concordou. E todo ano é assim. Fazemos dia 6 com o Padre Vanderlei e no domingo... Teve um ano que dia 6 caiu no domingo, fizemos duas missas no mesmo dia. Fizemos de manhã aqui e a noite lá.

Paulo Vitor – E aí foi corrido. E o problema é que vocês tem que se locomover até lá.

Rafael - E com festa e tudo! Lanche, tudo!

Wagner - Foi aqui e lá.

Rafael - Com a pandemia não está tendo, mas depois da mudança de padre fizemos as duas festas. Claro, tivemos ajuda dos dois padres, da dele lá e do daqui aqui. Mas tiveram as duas festas.

Seu João - Está sendo bom, porque várias capelas têm nos chamado para ir.

Wagner - E tem um padre especial que será tipo o Vanderlei Ribeiro. É o padre William Barrioto, ele é apaixonado!

Rafael - Ele estava em Mauá, estávamos indo a uns 4 anos lá seguido. E agora ele está em Santo André e já fomos lá também.

Paulo Vitor – O bom é que os fiéis da paróquia que vocês estão indo. Porque eu acho que vocês são a única Folia de Reis daqui de Santo André.

Seu João - De Santo André é, não ouço falar em outra.

Paulo Vitor – A de São Caetano está ativa?

Rafael - Eu ouvi comentários que eles não saíram esse ano.

Paulo Vitor – Pessoal, vamos encerrar? Não quero tomar o tempo de vocês. Muito obrigada!

Agradece e encerra a entrevista.

Nome do arquivo: Entrevista com Seu Adalberto Passos e Rafael Moraes

Duração do áudio: 42min:38seg (42 minutos)

Data: 22/12/2022

Participantes: Adalberto José dos Passos e Rafael Moraes dos Passos

Local: Casa do interlocutores

Moderador: Paulo Vitor

(...)

Paulo Vitor - Teve encontro de folia em São Bernardo?

Rafael Moraes - Sim, (...)

Adalberto - São Bernardo, a Secretaria da Cultura eles faziam encontros próximos ao dia 06 de janeiro, lembro que fizemos uma vez, saímos do Pavilhão Vera Cruz e fomos até o Paço Municipal cantando, rezando e tinham umas quatro, cinco folias. Tinha Folia de São Bernardo do Divineia, do Alto do Baeta.

Rafael Moraes - Tinha mais uma que eu não lembro. Do Zé Reis.

Adalberto - E uma de Itaú de Minas. E eles ficaram, naquela apresentação nós ficamos no Paço. E teve uma outra vez em São Bernardo que saímos da Igreja Matriz, demos a volta por trás e fomos em umas duas, viemos na Marechal, chegamos na Matriz e houve uma celebração com o Bispo.

Rafael Moraes - Foi com o Padre da Matriz da Nossa Senhora da Boa Viagem.

Paulo Vitor - Eu vi que uma moça de São Caetano, que também fez um trabalho sobre folias, mas voltado para São Caetano, trouxe a história da década de 50 da Folia do Baeta.

Adalberto - Era do Mestre Cachimbo, não?

Paulo Vitor - Isso!

Adalberto - O Wagner começou na nossa Folia, participou muito com o Cachimbo, tocou com a gente e tocava lá com eles, até que ele parou de participar.

Rafael Moraes - A de São Caetano parou?

Paulo Vitor - Eu acho que sim, porque tentei contato...

Adalberto - É difícil levar adiante, porque geralmente as pessoas que tocam Folia são pessoas antigas, de idade e essas pessoas por causa dos jovens não quererem, é uma cultura, né... E hoje são poucas Foliadas de Reis que conseguem se manter com jovens. São poucos que se mantêm na nossa, os outros foram entrando depois.

Rafael Moraes - Tem o Seu João, a Lourdes, o Daniel.

Adalberto - Por Exemplo, a Dona Domingas e Seu Valdemar já não podem participar mais, então se os jovens não pegarem, entrou e saiu, são coisas assim que com o tempo a tendência é... as do interior tudo bem, vão se entendendo, mas a da capital é uma negócio meio...

Paulo Vitor - Quando vi os dois meninos jovens, eu percebi que estava vindo mais gente, porque é difícil a juventude entrar.

Rafael Moraes - Sim, eu até trabalho com eles, os dois são duplas e eu acompanho eles, viajamos bastante para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás. Eu chamei eles para participar, e eles toparam, um está tocando Caixa e o outro Cavaquinho.

Paulo Vitor - E quais os instrumentos tem na Folia de vocês?

Rafael Moraes - Violão, viola, às vezes tem cavaquinho, caixa, pandeiro, reco-reco, meia lua, violino já teve e sanfona, mas agora está sem quem toca.

Adalberto - Mas a base é violão e viola.

Rafael Moraes - Sim, seria a perseguição: caixa, pandeiro e afoxé também.

Paulo Vitor - Quando eu comecei com Folia de Reis...eu nem sabia que tinha a de vocês em Santo André. O meu primeiro contato foi em Minas e aqui com o Baeta Neves, em uma reunião com o Seu Pedro para falar de viola em Santo André, aí ele falou da Folia e eu (...) está tendo cada vez menos na região central. E geralmente, no começo o meu trabalho era para falar do quê? Como a Folia, as pessoas que vieram para São Paulo na década de 70, muitos criaram foliadas aqui de algo vindo do interior, até para manter a memória ele voltava para a identidade dele. Uma coisa que vemos bastante. Quando eu vejo o pessoal segurar a bandeira, muita gente conhece.

Adalberto - Sim, sabe o significado, é devoto, porque às vezes o pai participou, o avô, pessoas que tem a fé e seguram.

Rafael Moraes - O próprio fundador do nosso, o Padre Vanderlei, os avós dele, os dois avôs, um participou com a gente tocando cavaquinho e o outro era embaixador de Folia, com sanfona.

Paulo Vitor - O Seu Adalberto começou aqui?

Adalberto - Não, comecei aqui, mas entrei bem depois do começo. Foi em 2008, já tinha quase uns 10 anos de folia quando eu entrei. Eles eram pequenos e eu levava eles para Folia, tinha até roupinha de Palhaço, tinha uma roupinha dele de palhacinho pequeno. E aí eu entrei em 2008.

Rafael Moraes - Sim, antes ele sempre acompanhou. Desde quando meu irmão com 3 anos começou a participar, tinham as filmagens dele em 1999 com a roupa de palhaço. E tem história que quando eu e meu irmão éramos pequenos ficamos doentes e o pessoal da Folia, Dona Domingas que conta bem essa história e fizeram uma corrente de oração na Folia e acreditamos no milagre de Santo Rei. E a gente também acompanha.

Paulo Vitor - Vocês são devotos?

Adalberto - Sim, dentro da família, os dois, o Gabriel e ele tiveram meningite. Ele teve meningite da Meningococo e o outro teve o vírus viral. Ele e o irmão ficaram internados 10 dias no hospital São Bernardo e o exame dele de coleta deu 900, o médico nunca... O médico falou que era muito altíssimo, nunca que ele sairia vivo ou sem sequela. E nisso a Dona Domingas falou: "você não tem fé? Deus está presente. Ele está agindo." E a gente estava fazendo oração com a intercessão do Santos Reis. Porque foi na época. E ele fez a coleta, estava muito alta e os médicos falaram: vamos entrar com os exames. E ela falou: se você não tem fé, a sabedoria que Deus te dá não vai resolver nada, porque chegar para um pai ou mãe e dizer que a criança vai morrer ou ter sequela, é inconcebível. Mas você não é Deus, e Deus está lá em cima. E no segundo dia da coleta já tinha caído pela metade. E ficou um em uma ala e o outro em outra, porque cada um era um tipo de Meningite. Quem fosse visitar ou acompanhar não podia visitar o outro.

Paulo Vitor - Sua cabeça?

Adalberto - A sorte é que tinha Dona Domingas, familiares, tias que moravam aqui, avós, porque a Márcia naquela época não trabalhava, então ela ia e ficava com um. E aí ia a Tia Matilde, Dona Domingas, Dona Luiza, revezando, porque os dois estavam internados e eram pequenos. E até hoje falamos: que sequela ele ficou de uma Meningite? Você pode perder

movimento, parte de funcionalidade do cérebro, eu até brinco: a única sequela que ele ficou foi de cantar para Deus e aí ele nunca mais parou de cantar, cantava na missa, na Folia. A gente se apega na nossa fé de folião, que foi por intercessão dos Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida, eu tenho devoção em São José, participamos em uma comunidade de São Francisco e Santa Rita de Cássia. Temos que nos pegar na nossa fé e a Folia é uma delas. Eu quando estou segurando a bandeira tem muita gente que se emociona, quer pendurar uma foto de um filho que está doente, que está no mundo do vício. Se você pegar a bandeira, por trás das fitas tem muitos pedidos, muitas fotos, o ideal é pegar a bandeira e dar uma olhada. Fitas com textos escritos, pedindo trabalho, saúde. Tem dia, se não a bandeira vai ficando muito pesada, aí começamos a cortar um pedaço das fitas para caber mais, porque a cada ano que passa o pessoal vai colocando mais fitas.

Paulo Vitor - Eu vi que nessa última que fui, que acabei entrando de Bastião não consegui ver muito e dessa vez eu percebi mais, e não parava a missa. E também a missa do Padre Vanderlei.

Adalberto - Quando você foi?

Paulo Vitor - Fui agora, em janeiro passado. Desse ano.

Adalberto - Fora da pandemia você precisa ver a igreja. Temos muitos vídeos, não sei se o Rafa já falou para você? Inclusive temos vídeos da primeira Folia de Reis aqui na capela, em 1997, na véspera de Natal, dia 24 de dezembro de 1997.

Paulo Vitor - Vou pedir umas fotos, se puder me mandar no celular. Eu coloco no trabalho e coloco: "acervo" e você me passa o seu nome completo, coloco o acervo seu.

Adalberto - Nós fizemos por muitos anos, 20 anos participamos do programa da Rádio Imaculada, era o programa Epifania, todo dia primeiro, da Epifania e apresentação da Folia de Reis, que se baseava no trajeto.

Paulo Vitor - Minha família é toda católica e desde que sou criança tenho foto de batizado na São Camilo, e minha mãe é de 06 de janeiro. E é difícil eu levar ela. Aquele dia eu saí correndo porque estava o pessoal em casa. Desde pequeno, por exemplo, o Presépio, todo ano ela faz e minha avó fazia, não pode faltar.

Rafael Moraes - E esse ano teremos a festa no dia 6 no Padre Vanderlei, na Nossa Senhora de Fátima, na Vila Curuçá, e no dia 08 vai ter também em Nossa Senhora do Paraíso.

Paulo Vitor - Essa ainda não peguei.

Rafael Moraes - O costume era ser todo dia 06 de janeiro no Paraíso. Ai como teve a mudança do padre para a outra Paróquia e ele foi fundador, aí combinamos de fazer todo dia 6 com ele e o domingo da Epifania que celebra o dia de Reis na Igreja do Paraíso que é a nossa casa. Aqui é a Capela São Francisco, a gente pertence a Capela e a ela pertence a Paróquia do Paraíso.

Adalberto - E aqui é o Padre Vanderlei Nunes e lá é Vanderlei Ribeiro, o que começou.

Paulo Vitor - Vou trazer ela aqui dia 8. Eu falei que consigo, vou, vem meus sobrinhos do interior e aí eu perco qualquer possibilidade de tirar ela de casa. Então vou ver se consigo trazê-la no dia 8 para assistir. Aí eu mostro o CD que comprei de vocês. Ela vai gostar.

Adalberto - Cada ano é diferente, tem pessoas chorando nas celebrações. Nós estamos na frente e estamos de olho ao público. Então tem pessoas que se emocionam com passado de pai e mãe, é para movimentar a fé mesmo.

Paulo Vitor - Eu tento tomar cuidado no trabalho que eu falo que tento colocar para o pessoal entender, eu trabalho com a Folia como memória e identidade, com o cultural, mas ela vai para além disso.

Adalberto - Isso, ela tem o folclórico e o teor religioso.

Paulo Vitor - E eu até coloco que não vou entrar na questão religiosa, mas de identidade da pessoa. Ela mantém a relação com um Brasil mais rural e não tão urbano, até as músicas, né...

Rafael Moraes - Sim, as músicas, os ritmos das músicas lembram bem a questão da percussão do ritmo. Lembra muito o ritmo africano, a caixa.

Paulo Vitor - E a viola traz a música caipira?

Adalberto - Sim, porque a Folia original vem de Portugal, e o instrumento original era a viola, a viola portuguesa. A viola veio de Portugal e foi adaptada ao jeito brasileiro de quem gostava, então o pessoal da Bahia, pessoal do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo. Os quatro estados que você mais vê são Folia de Reis. Depois foram aparecendo Congada.

Paulo Vitor - O Seu Ditinho eu conversei esses tempos com ele e ele falou da Congada de São Bernardo, que quer arrumar um embaixador para a Folia de São Bernardo. Eu falei: é melhor conversar com eles antes. Contratar um embaixador não sei se é muito certo. Eu falei que tinha conversado com o Seu Pedro e que a Folia não ia sair. Aí ele falou: vai sair, porque eu vou contratar embaixador. Aí eu falei: calma aí! Não tem contrato!

Rafael Moraes - Tem que ser primeiro por devoção. A gente fala que tivemos bastante gente tocando violino, outros instrumentos, você consegue ser músico. Mas não adianta contratar, tem que ser por devoção.

Paulo Vitor - Até porque o período que sai com a Folia é de fé, de crença. Se a pessoa não tem ela não vai sair no dia 24 de dezembro para tocar.

Rafael Moraes - É o que sempre deixamos esclarecido para quem vem tocar, o comprometimento dos foliões com as datas.

Paulo Vitor - E dá para ver a fé que está todo mundo ali. Teve uma vez que a Secretaria de Cultura ficou: chama eles, chama eles! Eu falei: calma. Existem duas coisas: uma é a parte cultural e a outra é a parte da fé. Eu não posso ficar chamando toda hora a Folia, porque é movimentada pela fé. Eu não posso ficar pegando e colocando em uma área cultural como se fosse só um artista. Lógico que vocês podem se apresentar, a cultura e a fé de vocês.

Rafael Moraes - Foi até o que você falou do aniversário da cidade, de ser em abril e ser quaresma, a Folia não canta. Entra o feriado da quarta feira de cinza até a Páscoa e nessa época a Folia não canta.

Paulo Vitor - Então é uma coisa que tem que respeitar, conversar com vocês, não é: chama a Folia e vamos fazer. Não é um grupo de artistas. Ou os violeiros, mas nem isso, porque é fé. Tem que tomar cuidado para não ver só como apresentação artística e até a gente respeitar. Lembram daquela festa do Mastro Junino? Ficou com a paróquia, porque ela fazia a missa no Pignatário e nós queríamos fazer com os violeiros lá, voltado aos violeiros de Santo André. E os violeiros estão mais à margem das ações da secretaria. Foi quando foi a primeira reunião com o seu Pedro Balduino e o seu Bráulio foi e nos colocou em contato. E na época...

Adalberto - Na época ele era violeiro da Orquestra da Aparecidinha.

Paulo Vitor - Sim, e na época fomos conversar com o padre e ele falou: tem a missa. E tinha uma relação da gente levar a estrutura. E eu fui muito sincero com o padre, eu falei: Padre, eu posso colocar a estrutura, mas não posso falar que é para missa, não posso como poder público. Nós temos um problema lá que a gente entende as relações, colocando como servidor e trabalhando na cultura. Nós sabemos da relação com o catolicismo e os traços culturais do Brasil. O que chegou até hoje de relação cultural, a maioria das nossas festas são de Santos. Eu falei que terei que colocar palco, mas para nós, o palco é para o show. Vocês podem, como não usaremos nesse período, vocês usam. Aí consigo justificar (...). E chegamos naquele modelo. E aí a gente lembrou que no Pignatário fazia o Mastro Junino. E chamamos

o pessoal da Paróquia, já sabiam e começaram a fazer o Mastro. E no começo não foi alguém que falou: eu fazia a muitos anos. Foi construído ali (...).

Adalberto - O Padre Thiago veio para a Igreja Matriz agora.

Paulo Vitor - Isso! Era o Padre Thiago. E eles falaram: isso é nosso. A comunidade vai fazer? Vamos. Então eles assumiram. E eu falei que se precisarem de algo, nós da prefeitura estaremos para apoio. Mas era isso, era muito mais. E eu sempre tive essa preocupação de não virar um teatro. É da comunidade, tem uma relação mais profunda. É isso. Queria conversar com o Seu Adalberto porque ele não estava no dia. E Rafa, você tem como me mandar uma letra da entrada e da saída da Folia?

Rafael Moraes - Passo!

Paulo Vitor - Eu estou falando da parte da música e não tenho.

Rafael Moraes - Mando!

Paulo Vitor - Então se tiver foto, foto do começo. E se tiver e não for pedir demais, o nome das pessoas e idade.

Adalberto - Nós temos. A função de cada um na Folia, o que toca, o que canta, se faz parte do Coral. Quem é mestre, contramestre.

Paulo Vitor - Para colocar no trabalho, é bom, vai ficar lá, e todo mundo que for pesquisar, neto, filho, vai ficar o nome da pessoa e o que ele fazia, um registro com fotos. E quero deixar o outro no Museu. E aí deixo bem organizado, tem que contar história. Eu estou indo pela história e quando eu mandar para vocês me falam se faltou e eu vou acrescentando. Não quero fazer feio.

Adalberto - E o que a gente faz, a gente aprendeu aqui. Quando originou, quem fazia a Folia? Era a família do seu Payola, que eles tinham grupo que entendiam.

Rafael Moraes - Sim, o pai dela foi embaixador

Adalberto - O avô do Padre entendia um pouco, mas o Seu Payola, a Dona Rosa, a Vila, o João e o Arlindo, que são todos irmãos, eles eram da região de Fernandópolis, interior de São Paulo. E eles estavam acostumados. E foi a base de como começou e a gente que veio depois fomos aprendendo com eles. Hoje se você percorrer o Brasil tem vários tipos de Falias de Reis, cada região é um estilo.

Rafael Moraes - Tem as toadas, cada região tem um estilo de toada, um estilo de cantar. A gente aqui puxa muito o estilo do interior paulista, de Querino, Moreno e Moreninho, que são

duplas sertanejas que gravavam Folia de Reis. E tem a Folia de Reis mineira, que é mais lenta. Tem a Folia de Reis baiana que não tem muito instrumento de corda, é muita percussão, como caixa. E tem uma flauta de instrumento diferente. E muda o estilo. Folia mineira e Folia Goiana tem mais sanfona, não tem tanto violino. O Violino é mais na Folia Paulista e do Paraná.

Adalberto - Cada região ela agrega. No interior de São Paulo é muito violão, viola e violino. Os instrumentos de cordas que dão o barulho e puxa.

Paulo Vitor - Bom saber! Porque isso é o que eu vou colocando para descrever bem.

Adalberto - E o papel do bandeireiro nada mais é do que ele abrir os caminhos da Folia de Reis, então ele leva no simbolismo da bandeira a natividade, o nascimento de Jesus. A nossa bandeira tem como lema o presépio. Então se você olhar na bandeira você verá a estampa do presépio com o nascimento, a estrela guia, os três reis magos, José, Maria, Jesus, a natividade completa. E a bandeira abre os trabalhos, ela é a força da Folia de Reis, ela que dá força para a Folia de Reis. Sem bandeira a Folia não sai. Antes de começar a cantar, todo mundo faz a reverência, ou se benze com a bandeira. O nosso pessoal passa por baixo da bandeira, pedindo permissão para fazer a apresentação e levar a fé. A bandeira nada mais do que é abrir os trabalhos. Ela é a primeira a chegar, guardada pelos palhaços, os "bastião".

Rafael Moraes - E ele é consagrado, no primeiro dia em 1997, tem até na filmagem que a Folia entrou, cantou, pediu licença, entrou cantando na igreja, cantou saudando o presépio e nesse dia o Padre Vanderlei Ribeiro consagrou a bandeira.

Adalberto - E a bandeira é enfeitada, tem as fitas coloridas. Cada fita colorida tem o seu simbolismo. Começando pela fita branca que representa Jesus e representa a paz. Depois tem a fita azul que representa o manto da Nossa Senhora. Então tem a fita da cor azul. A fita rosa é a de São José, porque São José é carpinteiro, mexia com madeira e o cerne da madeira é rosa e por isso determinou a cor rosa na bandeira. Depois vem as três cores, que é vermelho, a verde e amarelo. E cada uma representa os três reis magos.

Rafael Moraes - E os presentes, ouro, incenso e mirra.

Adalberto - E os três reis magos: Belchior, Gaspar e Baltazar. E os presentes que cada um entregou. E nada mais são do que tinha de nobre na época, o outro representa a majestade. O incenso representa a divindade, que Deus é humano, mas é Deus também. E a mirra que representa a parte humana de Deus, Jesus. Então tem tudo isso no simbolismo da bandeira. Os reis quando chegaram para visitar Jesus eram reis do Oriente. E eram os povos. Então eles falam que era da Babilônia, que era o império que tinha na época. Da Arábia que era outro império e os Persas. Por isso que eles falam que um rei era branco, o outro negro e o

outro cor do jambo. Que era a cor da Pérsia, Índia. E o negro representava Arabia, que eram os reinos da África e o branco que era a Babilônia. E tudo isso tinha simbolismo. E os presentes que cada um trouxe. Mas a bandeira tem todo um significado e simbolismo.

Paulo Vitor - Não se pode passar na frente da bandeira? Ela tem que estar sempre à frente?

Rafael Moraes - A Folia caminha e a bandeira vai na frente.

Adalberto - Sim, todo mundo da Folia tem que estar atrás da bandeira, ela sempre está na frente. Até na hora da entrada os palhaços não estão na frente da bandeira. Então a bandeira está na frente, depois os palhaços e depois os músicos que cantam. A gente procura sempre se organizar para não perder essa cultura. E quando eles estão cantando a bandeira fica na frente do povo ou do altar. Na hora da missa, por exemplo, a bandeira tem que ficar na frente do altar. O momento eucarístico.

Rafael Moraes - E quando canta nas casas a bandeira fica de frente aos foliões e aos devotos.

Adalberto - Sim. E sempre do lado do presépio. Em todo lugar que vai cantar ela está ao lado do presépio, está ali para fazer adoração ao menino Deus que está nascendo.

Paulo Vitor - A bandeira mudou toda sua vida depois que virou bandeireiro?

Adalberto - Eu gosto de ser bandeireiro. E quando não vou o Rafa que fica incumbido de escolher a pessoa que vai segurar a bandeira. Geralmente nas casas, o dono da casa, fazemos a apresentação, pede licença para entrar. E depois o dono da casa segura a bandeira, os familiares. E ao longo da apresentação tem um momento que a bandeira percorre todos os cômodos da casa, para abençoar a casa que estamos visitando. Então o dono vai, leva a bandeira nos cômodos da sua casa, vai sempre um palhaço junto, porque ele nunca pode abandonar sua bandeira. No interior, nunca presenciei, mas dizem que quando um palhaço encontra com a outra, geralmente o palhaço da outra folia tenta tomar a sua bandeira.

Rafael Moraes - Sim, tem uma história que quando embaixador se encontrava com a outra folia, eles cantavam, viam que fazia mais verso e tomava a bandeira do outro.

Adalberto - As folias do interior são assim. Meu pai já foi organizador de festa de Folia de Reis, então a folia passava, os sitiantes doavam porco, galinha e meu pai passava depois para recolher para levar para a festa do dia 6. Levava para a igreja, fazia a festa, o porco que era arrecadado ele matava, fazia as carnes, frango, galinha. Ou era em fazenda.

Rafael Moraes - Sempre tem o festeiro. Aqui na cidade fazemos nas igrejas, mas no interior ainda fazem assim. E tem o casal festeiro, que é o que recebem as coisas e preparam as coisas.

Paulo Vitor - Então vocês têm uma relação com a Folia lá de trás?

Adalberto - Já tinha! Eu sou de Jales, uma cidade do lado chama Três Fronteiras e todo dia 6 eles fazem encontros de Foliás de Reis e as festas duram três, dois dias. E dura o dia inteiro. Uma cidade de 20 mil habitantes, a festa de rei é para 20 mil pessoas, folia que não acaba mais, três dias de festas. Eu era pequeno e via Folia de lá. Depois ficamos muito tempo sem ver Folia aqui em Santo André porque não tinha. Nós viemos em 1972 para Santo André, eu, meu pai e minha mãe. Cresci aqui e depois que fomos conhecer com o pessoal da igreja. Mas lá já conhecia.

Rafael Moraes - E o primeiro embaixador é o meu tio.

Adalberto - Sim, meu tio, irmão da minha mãe, o Ademir, o primeiro embaixador.

Rafael Moraes - Ele já tinha conhecimento, pelo o que ele contava, de ver Folia de Reis no interior, mas não de participar. Ele, minha avó, viam Folia de Reis, mas vieram participar aqui.

Paulo Vitor - Eu não tive essa experiência, porque meus parentes são do interior do Nordeste, Bahia e Pernambuco e lá não tinha. Ou se tinha, não me contaram.

Adalberto - Mas hoje tem muita Folia. A gente sabe do interior de Minas, Espírito Santo, os estados que mais tem Folia de Reis no Brasil. Tem cidade hoje que tem mais de 10 Foliás de Reis. Você pega perto da região de Campinas, como Ribeirão Preto, Taubaté, cidades que tem muitas Foliás de Reis. Grupos que mantêm a origem.

Paulo Vitor - Eu fui para uma cidade do interior, mas tinha muita Congada. Chama Espírito Santo do Dourado, em Minas Gerais. Eles fazem uma festa que é...!

Rafael Moraes - Aqui em Nazaré Paulista tem muita Congada!

Adalberto - Eu estive na semana retrasada em Machado, Minas Gerais, e lá tem a festa da Congada de São Benedito, uma festa organizada pelo Município.

Paulo Vitor - Você não acredita, eu quase virei Secretário de Cultura de lá. De Machado. Tenho dois amigos que na gestão passada eram secretários, um de administração e outro do governo (...) e sabiam que eu trabalhava na cultura e vieram me chamar. Eu ia pegar um ano, mas aí veio a pandemia. Bem na virada de 2020. E não deu certo. Graças a Deus não deu, porque eu ia para lá, ia me enrolar, ia vir a pandemia. Tudo fechando, chegando novo em um lugar, sem conhecer nada. E o interessante é pegar alguém da região, que conhece toda a dinâmica cultural da região. Eu posso conhecer administrativamente alguma coisa, mas é complicado. (...)

Adalberto - Sim! Então, eu conheci a cidade e o pessoal falando que movimentou a cidade e é uma festa tradicional.

Paulo Vitor - Sim, me falaram que essa festa movimenta bem a cidade.

Rafael Moraes - São Benedito é sempre 5 de outubro, um dia depois de São Francisco.

Adalberto - É isso, a Folia de Reis cada ano que passa é um mistério que passa.

Paulo Vitor - Eu não consigo, a cada ano que passa, estou estudando, mas não consigo, já pergunto onde vai ter. Estava um pouco afastado da igreja, depois que minha avó faleceu, eu não estava indo, minha mãe até me puxa a orelha para ir na missa de São Camilo e comecei a ir com a Folia de vocês.

Adalberto - Eu vi na internet que o presépio original de Francisco de Assis não tinha os bichinhos. Só tinha a figura de Jesus, Maria e José e os três reis magos. E o foi São Camilo de Lelis que colocou. Porque ele era também franciscano e introduziu na época os animais presentes.

Nome do arquivo: Entrevista com Padre Vanderlei Ribeiro

Duração do áudio: 20min:31seg (20 minutos)

Data: 06.01.2022

Participantes: Padre Vanderlei Ribeiro

Local: Chamada de vídeo

Moderador: Paulo Vitor

Paulo Vitor - Tudo bem contigo?

Padre Vanderlei Ribeiro - Tudo e você, como está?

Paulo Vitor - Tudo bem Padre! Aquele dia eu fiquei triste, eu gravei a imagem do vídeo e a conversa e depois fui atrás do som (...). A filmagem está e depois eu descobri que quando grava um vídeo de chamada do WhatsApp, ele não grava o som. E agora estou com outro celular para não ter problema.

Padre Vanderlei Ribeiro - Eu não sabia disso também não.

Paulo Vitor - Eu fiquei triste (...) entrei em contato com parente, levei em uma lojinha. Aí fui viajar, tinha um pessoal que mexia com informática e tentaram, mas não teve jeito. Não consegue restabelecer o som.

Padre Vanderlei Ribeiro - Então o que vamos falar?

Paulo Vitor - Vamos conversar sobre a sua história da Folia? E no final você conta como começou a Folia de São Francisco de Assis? Eu estava vendo as entrevistas, voltei a escutar agora, estou redigindo e em todas elas falam do início. O Rafa fala, a Dona Domingas que eu entrevistei fala do início. E todos citam a relação, a Dona Domingas citou muito a relação dela com a Folia. Ela até se emocionou com a questão do pai dela, que era folião. Naquele dia que conversamos o Padre falou sobre a tradição. Ela volta (festa de Santo Reis) quando o Padre retorna e faz a folia aqui em Santo André. Começa a criar uma tradição que nós não tínhamos. Falei naquele bate papo nosso de um pequeno registro de uma Folia que tinha na década de 50 no subdistrito, mas é um comentário, que ninguém sabe quem fez, como foi, não têm o nome da Folia, informação nenhuma. Então a única Folia que temos registro em Santo André é a Folia de São Francisco de Assis, de vocês.

Padre Vanderlei Ribeiro - Então frisando e comentando, a nossa Folia de São Francisco de Assis é de fato a única no momento em Santo André. Não digo nem no momento, nos últimos 20 anos eu não conheço outra equipe de Reis, outra Folia de Reis aqui em Santo André. Nos últimos anos é a nossa Folia de Reis que tem feito esse trabalho de manter essa tradição aqui na região de Santo André. Ela nasce exatamente com a iniciativa de pessoas que querem manter a tradição. Por isso ela nasce. Nasceu com a minha iniciativa, um convite que eu fiz para algumas pessoas, eu ainda era Padre na Nossa Senhora de Paraíso, isso em 1997, 1996 começamos a conversar e foi quando nós começamos a dar os primeiros passos para a criação desta Folia. Eu quis manter a tradição da minha família, dos meus avós, meu avô paterno, João Miguel Ribeiro, ele Folião e Embaixador, aquele que sai com a Folia. E ele era muito devoto dos Santos Reis que hoje celebramos: Baltazar, Belchior e Gaspar. Tradicionalmente são esses 3 nomes. E com a preocupação de manter a tradição familiar. Convidei algumas pessoas, entre elas o meu avô materno que iniciou nessa Folia tocando cavaquinho, ainda temos o cavaquinho azul, ele já faleceu e era responsável pelo cavaquinho. Juntamente comigo o meu avô materno e essas pessoas: Dona Domingas, Seu Valdemar, Seu Sebastião Payola, o Ademir, na outra vez não tinha lembrado. O Ademir que foi também muito importante no início faleceu também. Então temos muitas pessoas importantes que faleceram: meu avô, seu Sebastião Payola, o Ademir que era responsável, era embaixador. Hoje é o Rafael que está no lugar dele. Eles foram fundamentais no início desta Folia. Demos os primeiros passos, organizamos, sentamos, fomos convidando pessoas que já participaram de Foliadas de Reis no passado, no interior de suas cidades que nasceram. Ora eles participavam, ora meus avós, e nessa preocupação de manter a tradição começamos as primeiras reuniões, começamos a convidar as primeiras pessoas. Mandamos fazer a bandeira depois que é o símbolo sagrado para nós. Quem fez essa bandeira foi a Dona Cecília, que mora na Rua Gamboa, no Bairro Paraíso. Ela fez a bandeira há 24 anos atrás. Depois posso

até passar o telefone dela para você. Ela fez a primeira bandeira. A bandeira é um símbolo central na Folia de Reis. A Folia não pode existir sem a bandeira. A bandeira é a que traz a estampa do presépio. E depois essa bandeira vai acompanhar a Folia de Reis, ela é abençoada e se torna um objeto sagrado. As pessoas devotas de Reis tocam nessa bandeira, beijam essa bandeira, penduram fitas na bandeira, por isso ela fica assim bastante bonita, ela fica cheia de fitas coloridas. Tem ali também fotos pequenas, medalhas, enfim, hoje já está uma bandeira bem carregada de passado.

Paulo Vitor - De qual região era a família do senhor? O senhor nasceu nessa região ou é daqui do ABC?

Padre Vanderlei Ribeiro - Eu sou do Estado do Paraná. Os meus avós são mineiros, da região de Três Pontas, Boa Esperança, nasceram ali, mas foram para o Paraná, meu avô foi adulto, casado. Mas eu nasci na região do Paraná, em Jandaia do Sul.

Paulo Vitor - E foi lá que o Padre teve contato com a Folia?

Padre Vanderlei Ribeiro - Nós éramos crianças, mas já acompanhávamos a Folia de Reis. Se saía desse tempo, desde o começo de janeiro até 6 de janeiro, a Folia de Reis andava por todos os lados. Todas as casas, igrejas, cantando Reis. E por onde passava, sempre era uma festa grande. As pessoas faziam festas mesmo, doavam para a equipe de Reis também animais e depois na festa de Reis que era no dia 6 fazia uma festa grande, todo mundo com coisas que foram doando, as pessoas iam doando ao longo do percurso de Reis. De lá tivemos a experiência, depois meus avós vieram para cá e acabou rompendo com isso. Mauá onde meu avô materno morou não tinha Folia de Reis, não teve como ingressar em outra Folia e ele também não conseguiu criar com a dificuldade de reunir pessoas. E o meu outro avô que morava em Campinas também não teve a possibilidade de montar outra Folia. Então conseguimos montar em nome deles.

Paulo Vitor - Padre, referente a Folia, a gente percebe que na área urbana, há uma grande dificuldade, diferentemente das regiões interioranas, onde tem uma cultura mais rural. A religião está forte em qualquer espaço, mas eu vejo que o pessoal mantém essa tradição lá. Em Sul de Minas tem muitas Falias. Aqui no ABC pelo o que eu percebo e até pergunto ao padre que é um Folião desde pequeno. Você acha que essa questão do urbano, da locomoção, da distância, parece que no meio rural todo mundo se conhece, as cidades são menores. E quando é um festejo voltado ainda para religiosidade católica é muito forte, a cidade para. O Padre acha que tem a ver com essa questão do urbano?

Padre Vanderlei Ribeiro - Com certeza! As pessoas ficam deslocadas. Lá na região nossa, por exemplo, no Paraná, trata-se de uma cidade menor e a tradição é mais viva. O meio

urbano acaba rompendo com essas tradições, costumes. As pessoas ficam mais distantes. Tanto é que no início da Folia, por 20 anos, nós fizemos todo primeiro de janeiro e fizemos uma apresentação na Rádio Imaculada. Antes era aqui na Cidade dos Meninos, hoje é no Riacho Grande. Ligavam muitas pessoas para nós: “estou lembrando dos meus pais, dos meus avós”. Então várias pessoas que moram na cidade e tem essa raiz, mas o meio urbano dificulta essa vivência da tradição e essa vivência popular, graças a Deus que nós conseguimos criar essa Folia. Talvez hoje seria ainda mais difícil. No tempo que criamos foi interessante, porque houve um interesse e talvez por ter um padre na frente isso facilitou mais. Mas se fosse para criar hoje, talvez teríamos mais dificuldades. Depois veio a pandemia que estragou demais. Claro que essa diferença do interior para cá é grandiosa! Porque o urbano dispersa. A realidade urbana dispersa, distância, quebra, rompe com a tradição, com os valores. O meio urbano é complicado.

Paulo Vitor - Eu até percebi, padre, posso estar enganado, mas a jornada da Folia de São Francisco de Assis ela continua forte, porque muda um pouco do aspecto do rural que era sair e visitar as casas. E hoje ela se mantém muito mais indo para as paróquias, onde o pessoal que teve contato com a Folia conseguem se locomover para ir naquele dia. Igual hoje tem a missa com a Folia, que horas será? Porque eu preciso ir.

Padre Vanderlei Ribeiro - Às 19:30. Eu costumo acolhê-los, todos os Foliões, os membros da equipe da Folia. Eles chegam na porta da Igreja, fazem uma saudação pedindo licença. Esse é o roteiro. Depois eles entram na Igreja, saúdam o presépio, depois cantam mais um pouco e fazem toda essa introdução e esse rito e depois começamos a missa às 20h. Uma missa mais curta. E no final da missa eles cantam novamente, fazem as despedidas, as músicas referenciais, vão ao salão onde teremos uma confraternização com o bolo que é o principal. O bolo dos Foliões. Ali se canta um pouco mais e encerra. No nosso caso já estamos complementando 24 anos. Ano que vem seria 25 anos completando.

Paulo Vitor - Foi ótimo! Peço desculpas pela entrevista passada. Mas foi bom que estou conversando com o Padre no dia de Reis.

Padre Vanderlei Ribeiro - Foi um prazer, que a Folia esteja registrada na cidade e isso é bom porque cria história. E eles também ficam contentes. Várias pessoas passaram por essa Folia. Ainda bem que temos jovens, poucos jovens, que têm se interessado por isso. Um deles é o Rafael, um moço novo, mas que representa a Folia e gosta! Muito legal! E tem também outros jovens, tem o que toca violino, os instrumentos como violino, afoxé, caixa, a viola, o violão, o pandeiro, o cavaquinho, são os instrumentos da nossa Folia. Então é isso aí! Estamos à disposição se precisar conversar mais podemos falar!

Paulo Vitor - Está ótimo, Padre! Hoje eu estarei aí acompanhando a Folia, tirando algumas fotos e participando da missa.

Padre Vanderlei Ribeiro - Ótimo então! Será bem-vindo!

Paulo Vitor - Obrigado, Padre! Tenha um bom dia!

Padre Vanderlei Ribeiro - Igualmente, tchau!

Paulo Vitor - Agradece e encerra.

Nome do arquivo: Entrevista com Dona Domingas e Seu Valdemar

Duração do áudio: 54min:46seg (54 minutos)

Data: 28.12.2022

Participantes: Domingas de Carvalho Bonfim, 78 anos e Valdemar Alves do Bonfim, 79 anos

Local: confidencial

Moderador: Paulo Vitor

Paulo Vitor - Eu sou da Secretaria de Cultura de Santo André e tem um trabalho que atuamos com a cultura. Sei que a Folia de Reis tem a religião, a fé, mas também tem a cultura. E também na faculdade. Estou entrevistando o pessoal da Folia de Reis até para deixar um registro no Museu, depois vou deixar com eles as entrevistas, tudo que foi feito. Para as crianças que vem pela frente saberem como foi, o que fez, quando começou. A Folia de Reis em Santo André não tem registro. Eu encontrei só um registro de uma moça falando que em Santa Terezinha, na década de 50 teve uma Folia de Reis. E depois li no jornal também. Mas não tem falando quem, como foi, só contaram que tinha uma Folia lá muitos anos atrás. Para que não aconteça isso com a nossa Folia aqui de Santo André eu fui atrás para fazer as entrevistas. E foi para a faculdade e para o serviço. Tanto que eles fizeram, já foram em algumas atividades nossas (Secretaria de Cultura) mostrar a Folia e a gente tem essa preocupação com quem começou, com quem é Folião 9 (...) conversar com vocês para contar um pouco da Folia, como começou? Desde quando teve contato? Geralmente vocês foliões (...) Às vezes fico sabendo histórias da minha família que não sabia. Meu avô agora está com 94 anos, ele é do interior de Pernambuco e ele está ficando em casa com a minha mãe, agora que estou tendo mais contato (...) estou conseguindo puxar bastante coisa. Que é a minha história. Que para mim é novidade (...) Minha mãe faz um café e vem história.

Seu Valdemar - enriquece!

Paulo Vitor - Sim, e antes tinha uma história e agora vem outra história (...) a parte do meu pai veio da Bahia, do Senhor do Bonfim, meus avós, meus tios....tinha um tio que até morava aqui na rua de trás (...) depois eu descobri que meu bisavô é De Souza e quando ele foi registrar meu avô, ao invés dele colocar: Pedro Vitor de Souza, ele colocou Pedro Vitor Filho. Mas Filho não é sobrenome e todos meus tios viraram Vitor, com erro de cartório. E descobri isso na pandemia. Porque meu avô já é falecido e meu pai pegou uns documentos na casa da minha tia e trouxe. E eu falei: deixar eu ver a certidão de nascimento. Tem até a carteirinha quando meu avô veio para a Vila Metalúrgica. Guardei tudo. História da família.

Dona Domingas - Tem que ter, eu falei para eles: temos que fazer uma carta, a história de quando nasceu e porque existiu a Folia. Lá de antes, eu vou ficando distante da memória. E vocês não vão lembrar. E temos que fazer um histórico. Na época fez, porque eu falei que lá na frente não posso estar com as ideias tão boas e lembrar. E tem que ter a história da origem. Por que Folias de Reis? Tem coisa que sabe e coisa que não liga uma com a outra.

Dona Domingas - Sim, quando foi fundada a Folia de Reis de Santo André foi dita: como não tem uma Folia de Reis em Santo André? Uma cidade que não é tão jovem.

Seu Valdemar - E não é tão pequena.

Dona Domingas - E foi quando nos sentamos lá trás.

Seu Valdemar - O Padre Vanderlei vinha cobrando: vamos fundar uma Folia de Reis.

Dona Domingas - E ele falava que não dava, que não tinha embaixador.

Seu Valdemar - O Padrinho do Rafael me ensinou a tocar violão.

Dona Domingas - Eu mandei ele calar a boca, porque ele foi lá em casa dizer que não tinha como criar uma Folia de Reis. E ele ficou bravo porque eu discordava dele. E quando ele chegou nervoso, eu: "Ademir, cala a boca e me ouve! Eu não chamei aqui para me empurrar e me derrubar. Eu chamei para trocar ideia". Por quê? Qual Folia de Reis que você já viu que é original? Mostra para mim! Folia de Reis é um canto que cada um tem a sua forma, o seu rosto, essa nossa vai ter o rosto de Santo André. Por quê? Porque ela é Folia de Reis de Santo André. Tem a Folia de Reis do Baeta, não tem? Não sei se ainda tem, mas na época tinha. E essa será a Folia de Reis de Santo André. E de São Bernardo é São Bernardo, porque tinha foliões do centro de São Bernardo. E cada um forma uma Folia de Reis como quer, porque não tem uma norma, um "x". Não! Claro, que nem na época ele falou: "como vai criar uma Folia de Reis?" Eu falei: "sou filha de folião!". Meu pai era um folião apaixonado, não cantava e tocava, porque ele tocava na época o que era chamado de Pé de Bode, um nome

esquisito. Mas disse que era um pouco baixo, não é? Meu pai tocava na Bahia. Ele era baiano legítimo! Baiano que briga para defender a Bahia inteira.

Paulo Vitor - Ele era de onde?

Dona Domingas - Lá perto de Bom Jesus da Lapa.

Seu Valdemar - A minha família também é de lá.

Dona Domingas - Estamos na mesma estrada! E meu pai quando eu cantei música de Folia de Reis o primeiro dia, eu senti assim algo estranho, muito alegre em mim! Aí eu disse: "pai, eu sei que onde o senhor estiver está vibrando o seu grande desejo!" Demorou, mas chegou! Quem não sabe nada, não canta nada. Mas eu sei, que nem esse Ademir que nós batemos boca e eu mandei ele calar a boca. Eu fui boca dura, sem educação. Porque se eu for lhe te dizer quantos homens eu mandei falar a boca e não falavam um "a"? Não era capaz de acreditar como pode uma mulher mandar. Uma vez estava o tio do Rafael e nós estávamos em um ensaio na Capela São Francisco.

Seu Valdemar - Só ele toca violão!

Dona Domingas - E o Ademir, com o outro Wagner que não é esse e tocava sanfona, tocava bem! Se ele conhece bem um ponteado no violão e você menos, para mim você conhece mais do que ele porque você começou agora. Quem é o mais sábio e tem que saber mais? Ele! Ele vem de uma irmã que tocava cavaquinho como ninguém. O irmão tocava violão. Todos eles! Você canta música pelo toque do violão, tocam divinamente. Bandolim? Tocam também! Então a família toda! Ele tinha uma irmã que tocava cavaquinho e olhava para ela e não dava nada e ela pegava cavaquinho.

Paulo Vitor - E era de onde a família do Seu Valdemar- Interior de São Paulo?

Dona Domingas - Ali perto de Jales, Fernandópolis.

Paulo Vitor - Fernandópolis é longe, não é?

Dona Domingas - É muito!

Paulo Vitor - Eu quase fui morar em Votuporanga, lá para aquela região.

Seu Valdemar - Chegando em Fernandópolis.

Dona Domingas- Divisa!

Paulo Vitor - Divisa com Mato Grosso, né? Meu pai foi trabalhar lá, mas não deu certo e voltou (...) Minha irmã foi agora com meu cunhado (...) Foram para São João da Boa Vista.

Compraram um terreno maior, já compraram duas galinhas, coelho. E aí começa a criar e não quer sair.

Seu Valdemar - Começa a criar e fica com dó dos bichinhos.

Dona Domingas - Pois é, e assim foi eu no interior e voltamos. Hoje estamos aqui.

Paulo Vitor - E a senhora conhecia a Folia de lá?

Dona Domingas - Sim, e por isso que vocês dois que são jovens devem sempre ter uma direção. Porque isso edifica a família. Eu era criança, com 5, 6 anos e meu pai foi folião na Bahia. Meu pai analfabeto, não sabia escrever nem ler, não sabia nem um “a” e nem um “o”. Meu pai era um folião apaixonado! Sabe quando alguém é apaixonado por alguma coisa? E lá onde nós morávamos apareceu uma Folia no bairro vizinho e o meu pai ia como daqui quase até São Caetano a pé para ver a Folia de Reis e eu ia junto com ele. Porque ele comentava com todas as pompas e entusiasmo. E eu gostava de ouvir as histórias do meu pai. Eu aprendi a amar a Deus com toda a minha força por causa do meu pai. Na beira da minha mãe eu não falava muito isso, porque ela tinha ciúmes, porque eu não falava sobre ela como eu falava do meu pai. Mas é que os dois brigavam muito e eu não tinha nada a ver com isso. E como eu falava para as minhas irmãs, elas eram contra o meu pai e dava razão para a minha mãe. E eu falava que eu não tinha que dar razão para ela ou para ele. Foi eu que escolhi os dois para casar? Não! Então eu amo a mãe como a minha mãe, mulher brava, lutadora, trabalhadora, mulher de fé, digna, honesta. Então tudo que sou eu devo à minha mãe e ao meu pai. Os defeitos deles, as brigas deles, é problema deles! São primos e casaram. Sabendo que de um saía faísca e o outro o fogo já estava aceso para brigar. Eles eram valentes os dois, um com o outro! Um era primo legítimo do outro. Saiu galho da mesma família, briguenta! Povo briguento! Já vinha de geração. Minha mãe dizia que era de família rica e fica pobre. Então eu falo para você, que achava que eu podia me proteger, zelar em nome da família. Mas não dá. Ou do lado do meu pai ou do lado da minha mãe.

Paulo Vitor - Quando começou a Folia foi o Padre Vanderlei que chamou vocês?

Dona Domingas - Foi! Era assim: o avô do Padre Vanderlei Ribeiro, era o pai da mãe dele, ele e o avô dele por parte de pai era de Campinas. E a família do padre era toda de foliões.

Paulo Vitor - Seu Valdemar estava desde o início?

Seu Valdemar - Sim! E como eu tocava violão, estava.

Dona Domingas - Ele, é assim, se pedir para fazer alguma coisa? É difícil! Antes de tentar já é difícil. Ele chegou um dia em casa eu estava lavando louça e sabia que o Padre Vanderlei Ribeiro era apaixonado por uma Folia de Reis. Aí ele chegou e falou: hoje estou um pouco

irritado. Eu falei: por quê? Ele: Porque o Padre Vanderlei Ribeiro tocou no assunto que quer a Folia de Reis. Como a Folia de Reis? Não há ninguém que entenda nada de Folia de Reis”. E eu estava lavando louça e pensando comigo que ele foi um homem, um (...), e eu sofri muito. E eu pensava: consegui! Porque você curar alguém que está longe de um vício é uma coisa, mas eu que moro aqui e o bar do outro lado da rua, é complicado ou, não é? E eu dizia para mim: não podemos mudar!

Seu Valdemar - A esse agradecimento a esse milagre que eu alcancei, larguei da bebida.

Dona Domingas - Por que? Veja bem como é o teste da vida. Nós moramos com a nossa casa no outro lado do bar com bebida e do lado de cá eu construí o salão para uma sorveteria e fiz curso para fazer sorvete. E comprei uma máquina industrial grandona que saia 12 litros de sorvete. Ai eu lhe digo: trabalhei, mas realizei. Graças a Deus! Fiz curso, ganhei passagem e despesa de Hotel lá em Santa Catarina para eu ir, porque eu comprava muito! Eles me deram na Cantareira, perto do Mercadão, era lá que eu fazia compras. E lá eles me deram passagem.

Paulo Vitor - E vocês moravam onde?

Seu Valdemar - Em frente à casa do Wagner, as duas portas de aço. E ali eu vendia sorvete.

Dona Domingas - E realizei na vida. A fila um dia encheu o salão e eu com ele, no caixa o filho mais novo e uma menina de 15 anos que eu tinha e ele, encheu de gente que a fila foi indo na calçada e foi para o meio da rua. Quando eu vi os carros paravam porque o povo estava no meio da rua. Aí eu parei de atender, pedi para o pessoal encostar a calçada. Estava construindo alia inda. E falo para você, eu vim aqui no Parque das Nações fazer compras, um pouco de produto para iniciar. E ali eu encontrei representante da Cantareira. Eu fui lá para São Paulo e os homens daquelas lojas da Cantareira que mexem com sorveteiro de ter 10, 40 sorveterias. Redes de sorveterias. Chega um pé de chinelo e quando vi que nada tinha. E o dono da loja me ensinou a negociar, me ensinou comprar.

Paulo Vitor - Isso foi em que ano?

Dona Domingas - 1977.

Paulo Vitor - O ano que eu nasci! Estou com 45 anos!

Dona Domingas - Eu ia para lá e comprei um Monza e não sabia dirigir para São Paulo. Eu dirigia na região de Santo André e não para São Paulo. Aí eu chamei o tio do Rafael para me levar de motorista. Porque eu tinha um carro, dirigia, mas por aqui, por Santo André, São Bernardo, mas a maior parte era aqui.

Paulo Vitor - E tinha menos carro como hoje?

Dona Domingas - Tinha bastante. E eu comprei o Monza e ele me ensinou. Era de uma mulher de São Caetano e eu saí com meu filho para ver um carro usado, mas bom. E o primeiro carro que pegamos na revendedora foi aquele Monza. Monza Classic 2.0. Demos algumas voltas e chegamos na segunda aqui na entrada de São Caetano, na primeira revendedora. Paramos perto da GM e entramos naquele carro. Conservado e barato, porque a mulher dona do carro estava pegando o zero, mas tinha que pagar o resto à vista. E ela estava desesperada e baixou o preço. Eu olhei naquele carro, e você sabe que eu não achei? Porque o dinheiro que tinha que pagar eu não tinha. Eu olhei e falei assim: eu posso dar uma volta? Ele: pode sim! Ele já me deu o documento e a chave. Eu não ia saber dirigir, mas o filho estava junto. Aí ele falou assim, o rapaz: podemos dar uma volta? E ele: pode! Aí o filho falou: mãe, a senhora tem que comprar esse! Financia que eu ajudo! Chama-se Paulo.

Seu Valdemar - Ele mora naqueles prédios ali.

Paulo Vitor - Ele tem quantos anos?

Dona Domingas - Tem 50, 52 anos.

Seu Valdemar - Ele entrou na Scania e está até hoje.

Dona Domingas - Ele foi um menino que me deu muito trabalho, mas eu era... E foi meu vizinho que o arrumou para ele na Scania. E ele falou: mãe, eu vou te decepcionar na escola, porque ele ia estudar em Santo André. Mas ele me disse que no trabalho ele não ia me decepcionar. E eu falei: você vai apanhar de mim na cara se me decepcionar. E agora ele está lá.

Seu Valdemar - Já tem mais de 31 anos lá

Wagner Martins - Crescemos juntos! Ia para a balada junto! Por isso ela é minha madrinha.

Dona Domingas - Ele é amigo de verdade. E assim quando o Seu Ademir veio, mandei calar a boca, por quê? Como vai ter Folia de Reis sem embaixador? E eu falei para ele: me mostra qual Folia de Reis é padrão? Não existe! Cada um tem a sua Folia de Reis. Baeta é um e Santo André vai ter agora, vai ou racha. Eu vim pedir ajuda para caminhar, para empurrar para trás eu fico sozinha de pé. E ele: não tem embaixador. Eu falei: você, se você quiser. Se não quiser, não vou agradar. Ou é, ou não é. Mas não empurra para trás. Já viu que a Folia de Reis não é padrão? Todas uma parecendo com a outra? Um pouco sim, mas isso eu tenho de geração do meu pai. E ele falou: como assim? Eu falei: já escrevi ao Padre e ele veio e assinou. Tem que ter música na chegada, tem que ter música pedindo licença, tem que ter a música de saudar o povo, de agradecer o povo, e eu sei, tenho tudo escrito. Ele: como a

senhora escreveu? Eu: sou filha de um folião! Meu pai! E sou apaixonada pelo o meu pai. Eu amei e amo minha mãe, mas meu pai é admirável. Eu tenho um pouco dele! Não há hora que eu não lembre-se do meu pai. Aí eu falo para você que nessa história, quando o Ademir que chegou lá que ele tinha ido pegar uma folha de canto, eu tinha escolhido os cantos de entrada, canto de pedir licença, canto de saudar o povo, tudo isso por que? Porque o meu me levava. E por isso eu falei para você quando sentou: cuida dos filhos! Para ser continuação de vocês.

Paulo Vitor - E o primeiro embaixador foi a senhora?

Dona Domingas - Não, embaixador foi o Ademir.

Seu Valdemar - Padrinho do Rafael. Depois ele ficou doente e morreu e o Rafael ficou no lugar. Hoje em dia ele toca nas costas.

Dona Domingas - Todo mundo respeitava o Ademir, porque ele era bravo. Mas ele me respeitava, porque eu mandava ele calar a boca. Um dia ele e o outro Wagner partiram para uma discussão, bateram boca e estava vendo um bater na cara do outro. Eu falei: cala a boca os dois! E a avó do Rafael veio e eu falei: você também! Eu estou falando que ninguém aqui fala A ou B, sou eu que vou falar. E vocês, não quero saber quem tem ou não razão, onde já se viu ter razão brigando? E todo mundo aquietou, paramos um pouco. Depois tinha o outro Wagner que não é esse e nem o que saiu, era da sanfona, e ela briguento que só ele, só faltava voar na garganta.

Paulo Vitor - A de São Caetano acabou.

Dona Domingas - Pois é, eles vieram uma vez no Paraíso. E como aquilo que Deus planta, ninguém arranca! Porque olha aí a Folia, está aí! Foi plantada assim! E planta com profundidade! E como é profundo? Na oração, com os dois joelhos que foram feitos para isso. Nós temos que fazer história. Essa que lhe contei é a minha história. Não estou morando lá, moro em frente à casa dele. Fiz o que pude e um pouco mais e aqui não podemos mostrar nada. Então se for apresentar como outro dia que apresentou Folia de Reis e estava com um pouco de garoa, aí cantou lá dentro.

Seu Valdemar - Geralmente não entra.

Dona Domingas - Até eu concordo, como tem várias pessoas de várias cidades e esse problema do vírus que está por aí, tem que ter cuidado. Porque tem um idoso, um que não está com boa saúde. Então nem passa aqui dentro. Para ir lá onde a gente ensaia, sobe e dá a volta por fora.

Seu Valdemar - Será que fez a curiosidade?

Paulo Vitor - Sim! E só de conhecer vocês aqui eu já fico feliz, espero conseguir escrever um pouco da história de vocês para deixar no Museu, ela faz parte da história e vocês fazem parte da história. Mas o mais gostoso é estar aqui com vocês e ouvir e o que me deixa mais feliz.

Dona Domingas - E eu lhe digo, todos nós, você jovem tem que ter uma história e fazer essa história. História de que? De fé! De fundamento. É algo que vai ficar aos filhos, aos netos, isso é importante.

Seu Valdemar - Esperamos que tenha passado a curiosidade.

Paulo Vitor - Seu Valdemar eu volto, espera passar essa correria de final de ano, um dia eu marco com o Wagner e venho aqui.

Dona Domingas - E vem com o Rafael, ele canta!

Paulo Vitor - Eu sou ruim de cantar, quando canto todo mundo vai embora.

Dona Domingas - Não tem problema, uns cantam, outros dançam, outros pulam.

Paulo Vitor - Agradece e encerra.

APÊNDICE B – Modelo de Autorização

Escola de Artes Ciências e Humanidades
Universidade de São Paulo
Mestrado em Estudos Culturais

Cessão Gratuita de direitos de depoimento oral

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): _____

RG: _____

Domiciliado/residente

em:

Bairro: _____

Cidade: _____,

ESTADO: _____

Declaro ceder ao pesquisador Paulo Augusto Ferreira Vitor, CPF. XXX.XXX.XXX-XX, RG XX.XXX.XXX-X, emitida pelo SSP-SP, residente da Alameda Calcutá, XX, Vila Metalúrgica, Santo André, São Paulo, sem qualquer restrições patrimoniais e financeiros, a plena propriedade dos direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador aqui referido para subsidio à construção de sua dissertação de mestrado em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. O pesquisador acima citado fica autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais o mencionado depoimento, no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade do conteúdo do depoimento e identificação da fonte e autor.

Santo André, _____ de _____ de 2022

Assinatura

Ressaltamos que as referidas autorizações assinadas pelos depoentes encontram-se em responsabilidade do pesquisador, não sendo publicadas nesta pesquisa devido a proteção de dados pessoais dos entrevistados.